

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO
MESTRADO**

DANIEL LONGHINI VICENÇONI

**ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO NOS ESCRITOS DE SANTO
ANTÔNIO MARIA ZACCARIA (1502-1539)**

DANIEL LONGHINI VICENÇONI

**MARINGÁ
2021**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO
MESTRADO**

**ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO NOS ESCRITOS DE SANTO
ANTÔNIO MARIA ZACCARIA (1502-1539)**

DANIEL LONGHINI VICENÇONI

**MARINGÁ
2021**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO
MESTRADO**

**ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO NOS ESCRITOS DE ANTÔNIO MARIA
ZACCARIA (1502-1539)**

Dissertação apresentada por DANIEL LONGHINI VICENÇONI, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientador(a):

Prof. Dr.: CEZAR DE ALENCAR ARNAUT DE TOLEDO

Coorientador:

Prof. Dr.: ALESSANDRO SANTOS DA ROCHA

MARINGÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

V633e

Vicençoni, Daniel Longhini

Espiritualidade e educação nos escritos de Santo Antônio Maria Zaccaria (1502-1539) / Daniel Longhini Vicençoni. -- Maringá, PR, 2021.
125 f.

Orientador: Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo.

Coorientador: Prof. Dr. Alessandro Santos da Rocha.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2021.

1. Educação - História - Brasil. 2. História da Educação - Brasil. 3. Santo Antônio Maria Zaccaria. 4. Barnabitas. 5. Séculos XVI. I. Toledo, César de Alencar Arnaut de, orient. II. Rocha, Alessandro Santos da, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

CDD 23.ed. 370.9

DANIEL LONGHINI VICENÇONI

**ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO NOS ESCRITOS DE SANTO
ANTÔNIO MARIA ZACCARIA (1502-1539)**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo (Orientador) –
UEM

Prof. Dr. Paulo Romualdo Hernandez – UNIFAL - Alfenas.

Profa. Dra. Adriana Salvaterra – UNESPAR – Apucarana.

Profa. Dra. Marli Delmônico Araújo Futata – UEM.

Maringá, 30 de Março de 2021

Dedico este trabalho àqueles que acreditam na
educação.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria Cecilia e Ricardo, por todo apoio que me deram. Sem vocês, eu não conseguiria chegar até aqui.

Aos meus familiares, tios, tias, primos e primas e, especialmente, a avó Dalva. Seu apoio diário e suas orações, sem dúvidas, me motivaram a nunca desistir.

Ao Prof. Dr. César de Alencar Arnaut de Toledo, pois suas orientações foram fundamentais na construção de todo trabalho. Você me ensinou a ser um pesquisador. Obrigado por tudo!

Ao Prof. Dr. Alessandro Santos da Rocha, que, desde o início, acreditou que esse projeto seria possível. Seu incentivo e sua ajuda foram essenciais em minha caminhada.

À Profa. Dra. Maria José Aviz do Rosário, por ter me acolhido em sua casa e me auxiliado nas pesquisas em Belém. Sua ajuda foi providencial.

Ao padre Francisco Maria Cavalcante Júnior (CRSP) por toda ajuda que me deu em Belém. Sem dúvida alguma, eu não teria concluído meu trabalho se não fosse sua prontidão e caridade.

Ao Pe. Manoel Martins (CRSP), pela assistência e confiança depositada em mim. Os livros emprestados da biblioteca do Seminário de vocês me ajudaram muito. Também agradeço ao religioso Bruno Maria Barbosa (CRSP). Os primeiros livros que você me enviou permitiram que eu desse continuidade à pesquisa.

Aos professores Dr. Paulo Romualdo Hernandez, Dr. João Carlos da Silva, Dra. Marli Delmônico de Araújo Futata e Adriana Salvaterra, pela participação na banca de qualificação. Os apontamentos feitos foram essenciais para a conclusão do trabalho.

Ao Prof. Me. Leonir Borges, grande amigo que me ajudou em toda trajetória do mestrado. Ao Prof. Dr. Marco Antônio Oliveira Gomes, por toda ajuda que me deu nesses dois anos de estudos.

Ao prof. Dr. Marcos Ayres Barbosa, por ter feito uma excelente revisão de normas no meu trabalho.

Ao amigo Ítalo Ariel Zanelato e amiga Amanda Malheiros, companheiros do mestrado que tornaram a caminhada mais leve e alegre.

Aos professores que compõem o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM.

Aos meus amigos Gabriel Felipe, Matheus Grecco, Vitor Gabriel Sampaio, Alan Rocha, Yan Gustavo, Vinicius Marin, Ricardo Fedrigo e Ricardo Pazzini que constituem nosso querido “clube do bolinha”.

Aos amigos e amigas que caminharam comigo na graduação e continuam na minha vida, Mariana, Nathália, Karina, Kerolay e Giovanni. Obrigado por todo incentivo!

À minha namorada, Natália, por todo apoio, puxões de orelha e incentivo nessa etapa da minha vida.

Ao amigo padre Audinei Carreira da Silva, por sempre me ajudar e me incentivar a estudar sempre mais.

À professora Sonia Maria Dornellas Morelli pela correção gramatical.

Ao Hugo Alex da Silva, pelo profissionalismo e excelente atendimento. Seu trabalho é essencial para todos os alunos do PPE-UEM.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa.

VICENÇONI, Daniel Longhini. **ESPIRITUALIDADE E EDUCAÇÃO NOS ESCRITOS DE SANTO ANTÔNIO MARIA ZACCARIA (1502-1539)**. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: César de Alencar Arnaut de Toledo. Maringá, 2021.

RESUMO

A dissertação apresenta um estudo pautado nos princípios da pesquisa bibliográfica e documental, circunscrita ao campo da História da Educação. O objetivo é analisar a questão da espiritualidade e da educação nos *Escritos* de santo Antônio Maria Zaccaria (1502-1539), fundador de duas Ordens religiosas e de um grupo de leigos, os Clérigos Regulares de São Paulo, comumente chamados de barnabitas, as Irmãs Angélicas de São Paulo e os Casados de São Paulo. Os *Escritos* de Antônio Maria Zaccaria somam doze cartas direcionadas a diversas pessoas, sete Sermões proferidos em suas pregações na igreja de São Vital, na sua cidade natal e dezoito Constituições destinadas aos barnabitas. Esses documentos são as principais fontes deste trabalho, pois oferecem ricas informações sobre o contexto do nascimento do mundo moderno que envolveu transformações no âmbito religioso e espiritual os quais, amiúde, se entrelaçavam com o campo da educação. Evidenciar as contribuições de Santo Antônio Maria Zaccaria para a configuração da Educação na Modernidade foi o problema que norteou essa pesquisa. Sua atuação como padre esteve intimamente ligada ao contexto de crise externa e interna que a Igreja Católica estava enfrentando. Martinho Lutero (1483-1546), em outubro de 1517, divulgou suas 95 teses que criticavam, sobretudo, a doutrina das indulgências e a autoridade eclesiástica. Em pouco tempo, suas ideias se difundiram na Alemanha e, de certa forma, por toda Europa. A Reforma Católica, iniciada antes mesmo das manifestações de Lutero, indicavam que a solução dos problemas da Igreja deveria ser estrutural. Por conhecer os problemas vivenciados pela Igreja, Antônio Maria Zaccaria ganhou destaque pelo seu espírito reformador. Ele entendia que transformações internas deveriam ocorrer e por isso se alinhou com os postulados do movimento da Reforma Católica. O embate com o protestantismo, o esforço para oferecer uma formação teológica sólida para os barnabitas e a busca pela perfeição espiritual são temas presentes nos *Escritos* de Antônio Maria Zaccaria. Como homem do seu tempo, ele contribuiu de forma significativa para a reafirmação do catolicismo, contribuindo decisivamente no campo da educação por meio de seus roteiros pedagógicos e espirituais. O percurso formativo elaborado aos seus religiosos contribuiu para disseminar uma nova concepção de homem, próprio da modernidade, o qual, com disciplina, adequou-se ao mundo do trabalho da sociedade industrial que estava emergindo no século XVI.

Palavras-chave: Educação. História da Educação. Santo Antônio Maria Zaccaria. Barnabitas. Século XVI.

VICENÇONI, Daniel Longhini. **EDUCATION AND SPIRITUALITY IN SAINT ANTHONY MARIA ZACCARIA WRITINGS**. 126 f. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Supervisor: Cézar de Alencar Arnaut de Toledo. Maringá, 2021.

ABSTRACT

The dissertation presents a historical, bibliographic, and documental study focused on the History of Education field. The purpose is to analyze the spirituality and education matter in the Writings of Saint Anthony Maria Zaccaria (1502-1539), founder of two religious Orders and a group of laymen, the Clerics Regular of Saint Paul, usually called Barnabites, the Angelic Sisters of Saint Paul and the Laity of Saint Paul. The Writings of Anthony Maria Zaccaria are twelve letters addressed to several people, seven homilies pronounced in his sermons at Saint Vital Church, in his hometown, and eighteen constitutions addressed to the Barnabites. Those documents are the main sources for this paper since they offer rich information about the modern world birth that involved transformations in the religious and spiritual scope which often connected with the education area. The problem that guided this dissertation was the analysis of the contribution of Saint Anthony Maria Zaccaria to the Modern Education configuration. His acts as a priest were closely related to the external and internal crisis which the Catholic Church was facing. Martin Luther (1483-1546), in October of 1517, released his 95 theses that criticized, above all, the indulgence doctrine and the ecclesiastic authority. In a brief time, his ideas spread in Germany and, in a way, throughout Europe. The Catholic Reformation, initiated even before Luther's manifestations, indicated that the solution to the Church's problems should be structural. For knowing the problems lived by the Church, Anthony Maria Zaccaria was highlighted for his reformative spirit. He understood that intern transformations should occur, therefore he aligned with the postulates of the Catholic Church Reformation. The conflict with Protestantism, the effort to offer a solid theological formation to the Barnabites and the aim for spiritual perfection are subjects in the Writings of Anthony Maria Zaccaria. As a man in his days, he contributed in a significant way to the reaffirmation of Catholicism, crucially improving the education field through his pedagogical and spiritual scripts. The formation journey made to his religious men contributed to the spread of a new conception of man, characteristic of modernity, which, with discipline, adapted to the 16th century emerging industrial society labor world.

Key words: Education. History of Education. Saint Anthony Maria Zaccaria. Barnabites. Sixteenth century.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ANTÔNIO MARIA ZACCARIA E OS BARNABITAS	16
2.1 BIOGRAFIA DE ANTÔNIO MARIA ZACCARIA: DE MÉDICO A PADRE	23
2.2 OS PRIMEIROS PASSOS DOS BARNABITAS.....	39
2.2.1 A ação educacional dos barnabitas após o Concílio de Trento (1545-1563)	44
2.3 AS IRMÃS ANGÉLICAS DE SÃO PAULO	53
2.4 OS CASADOS DE SÃO PAULO: UMA APOSTA NO PROTAGONISMO DOS LEIGOS.....	56
2.5 A CONFSSIONALIZAÇÃO E AS DISPUTAS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO....	61
3 OS ESCRITOS DE ANTÔNIO MARIA ZACCARIA	67
3.1 AS CONSTITUIÇÕES DE ANTÔNIO MARIA ZACCARIA PARA OS BARNABITAS.....	68
3.2 O APÓSTOLO PAULO COMO CENTRO DA ESPIRITUALIDADE ZACCARIANA.....	85
3.3 A ASCESE E MÍSTICA DE ANTÔNIO MARIA ZACCARIA: O CAMINHO PEDAGÓGICO PARA A PERFEIÇÃO ESPIRITUAL.....	89
3.4 A ESPIRITUALIDADE ZACCARIANA E A LUTA CONTRA A TIBIEZA.....	95
3.5 O HOMEM INTERIOR: A ESPIRITUALIDADE DA <i>DEVOTIO MODERNA</i>	98
4 OS BARNABITAS NO BRASIL	103
4.1 A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE OS BARNABITAS NO BRASIL.	103
4.2 A RELAÇÃO ENTRE ESTADO E IGREJA NO CONTEXTO DA TRANSIÇÃO DO IMPÉRIO PARA A REPÚBLICA.....	106
4.3 AS PRIMEIRAS ATIVIDADES MISSIONÁRIAS E EDUCATIVAS DOS BARNABITAS NO BRASIL.....	110
5 CONCLUSÃO	115
REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é analisar a espiritualidade e a educação no pensamento e obra do Santo Antônio Maria Zaccaria (1502-1539) fundador dos Clérigos Regulares de São Paulo, mais conhecidos como barnabitas, das Irmãs Angélicas de São Paulo e dos Casados de São Paulo.

A opção metodológica da pesquisa pautou-se nos princípios da pesquisa histórica, bibliográfica e documental, tendo como fonte primária os *Escritos* (1999) do Santo Antônio Maria Zaccaria. Portanto, o rigor teórico metodológico adotado segue os postulados do campo da História da Educação. Além disso, a Educação aqui foi compreendida de maneira ampla, não se limitando ao seu sentido formal, mas sim, como todo o processo de transmissão de conhecimento entre os seres humanos, a exemplo das catequeses e conferências internas no início da história dos barnabitas.

O interesse pelo tema surgiu ainda no período da graduação, quando, por meio da orientação do Prof. Dr. Alessandro Santos da Rocha, estudamos o livro *História da Pedagogia* (1999), de Franco Cambi. Em nossas análises, nós nos deparamos com o nome de Antônio Maria Zaccaria e dos barnabitas como agentes essenciais no processo de constituição da Educação Moderna. Outro dado que nos chamou atenção foi a ausência da produção historiográfica sobre a temática. O resultado de nosso trabalho se deu na publicação do artigo: “Padre Antônio Maria Zaccaria: o potencial educativo a partir da obra do santo”, apresentado e publicado no VIII Congresso Internacional de História da UEM, em 2017. Devido ao interesse pela temática, entramos em contato com os padres barnabitas da Província do Norte, a fim de encontrarmos mais materiais. Naquele momento, o religioso da ordem, Bruno Maria Barbosa, com autorização de seu superior, nos enviou alguns livros que foram essenciais para o avanço dos estudos. As obras que recebemos foram: *Fogo na cidade*, de Angelo Montonati (s.d.), *Barnabitas no Brasil 100 anos*, de José Maria Ramos da Mercês e *Um itinerário de vida*, de Frei Pedro Paulo di Berardino (1986).

Os avanços na pesquisa, o bom levantamento de literatura sobre a temática e a coerência metodológica com os trabalhos do campo da História e Historiografia da Educação foram fatores decisivos para elaboração de um projeto de mestrado.

A princípio, a pesquisa objetivou analisar a atuação dos barnabitas no Brasil, em especial, o período em que a Ordem administrou o Seminário Diocesano de Belém, de 1903 a 1908. A nossa única fonte primária era um livro publicado em 1928, com o título: *Os XXV primeiros anos dos Barnabitas no Brasil* escrito por Guerino Fracalvieri (1928), Superior Geral da Ordem.

Em janeiro de 2020, foram realizadas pesquisas em Belém/PA, junto ao arquivo do jornal *Voz de Nazaré*, fundado pelos padres Barnabitas, na hemeroteca da CENTUR (Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves) e na biblioteca do Seminário Mãe da Divina Providência, dos barnabitas, localizado na cidade de Benevides, limítrofe de Belém.

Entre os materiais encontrados em Belém, destacam-se oito artigos com autoria de Pe. Vicente, publicados em 1985, no jornal *Voz de Nazaré*, sobre a administração dos barnabitas no Seminário Diocesano de Belém. Além desses textos, foram levantados na biblioteca barnabítica os seguintes livros: *Santas Regras: regras dos noviços* (s.d.), *Constituzioni dei Chierici Regolari di San Paolo* (1976), *Médico y santo*, de Ricardo M. Frigerio (1970), *Ratio Barnabítica: projeto formativo* (1999), *I barnabiti: chierici regolari di S. Paolo*, de Vittorio Michelini (1983), *L'anima della scuola*, de Vittorio Michelini (1958), *Pe. Florencio Dubois: uma pena a serviço da Igreja. Um coração a serviço do povo*, de Pe. Giancarlo Colombo (1973) e *L'educazione della gioventu'*, de Idelfonso M. Clerici (1950).

Os diversos artigos e livros encontrados foram essenciais. Entretanto, as fontes primárias sobre o contexto da administração dos barnabitas no Seminário Diocesano de Belém não foram encontradas, portanto, foi necessário readequar o plano de pesquisa.

Com base nos materiais levantados no decorrer da trajetória acadêmica, dos livros adquiridos em Belém e da reorganização do plano de trabalho, a pesquisa buscou evidenciar as contribuições de Santo Antônio Maria Zaccaria para a História e Historiografia da Educação.

Santo Antônio Maria Zaccaria nasceu em 1502, na cidade de Cremona, Itália, e faleceu no dia 05 de julho de 1539, em sua terra natal. Na sua trajetória de vida, trabalhou decisivamente a favor do movimento da Reforma Católica, no contexto das grandes agitações religiosas do século XVI. Foi beatificado no ano de 1890, pelo papa Leão XIII (1810, papa desde 1878) e canonizado pelo mesmo papa em 1897.

O catolicismo que, por séculos, teve muito poder econômico e exerceu grande influência no campo religioso em grande parte da população europeia, começou a ser questionado. Desde os anos finais do século XIV, alguns intelectuais como, John Wycliffe (1320-1384), Marsílio de Pádua (1340-1396) e João Huss (1369- 1415), apontaram críticas à Igreja. Porém, a partir de 1517, após a divulgação das teses de Lutero, o problema que acontecia internamente se tornou geral e culminou nas diversas igrejas que se criaram em oposição à Igreja Romana.

Antônio Maria Zaccaria estava inserido em um período de grandes transformações no seio do catolicismo e atuou diretamente no movimento de reforma pré-conciliar. Com o intento de renovar a vida religiosa católica, o padre fundou duas Ordens de religiosos e um grupo de leigos: os Clérigos Regulares de São Paulo, mais conhecidos como barnabitas, as Irmãs Angélicas de São Paulo e os Casados de São Paulo.

A hipótese levantada é de que o roteiro pedagógico elaborado por Antônio Maria Zaccaria para os barnabitas contribuiu, diretamente, com a constituição da Escola Moderna, uma vez que disseminou os novos ideais da espiritualidade, que prezavam pela individualidade e pela interiorização, valores que se tornaram predominantes na escola moderna. Assim, os colégios organizados pelos barnabitas levaram diante essa nova perspectiva sobre o ser humano, o qual, inserido em um contexto de transformações, estava se adequando ao mundo do trabalho, marco da sociedade capitalista que se desenhava no século XVI.

O trabalho justifica-se pelo fato de analisar uma fonte pouco estudada no Brasil, sobretudo no campo da História e Historiografia da Educação. O tema não foi encontrado no banco de teses da CAPES (www.capes.gov.br), o que indica uma possível singularidade do trabalho. Com a utilização da palavra chave “Antônio Maria Zaccaria”, foi encontrada apenas uma pesquisa na área das Ciências da Religião, intitulada: *A vivência religiosa sob uma perspectiva pós-moderna: um estudo acerca da Paróquia de Santo Antônio Maria Zaccaria, no município de Capitão Poço – PA*. Porém, tal trabalho não é sobre a vida e a obra do Padre Antônio Maria Zaccaria, mas, acerca de uma paróquia. Com a palavra-chave “Barnabitas”, foram encontradas três pesquisas: “*A Palavra que vivifica e salva contra o mal da palavra que mata*”: imprensa católica - Belém (1910-1930”, “*Sistema educativo radiofônico de Bragança: saberes da prática educativa na educação de jovens e adultos (1960-1970)*” e “*Cultura material escolar e as*

representações de educação no sistema radiofônico para os caboclos 'ingênuos' na prelazia do Guamá (1957-1980)", todas sem relação com o tema da dissertação.

Os Escritos de Antônio Maria constituem-se como fonte rica de informações sobre o contexto em que foi produzido. A partir do exame da sua obra, é possível compreender, com maior profundidade, as reformas religiosas do século XVI, principalmente a Católica, uma vez que ele participou ativamente desse movimento.

A importância dos seus *Escritos* é tão marcante para os barnabitas que, ainda hoje, os documentos formativos da Ordem referem-se a ele, como por exemplo o *Ratio Barnabítica: projeto formativo* (1999), *Constituzioni* (1976), *Regole degli studenti* (1950), ora como tradição histórica, ora como fundamentação teórica. Dessa forma, percebe-se que a obra do padre fundador continua sendo referência primordial na formação pedagógica e educacional, mesmo depois de quatro séculos.

Este trabalho está dividido em três partes. Na primeira, cujo título é: **Antônio Maria Zaccaria e os Barnabitas**, o objetivo foi examinar a trajetória acadêmica e religiosa de Antônio Maria Zaccaria, a fim de compreender os fatores que levaram à fundação de duas Ordens religiosas e do grupo de leigos, bem como analisar o roteiro formativo dedicado aos barnabitas, escrito pelo padre fundador e seu impacto no processo de profissionalização dos séculos XVI e XVII.

A segunda parte, com título: **Os escritos de Antônio Maria Zaccaria**, teve como proposta analisar as cartas e sermões escritos pelo padre fundador dos barnabitas. Neste estudo, buscamos compreender as questões espirituais e educativa presentes em tais documentos, uma vez que, naquele contexto, esses dois campos se entrelaçavam.

Na terceira parte, **Os Barnabitas no Brasil**, o objetivo foi contextualizar a chegada dos barnabitas no território brasileiro. Pelo fato de se estabelecerem no Brasil num contexto de transição do Império para a República, a Ordem teve como função disseminar a doutrina católica por meio da educação; desta forma, fundou e administrou colégios e seminários para formar a população e o clero local.

2 ANTÔNIO MARIA ZACCARIA E OS BARNABITAS

A transição da Idade Média para a Idade Moderna foi marcada por diversas transformações no campo político, cultural e religioso. Entre os diversos acontecimentos que marcaram o início da Modernidade, podemos citar a queda de Constantinopla, no ano de 1453, quando foi tomada pelos turcos otomanos. Além disso, conforme Oriomar Skalinski Junior apontou, a economia europeia teve uma melhora considerável a partir do século XVI, sobretudo pela descoberta das novas rotas marítimas, às quais ocasionaram o comércio com o Oriente (SKALINSKI JUNIOR, 2007). Junto à expansão marítima, observou-se nesse período a ascensão de um grupo de comerciantes e artesãos os quais, ficaram conhecidos pela historiografia como burguesia mercantil. Vale ressaltar que os burgueses não foram antagônicos aos reinados no século XV e XVI; pelo contrário, colaboraram para o fortalecimento dos reis, a fim de obterem prestígio e poder.

O aprimoramento da técnica naval e a criação dos instrumentos que auxiliavam os marinheiros, a exemplo da bússola e do astrolábio, transformaram o mundo, até então, conhecido pelos europeus. Portugal foi o primeiro país a se lançar aos mares em busca de novas terras, no intuito de expandir seus territórios e seu comércio; a Espanha, também, se atreveu a navegar pelos oceanos. A chegada dos europeus às Américas e, por consequência, a criação das colônias deram aos dois países condições privilegiadas no âmbito econômico.

Para além das questões econômicas ligadas à expansão marítima e às grandes navegações, outros fatores tiveram um peso determinante na formação da Idade Moderna, a exemplo, o Renascimento, que foi um movimento artístico, científico, literário, cultural e filosófico, no qual, o grande norte foi o retorno às fontes clássicas da cultura greco-romana. No intento de realçar os ideais da Antiguidade Clássica, os renascentistas se distanciaram da intelectualidade medieval. O apogeu desse movimento se deu na Península Itálica, onde Antônio Maria Zaccaria nasceu. No contexto do movimento renascentista, surgiu também o humanismo; grande parte dos humanistas eram membros da Igreja, entretanto não se restringiu ao catolicismo. Esse movimento tinha como pressuposto a admiração do ser humano, valorizando-o como um ser capaz de desenvolver suas potencialidades ao máximo, conforme aponta o teólogo Urbano Zilles: “O humanismo discerne, nos humanos,

capacidades e habilidade únicas a serem cultivadas” (ZILLES, 2011, p. 48). Porém o humanismo cristão foi um esforço intelectual para unir o pensamento antigo com a teologia cristã. Dessa nova perspectiva, surgiram, também, novas expressões de fé, que deram à espiritualidade e à devoção, fosse ela pessoal ou comunitária, uma nova roupagem.

As práticas religiosas do período medieval foram se modificando em um novo caminho ditado pelos ideais do Renascimento e dos intelectuais humanistas. O interesse voltou-se para o homem e para a vida civil; a concepção teocêntrica passou para o antropocentrismo (MONDONI, 2014). Um outro fator ímpar desse período é que foi a primeira civilização a possuir o livro impresso e isso garantiu a expansão dessas ideias (ZILLES, 2011).

O âmbito espiritual e teológico católico não se propuseram a reviver a teologia medieval; ao contrário, tratou de formular uma nova visão sobre a Igreja e sobre Deus, projetando um novo alcance de fiéis. O pesquisador Juan Belda Plans aponta que essa nova perspectiva do catolicismo foi fruto de uma união fecunda entre a Escolástica e o Humanismo e que teve uma contribuição decisiva para o mundo cultural e científico no nascimento da modernidade (PLANS, 2019).

Nesse contexto da cultura religiosa, surgiu um movimento conhecido como *Devotio Moderna*, que influenciou diretamente o campo religiosos católico. Foi um movimento marcante no alvorecer da espiritualidade e da mística moderna. Iniciado por Geert Groote (1340-1384), disseminado pelos Irmãos e Irmãs da Vida Comum e pelos cônegos regulares das casas religiosas e escolas de Windesheim, na Alemanha (BEDOUELLE, 2010).

O conceito de “devoção moderna” foi moldado no período em que os próprios contemporâneos dos Irmãos e Irmãs da Vida Comum se consideravam um novo modelo institucional de uma cultura de conversão (MADIGAN, 2015). Pode-se entender que foi o próprio sentimento daqueles “devotos” que observaram algo novo na maneira como estavam manifestando a fé. Daí surgiu o conceito que ficou conhecido pela historiografia como *Devotio Moderna*.

Com um posicionamento cada vez mais acentuado na vivência espiritual e mística no período, que aos olhos dos “devotos”, a mesma estava manchada. Ao mesmo tempo, notando a inconsistência teológica do período, os místicos se afastaram, dia após dia, das práticas religiosas habituais (DANIEL-ROPS, 1996). Foi a partir desse distanciamento que a devoção moderna passou a ser formulada. O

movimento constituiu-se como um novo formato de manifestação da espiritualidade, destacando a praticidade, o equilíbrio e a profunda piedade (CANAVARRO, 1991). As Irmãs e os Irmãos da Vida Comum não cumpriam votos religiosos, porém, buscavam viver a partir de uma outra perspectiva, com base em ideários de santidade, obediência e trabalho para sobreviverem, em especial, transcrevendo manuscritos (RIVERO, 2017).

A *Devotio Moderna*, foi um movimento que possuía variadas referências na história da espiritualidade cristã; porém se provou diferente em seu período; em primeiro lugar, a devoção se opunha ao mal estar gerado pela Peste Negra (1346-1353) (CANAVARRO, 1991).

Os pontos mais importantes defendidos pela corrente da *Devotio Moderna* são: a vida interior e os exercícios de piedade (oração, meditação, exame diário, estudos), a vida comum e as obras caridosas, remetidas sempre à devoção interna (RIVERO, 2017). Por meio dos exercícios espirituais, os trabalhos de ascetismo ganharam força na espiritualidade cristã moderna.

O individualismo que muitas vezes apareceu nessa corrente não foi anti-hierárquico, nem mesmo negacionista, ao ponto de se opor à tradição eclesiástica. Além disso, as questões ascéticas como a abnegação, mortificação e obediência eram propostas para vencer os maus hábitos e não uma proposta de ruptura ou separação com a Igreja Católica (RIVERO, 2017).

De um lado, ficaram os fiéis propensos ao modelo de Cristandade, que durou mais alguns séculos e, de outro, os devotos que buscavam um novo modelo de igreja, não pela negação da espiritualidade, mas em nome de uma maior fidelidade à experiência divina (CATÃO, 2009). A partir desses contrastes entre os modelos de vivência espiritual, a *Devotio Moderna* ganhou maior impulso e se disseminou pela Europa, no início da modernidade.

A obra *Imitação de Cristo* de Tomás de Kempis, foi muito emblemática em seu contexto. Considerada como umas das principais referências do movimento da *Devotio Moderna*, o livro foi disseminado por diversos países e influenciou diversos intelectuais. Embora seja uma obra de espiritualidade, a estratégia do autor em indicar os caminhos para conversão a uma nova vida espiritual, com devoção a Cristo, perpassou o campo da educação. Conforme o pesquisador Marcos Ayres Barboza aponta: “[o livro] contribuiu para o desenvolvimento das reformas da educação secundária em todo o norte da Europa, exercendo influência formativa em

pensadores como Nicolau Cusano (1401-1464) e Erasmo de Roterdão” (BARBOZA, 2010). O historiador Phillip Wolff aprofunda a discussão:

Os partidários da Devotio moderna, que se expressam amplamente na *Imitação de Jesus Cristo*, obra do renano Thomas a Kempis (depois de 1420, aproximadamente), pregaram uma vida interior, verdadeiramente dominada pelo desejo de imitar Cristo. Foram fundados hospitais e colegiadas, são concedidas adesões individuais a confrarias, a ordens terceiras, a grupos de Amigos de Deus, que tanto podem proceder de uma inclinação pessoal como de um conformismo ambiente (WOLFF, 1988, p. 174).

Podemos perceber que, além das questões espirituais e religiosas, a *Imitação de Cristo* influenciou diretamente a configuração da Escola Moderna, principalmente no ambiente do norte da Europa, no século XV e XVI. Tal contestação demonstra a importância desse livro para o campo da História da Educação.

Além disso, concomitante à *Devoção Moderna*, apareceu o “Evangelismo”, conforme apontou o historiador Vittorio Michelini, tal corrente se expressou em três grandes áreas: o científico, porque utilizou os diversos meios do conhecimento cultural; o místico, pois se baseava no evangelho e a apostólica, porque se dirigia à sociedade por meio das ações de evangelização (MICHELINI, 1983).

O nascimento do mundo moderno, como vimos, foi marcado pelas transformações de diversos segmentos da sociedade, fosse no âmbito econômico com o nascimento do capitalismo, no cultural com o advento do humanismo, no religioso por meio das Reformas Religiosas, além de marcar o âmbito pedagógico com a gênese da Escola Moderna. As modificações foram tão marcantes que os autores Franco Cambi e Alfredo Veiga-Neto consideram que houve, de fato, uma revolução, sobretudo, nas maneiras de entender a educação (CAMBI, 1999; VEIGA-NETO, 2004).

Foi somente na Modernidade que a Pedagogia foi pensada como procedimento rigoroso e planejado. A educação passou a ser um saber necessário na formação humana, baseando-se no controle das múltiplas variáveis que esse processo exige. Surgiu a noção da Pedagogia social que exerce uma função ímpar: formar o cidadão e o produtor que, aos poucos, chega ao dirigente. Não obstante, a Pedagogia utópica surgiu com intento de questionar e colocar tal desafio como sentido real do pensar (CAMBI, 1999).

No período medieval, a escolarização estava associada ao ensino do latim e à cultura clássica que, de acordo com Inés Dussel e Marcelo Caruso se ligava o processo educativo, especialmente, à teologia e à formação dos clérigos (DUSSEL; CARUSO, 2003). Oposta a essa configuração, na Modernidade, a escola passou a ocupar um lugar cada vez mais central e funcional no desenvolvimento da sociedade. Os novos modelos pedagógicos adotaram diferentes formas de ensino, pautados em solucionar as atuais exigências sociais no âmbito da formação e da instrução (CAMBI, 1999).

Nos anos finais do período medieval, as universidades possuíam um caráter itinerante. Os estudantes, muitas vezes filhos de aristocratas que vivam em ambientes rurais, precisavam de um local para dormir. A partir do século XV, essas pensões se transformaram em uma espécie de internato, tratava-se de tirar os alunos de uma liberdade sem controle, a rua, para prendê-los (DUSSEL; CARUSO, 2003).

Nesse contexto de mudanças, duas instituições educativas sofreram uma reorganização: a família e a escola que, cada vez mais, se tornaram centrais na formação dos indivíduos. O ambiente escolar, tal qual conhecemos, se estruturou no século XV e XVI, quando deixou de ser vinculado somente à formação do clero em geral. Conforme apontou o historiador Philippe Ariès:

A escola deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao do adulto [...] Mas ela correspondeu também a uma preocupação dos pais de vigiar seus filhos mais de perto, de ficar mais perto deles e de não abandoná-los mais, mesmo temporariamente, aos cuidados de uma outra família. A substituição da aprendizagem pela escola exprime também uma aproximação da família e das crianças, do sentimento da família e do sentimento da infância, outrora separados (ÀRIES, 1986, p. 231).

A família passou a ter uma função privilegiada na formação dos indivíduos, tornando-se cada vez mais um espaço pedagógico. E, ao lado do ambiente familiar, estava a escola, que se tornou aliada no processo formativo das crianças: “uma escola que instrui e que forma, que ensina conhecimentos, mas também comportamentos, que se articula em torno da didática, da racionalidade da aprendizagem dos diversos saberes” (CAMBI, 1999, p. 205).

É válido salientar que a educação escolar não era universal, no período de transição do mundo medieval para o moderno, somente algumas famílias conseguiam oferecer para seus filhos as possibilidades de estudar. Conforme o pesquisador Arturo Morgado García, o ensino era um privilégio que somente alguns setores da sociedade poderiam receber, devido aos mais variados fatores: os professores eram pagos pelas famílias dos alunos e, mesmo quando o poder público se encarregava de pagar os professores, as famílias se recusavam a deixar seus filhos estudarem, pois se tratava de perder um trabalhador que consistia em fonte de renda para a casa (GARCÍA, 2017).

A partir do século XV, a organização da escola sofreu diversas mudanças: passou a separar os alunos por idade, pelo menos nas grandes escolas. Começou-se a pensar no professor como responsável em transmitir conhecimentos, mas também em formar o espírito (GARCÍA, 2017).

O nascimento da sala de aula e da pedagogia como um fenômeno científico está interligado ao processo das Reformas Religiosas, oriundas do século XVI. Tamanha a influência das religiões, no que tange os assuntos educativos, que os pesquisadores Norberto Dallabrida, Inês Dussel e Marcelo Caruso indicam a religião como “parteira” da sala de aula (DUSSEL; CARUSO, 2003; DALLABRIDA, 2018).

Os humanistas foram os primeiros a difundir a ideia de que a educação era uma necessidade social. O argumento centrava-se na premissa de que somente através da aprendizagem e da educação seria possível formar bons cidadãos, por isso, era necessária uma formação abrangente que fosse além de meras instruções em disciplinas (GARCÍA, 2017).

Luteranos, calvinistas e anglicanos investiram na fundação de redes de instituições educativas e provocaram uma onda inédita de alfabetização, com objetivo único de conscientizar sobre as práticas religiosas de seus fiéis. A Igreja Católica, por outro lado, criou escolas paroquiais e, principalmente, diversos colégios jesuíticos que se expandiram por toda Europa, Américas e Ásia (DALLABRIDA, 2018).

O pensamento de Lutero apoiava-se na tese de que a educação deveria ser uma obrigação para os cidadãos e um dever para os administradores das cidades. Se, de algum modo, fossem relutantes, a coerção se fazia necessária. Todo esse processo formativo oferecido pela escola era dividido em quatro partes: línguas (latim, grego, hebraico, alemão), para leitura das fontes da Bíblia; as obras literárias

(pagãos e cristãos), para ensino de gramática e leitura de textos sagrados; ciências e artes e o da jurisprudência e da medicina (CAMBI, 1999).

Para Lutero, as bibliotecas e os livros também eram importantes. O reformador afirmava que não deveria haver nenhum esforço para se obter uma livraria ou biblioteca. E o acervo deveria ter: em primeiro lugar, a Bíblia em latim, grego e hebraico, alemão e outras línguas. Outras obras recomendadas eram livros de poetas e oradores que ajudassem no aprendizado de gramática, livro de artes liberais, livros jurídicos e de medicina, manuais de história nacional, entre outros (SILVA, 2018). O historiador francês Roger Chartier demonstra como houve entre os protestantes uma maior posse de livros, quando comparados aos católicos:

Deste modo, a fronteira religiosa parece um fator decisivo no tocante à posse do livro. Nada o mostra melhor que a comparação das bibliotecas das duas comunidades numa mesma cidade. Em Metz, entre 1645 e 1672, 70% dos inventários dos protestantes incluem livros contra apenas 25% dos inventários católicos. E a distância é sempre muito acentuada, seja qual for a categoria profissional considerada: 75% dos nobres reformados têm livros, mas apenas 22% dos católicos os possuem, e as porcentagens são de 86% e 29% nos meios jurídicos, 88% e 50% na área médica, 100% e 18% entre pequenos funcionários, 85% e 33% entre comerciantes, 52% e 17% entre artesãos, 73% e 5% entre "burgueses", 25% e 9% entre trabalhadores braçais e agrícolas (CHARTIER, 2009, p. 133).

O que se pode perceber é que os protestantes, por meio das novas redes de escolas, promoveram um incentivo à leitura que pode ser considerado inédito. Portanto, a educação, fosse pelo estímulo à leitura ou pela fundação de variados sistemas escolares, tornou-se um instrumento essencial na configuração do homem moderno o qual, muitas vezes, entendia a educação e a religião como iguais, afinal, a primeira auxiliava na evolução da segunda.

A Igreja Católica promoveu as práticas educativas, sobretudo pela criação de escolas que eram dirigidas pelos padres e irmãos das novas ordens e congregações que nasceram no período, a exemplo dos Teatinos, dos Barnabitas, dos Camilianos, dos Somascos, das Ursulinas e a mais famosa de todas elas, dos Jesuítas. Esses grupos religiosos, aliados ao humanismo cristão, retomaram os estudos dos clássicos da Antiguidade, bem como os estudos linguísticos, filológicos, teológicos e da patrística.

O novo formato da educação na Modernidade, em especial, a escolar, contribuiu para a configuração do homem moderno. O historiador Norberto Dallabrida aprofunda essa discussão:

Assim, as reformas religiosas desencadeadas pela publicação das 95 teses de Lutero, em 1517, construíram o nascimento da escolarização ocidental a partir de diferentes matrizes cristãs – protestantes e católica. Trata-se de um *divortium aquarum*, que fez emergir a escolarização no espaço ocidental, marcada pela disciplina moderna e materializada por dispositivos como o controle do tempo, o esquadrinhamento do espaço, a organização das forças, o clima de concorrência e de premiação discente e a ênfase nos castigos morais (DALLABRIDA, 2018, p. 209).

A secularização da sociedade, o nascimento do pré-capitalismo, a formação dos Estados Nacionais e as Reformas Religiosas devem ser observadas a partir desse grande conjunto de transformações no campo social, cultural e econômico (SKALINKI JUNIOR, 2010). Afinal, os acontecimentos históricos não são isolados, pelo contrário, cada qual influencia o outro de alguma forma. Foi nesse conjunto de modificações sociais que Santo Antônio Maria Zaccaria atuou. Inserido num ambiente de incertezas, o padre foi responsável por levar adiante a Reforma Católica, especialmente, pelo seu trabalho educativo e pela criação de duas Ordens religiosas, sendo uma masculina, denominada Clérigos Regulares de São Paulo, mais conhecidos como Barnabitas e a outra feminina, chamada Irmãs Angélicas de São Paulo. Além dessas, criou um grupo de leigos, os quais foram nomeadas como Casados de São Paulo.

2.1 A BIOGRAFIA DE ANTÔNIO MARIA ZACCARIA: DE MÉDICO A PADRE

Antônio Maria Zaccaria descende de uma família nobre que, desde o século XIII, possuía muita notoriedade, conforme apontou Guy Chastel, no livro “*Saint Antonie-Marie Zaccaria*” (CHASTEL, 1930). Devido a isso, os Zaccaria se tornaram reconhecidos em Cremona, cidade natal de Antônio. A situação econômica da família Zaccaria não era diferente no século XVI. Eles eram possuidores de muitos bens materiais, riquezas e *status* perante a cidade de Cremona. Nessa mesma cidade, no ano de 1502, nasceu Antônio Maria Zaccaria. De acordo com os autores Andrea Maria Erba e Antônio Maria Gentili, aquela urbe tinha aproximadamente 60 mil habitantes e muito prestígio em toda região da Lombardia (ERBA; GENTILI,

2009). Sua economia baseava-se principalmente na atividade agrícola, devido às terras férteis da região.

Naquele período, Cremona passou por certa instabilidade política, advinda de diversas disputas e guerras que aconteceram na região (MONTONATI, s.d.). Toda a instabilidade gerada pelas batalhas, aguçou a crise enfrentada pelos cremonenses. Um território em constante disputa afetava diretamente a vida dos mais pobres e acarretava o crescimento da pobreza e dos problemas sociais. Além das guerras, os moradores daquela região enfrentaram outros problemas: as epidemias, recorrentes, na época, diante delas, muitas pessoas foram vítimas e, devido às enfermidades relacionadas a essas pestes, diversos homens ficaram incapacitados de trabalhar. Somado a isso, no ano de 1505, aproximadamente, houve uma escassez de alimentos (ERBA; GENTILI, 2009) que colaborou para aprofundar a crise na cidade de Cremona.

Foi nesse contexto que Antônio Maria Zaccaria nasceu. Quando ainda era bebê, seu pai Lazaro faleceu, deixando-o sob os cuidados de sua mãe, Antônia Pescaroli. Possuidora de muitos bens, ela pôde oferecer ao filho as melhores condições de vida e de estudo. De toda forma, sobre os primeiros anos da vida de Antônio Maria Zaccaria sabe-se pouco. Os biógrafos apontam que a primeira etapa de sua vida teria sido marcada, sobretudo, pela educação materna, pois, mesmo sendo viúva aos 18 anos e podendo se casar novamente, ela não quis fazê-lo, para educar seu filho. É importante ressaltar que a ênfase das biografias de Antônio Maria se situam no campo religioso, destacando que, desde criança, ele teria sido criado sob preceitos do catolicismo, por meio da catequese materna.

Os estudos de Antônio Maria Zaccaria em sua mocidade foram realizados regularmente em sua cidade. O ensino elementar era ministrado por professores particulares que eram custeados pelas Corporações ou pelo Município. “Cremona orgulhava-se de ter, há séculos, uma tradição cultural e, no século XVI, uma escola florescente: aqui, as matérias principais eram língua e literatura clássica, ciências naturais e direito antigo” (ERBA; GENTILI, 2009, p. 17). Ao completar dezesseis anos de idade ele foi para Pavia, na Itália, estudar filosofia.

Sobre o período da juventude de Antônio Maria Zaccaria, há um acontecimento que é sempre lembrado pelos seus biógrafos, no intento de destacar as inclinações morais do jovem católico¹:

[...] um dia de inverno, saindo do colégio, encontrou na rua um pobre seminu, tremendo de frio; sem pensar duas vezes, tirou a blusa e a jaqueta de seda que estava usando, para aquecê-lo. Voltou para casa em mangas de camisa, à espera de uma bronca de sua mãe, mas esta, sabendo a razão deste estranho modo de vestir, abraçou-o comovida (MONTONATI, s.d., p. 19).

Percebe-se o esforço de evidenciar a caridade de Antônio Maria, mais ainda, ressaltar as virtudes cristãs que estiveram presentes em sua vida desde tão novo. As atitudes voltadas para ajudar os mais necessitados foram presentes desde sua mocidade e foram uma vertente de ação pastoral nas futuras Ordens por ele fundadas. Tudo isso era reflexo de sua criação e educação materna “a porta da casa dos Zaccaria generosamente se abria aos pobres que batiam” (MONTONATI, s.d., p. 19).

A formação da espiritualidade de Antônio Maria Zaccaria teve início durante sua juventude, sob a influência de sua mãe. São diversos aspectos presentes em sua biografia que vão além da caridade. Um exemplo, como descreveu o autor Ricardo Frigerio, a mortificação do corpo e a oração estiveram presentes em sua educação desde pequeno:

Si la formación religiosa y moral era la primera preocupación de Antonieta Pescaroli para con su hijo, no era tampoco la única. Para que la educación fuera completa y harmónica, escogió los maestros que debían iniciado. Quería que su hijo, además del idioma y de la cultura nacional, aprendiera también la literatura griega y latina y todas las ciencias de la época (FRIGERIO, 1970, p. 14)².

Impulsionado pela sua educação familiar, Antônio Maria Zaccaria começou a se dedicar, quando criança, às pregações infantis. Suas falas eram baseadas nos ensinamentos que ele escutava durante as missas e palestras religiosas. Embora inserido num contexto de crise, Antônio teve estabilidade financeira e, por isso,

¹ A história é citada também pelos seguintes autores: Montonati (s.d); Chastel (1943); Berardino (1986); Sisnando (1970).

² Se a formação religiosa e moral era a primeira preocupação de Antonieta Pescaroli para com seu filho, não era tampouco, a única. Para que a educação fosse completa e harmônica, escolheu os professores que deviam iniciá-lo. Quería que seu filho, além do idioma e da cultura nacional, aprendesse também a leitura grega e latina e todas as ciências da época (FRIGERIO, 1970, p. 14, tradução nossa).

recebeu uma boa educação. Com sua riqueza, ele pôde crescer sem enfrentar os grandes problemas que muitos em Cremona estavam encarando: a miséria e a fome. Entretanto, mesmo sendo oriundo de uma família com condições melhores do que a da maioria dos cremonenses, Antônio Maria foi, aos poucos, se afastando da riqueza e se aproximando da pobreza, pois, no dia 16 de outubro de 1520, conforme apontam os biógrafos (FIGERIO, 1970; SISNANDO, 1970), Antônio Maria assinou uma ata onde afirmava se desprender de todos os bens materiais; doando para seu primo toda a riqueza herdada de seu pai e estabelecendo que enquanto vivesse, o usufruto seria de sua mãe.

Ao completar 18 anos e tendo encerrado seu curso de filosofia na cidade de Pavia, o jovem Antônio mudou-se, no ano de 1520, para Pádua a fim de cursar medicina, seguindo o exemplo de outros Zaccaria que haviam sido médicos. A Universidade de Pádua foi a segunda universidade criada na Itália, fundada em 1222; no século XVI, já era consolidada. Antes de Antônio, Nicolau Copérnico havia realizado seus estudos de medicina nessa instituição (MONTONATI, s.d.).

O momento no qual Antônio Maria ingressou na universidade foi de muita adversidade: as Reformas Religiosas que estavam iniciando, marcaram efetivamente o período. A Igreja Católica, que por séculos influenciou parte considerável da população no campo religioso e possuía grande poder econômico, estava sendo questionada, internamente e externamente. O clero era distante dos fiéis; preocupando-se mais com as questões relacionadas aos bens materiais.

Marinho Lutero (1483-1546), em outubro de 1517, divulgou suas noventa e cinco Teses, que criticavam – não negavam – a doutrina das indulgências e a autoridade eclesiástica. De acordo com o professor e Padre Antonio Rivero, em sua obra *História da Igreja: século a século* Lutero se mostrou moderado, suas teses, embora possuísem um tom crítico à Igreja, não apontavam ainda para uma grande mudança (RIVERO, 2017).

A princípio, suas teses não foram divulgadas no intento de provocar uma ruptura com a Igreja, como observou o historiador francês Jean Delumeau, consistiam em considerações críticas acerca de problemas teológicos existentes no período (DELUMEAU, 1983). Em sua Tese 47, Lutero apontou a necessidade de instruir os cristãos sobre as indulgências: “deve-se ensinar aos cristãos que a compra de indulgências é livre e não constitui obrigação” (LUTERO, 2017, p. 28). O

ponto central de sua análise, embora não tenha sido pensado em um tom de aversão à Igreja, foi sobre as questões das indulgências³.

Aos poucos, as ideias de Lutero começaram a se espalhar, principalmente na Alemanha, onde suas teses conquistaram mais adeptos. De fato, seu pensamento correspondia ao de muitos católicos da época, que se sentiam decepcionados com a situação do clero no período. A historiadora argentina Gabriela Alejandra Peña afirma que muitos desses fiéis estavam cansados de pagar impostos e de ver a acumulação de bens da Igreja (PEÑA, 2014).

Por mais que o ímpeto inicial não tenha sido de romper com a Igreja, as circunstâncias levaram a isso. Depois de divulgar suas teses, Lutero foi acusado diante do tribunal pontifício e por três anos os legados do papa esperavam uma revisão de suas teses, entretanto, não obtiveram o resultado esperado. O que deveria ter sido um problema para se resolver localmente, acabou se tornando um problema central da Igreja no século XVI (PEÑA, 2014).

Quando Antônio Maria Zaccaria ingressou na universidade o contexto era de muitas transformações. As ações de Lutero em 1517 ressoaram por toda Europa, inclusive, nas universidades: “Todos os centros estudiosos ficam, ora mais, ora menos, abalados pelo repto, mas dele a Itália do Norte ressentida sacudida tanto mais sensíveis, que provêm da Alemanha” (CHASTEL, 1943, p. 37). Nesse sentido, a Universidade de Pádua sentiu drasticamente o impacto das ideias advindas da Alemanha, porque muitos alemães estavam morando na cidade e estudando naquela universidade.

No mesmo ano que Antônio Maria Zaccaria ingressou na universidade, em 1520, o Papa Leão X, de acordo com César de Alencar Arnaut de Toledo, por meio da bula *Exsurge Domine*, excomungou Lutero e no ano seguinte, em 1521, o tornou herético por meio da bula *Decet romanum pontificem*. Mesmo com a proibição dos livros de Lutero, as questões que foram levantadas passaram a ser amplamente discutidas (ARNAUT DE TOLEDO, 1996).

O impacto foi tão grande que Lutero, em menos de quatro anos, passou a ser o homem mais conhecido da Alemanha (DELUMEAU, 1983, p. 126). E para além de seu país, logo suas teses chegaram e conquistaram uma grande parcela da

³ Uma boa definição para entender o que eram as indulgências foi escrita pelo historiador francês Jean Delumeau. O autor, descreve que as indulgências que a Igreja católica concedia cada vez mais de forma geral, permitia abreviar ou anular o tempo no purgatório (DELUMEAU, 1992, p. 15).

população dos países escandinavos; de um modo geral, a Europa passou a conhecer os ideais reformistas.

Percebe-se as grandes proporções que as ideias de Lutero atingiram; uma enorme parcela dos cristãos alemães se sentiu representada pelo monge, “mas a Reforma tinha largamente ultrapassado as fronteiras da Alemanha” (DELUMEAU, 1983, p. 127). Os diversos alemães que estavam alocados na Universidade de Pádua absorveram e divulgaram a teologia de Lutero. Nesse contexto de instabilidade religiosa é que o jovem católico Antônio Maria Zaccaria começou a cursar medicina na cidade de Pádua.

Para um jovem católico como Antônio Maria, o período vivenciado na universidade não foi fácil “o ambiente universitário não facilitava o recolhimento nem a prática religiosa, tendo em conta a diversidade de nacionalidades e de culturas presentes em Pádua, e então os primeiros sinais da Reforma Luterana” (MONTONATI, s.d., p. 22). Ali, entraram em contradição a educação católica que recebeu de sua mãe e os novas ideias protestantes que estavam em efervescência naquele tempo. Além das questões religiosas, a Itália estava sendo saqueada constantemente e grande parte da população sentiu também o efeito das doenças do período. Pádua, no início do século XVI encontrava-se numa situação de muitos contrastes sociais: ora no ambiente religioso, ora no econômico, ora no social.

Antônio Maria, durante seus estudos de medicina, se tornou amigo de Serafim Aceti (1496-1550), que foi seu grande parceiro durante os anos em Pádua. Seus biógrafos apontam a importância dessa amizade para a espiritualidade de Zaccaria, uma vez que, em meio a uma crise religiosa que ressoou fortemente em sua universidade, essa amizade nutrida por sentimentos católicos colaborou para que os dois se mantivessem firmes na fé (PEÑA, 2017). Os frutos desse contato foram interessantes; com o passar dos anos, ambos se tornaram religiosos, pertencentes ao clero e continuaram mantendo contato e influência um sob o outro:

Serafim Aceti abraçará a vida religiosa com os Cônegos Lateranenses, deixando alguns valiosos escritos ascéticos; mais tarde fundará as Irmãs do Bom Jesus em Ravena. Depois de várias peregrinações pela Itália como pregador, no início dos anos 30, voltou a reunir-se com Antônio Maria em Milão, familiarizando-se com os seus grupos e suas iniciativas (MONTONATI, s.d., p. 23).

Essa amizade foi importante na vida de Antônio Maria; enfrentando a distância de sua casa, a solidão e as constantes críticas à sua religião, encontrar e vivenciar com um amigo que partilhava dos mesmos ideais foi uma das experiências mais marcantes, conforme apontam seus biógrafos.

As dificuldades não impediram que Antônio Maria Zaccaria concluísse seu curso de medicina em quatro anos. Após se formar, ele retornou para Cremona, sua terra natal, a fim de trabalhar como médico naquela região. Sua urbe não estava tão diferente de Pádua: também enfrentava a peste que contagiou uma boa parcela da população. Devido a todas as doenças que estavam atingindo a cidade, os médicos eram muito requisitados para trabalhar em Cremona.

Ao chegar em Cremona no ano de 1524, com o diploma de médico, Antônio Maria Zaccaria foi inscrito no conhecido colégio de médicos que havia sido fundado por Luiz Sforza (CHASTEL, 1943) e, com apenas 22 anos, iniciou seus trabalhos em meio a uma grande agitação social. Em seus afazeres, ele começou a atender a população de Cremona, tendo como pacientes, as mais diversas pessoas, de diferentes classes sociais. Seus biógrafos apontam que grande parte dos enfermos que ele atendia, os pobres eram os que o jovem médico dava maior preferência. A prioridade que foi dada aos pobres consistia num traço de sua espiritualidade, católica, que o acompanhou em seu trabalho como médico.

O profissional da medicina sempre teve prestígio social. Naquela época, não era diferente; além dos médicos serem reconhecidos socialmente, havia a grande possibilidade de enriquecer, devido à remuneração. Entretanto, percebe-se que a atenção para os mais necessitados se tornou uma tônica forte no pensamento e na atuação de Antônio Maria Zaccaria. Como médico, ele começou a atuar principalmente a favor daqueles que menos possuíam condições financeiras: “[...] o motivo de seu trabalho não era dinheiro, mas servir ao homem que sofre” (MONTONATI, s.d., p. 24).

Além da peste que assolava grande parte da população de Cremona, a cidade ainda sentia os efeitos das diversas disputas que haviam sido travadas e que ainda continuavam sendo realizadas, agora entre o Imperador Romano-Germânico Carlos V (1500-1558, Imperador desde 1519) e o Rei da França, Francisco I (1494-1547, rei desde 1515). Foram quatro grandes batalhas realizadas entre os dois, sendo que em 1525, na cidade de Pavia, o rei francês foi capturado e feito prisioneiro. Somente com o Tratado de Madrid em 1526 que Francisco, em troca de

sua liberdade, renunciou a todas suas pretensões de dominar os territórios da Península Itálica.

Antônio Maria Zaccaria não enfrentou somente as doenças, além delas, teve de lidar com diversas tensões: as disputas acarretavam em crises econômicas e os mais afetados eram os mais pobres. Assim, o jovem médico transformou sua casa em um local de atendimento aos mais necessitados.

Sua opção pelos pobres começou a gerar conflitos entre a população mais rica da cidade; afinal, Antônio Maria Zaccaria era herdeiro de uma família de nobres. Entretanto, seu perfil já estava formado: como cristão e médico, ele tinha como preferência assistir os mais necessitados. Os conflitos que surgiram foram resultantes da seguinte ideia: era incomum os nobres se relacionarem com as classes mais pobres:

Cuidava deles nos hospitais e mesmo em seus domicílios com uma atenção especial, a qual logo lhe resultou a estima e a admiração do povo, junto com alguma crítica por parte da “Cremona-chique”, que não achava correto que um nobre se misturasse com os mendigos” (MONTONATI, s.d., p. 24).

O seu retorno a Cremona como médico só realçou que seu perfil espiritual estava cada vez mais amadurecido, possuindo como pressupostos a humildade e a assistência aos mais pobres. Tudo isso apareceria em seus Escritos e seria linha de atuação missionária e educativa de suas futuras Ordens religiosas.

A fé e a ciência começaram a se entrelaçar em sua atuação profissional. Antônio começou a questionar as enfermidades de seus pacientes, pois, em seu pensamento, muitas das doenças eram oriundas de questões espirituais. Foi com essas ideias que ele começou a atuar em duas vertentes: a religiosa e a médica; ao mesmo tempo que atendia alguém com problemas físicos, tentava também descobrir se tais doenças eram frutos de uma espiritualidade adoecida.

Essa atenção especial à espiritualidade das pessoas está diretamente ligada à tensão religiosa que a própria cidade de Cremona estava passando, pois, além das ideias da Reforma Protestante que estavam sendo difundidas na região, a Igreja local vivenciava uma crise. Além dos problemas políticos, a Igreja local estava notadamente em decadência e não existiam ações por parte da hierarquia católica; notava-se a inércia de atitudes frente a tantos problemas (ERBA; GENTILI, 2009, p.

13). Com isso, os católicos cremonenses viveram sob uma dupla crise: política e religiosa.

A instabilidade política e religiosa foi sentida também por Antônio Maria Zaccaria, afinal, ele esteve inserido no mesmo ambiente sócio-político que os outros cremonenses. Todos esses fatores influenciaram diretamente sua vida religiosa e profissional. Sua atenção para com os mais pobres como médico, tornou-se um apostolado: ao mesmo tempo que curava as enfermidades físicas de cada paciente, também, tentava cuidar das questões espirituais.

Com intenção de curar as enfermidades físicas, atendia a todos que solicitassem, no hospital ou em sua casa. Mas, ao mesmo tempo, a preocupação com as feridas internas começou a ganhar um maior destaque em sua vida, questionando-se, afinal, os problemas espirituais eram mais importantes que os físicos.

Sua preocupação com a espiritualidade das pessoas o fez questionar sobre si mesmo e ele começou a problematizar sua própria atuação: afinal, deveria cuidar das enfermidades físicas ou espirituais das pessoas? (MONTONATI, s.d., p. 24). Com esses questionamentos pessoais, ele resolveu pedir conselhos ao dominicano Frei Marcelo, que se tornou seu grande conselheiro. A conversa com o religioso foi frutuosa. Ele o aconselhou a refletir sobre a decisão que queria tomar: ser padre ou médico. Passados alguns dias, o próprio Frei aconselhou Antônio a se tornar padre, deixando de lado, por ora, sua atuação como médico.

A decisão de se tornar padre foi fruto das experiências que teve como médico. Sua convicção era de que as doenças que afligiam as pessoas, não poderiam ser curadas apenas com os conhecimentos da medicina; necessitavam de outros cuidados, os do âmbito espiritual. Além disso, toda a educação religiosa que havia recebido de sua mãe o influenciou.

Tomada a decisão de se tornar um padre, Antônio Maria começou a estudar teologia. Foi nesse momento que sua espiritualidade ganhou um suporte teórico, que antes não possuía: “[...] não se limitou a aprofundar a parte dogmática, mas bebeu abundantemente da Escritura e dos grandes doutores da Igreja, de modo especial de Santo Tomás de Aquino” (MONTONATI, s.d., p. 28). Além dos estudos já citados, ele foi influenciado pelas correntes de pensamento do período: o Humanismo cristão e a *Devotio Moderna*.

Além dos Padres da Igreja, Antônio Maria se debruçou no estudo bíblico, em especial, nas Cartas de São Paulo. Em seus Escritos (1999), encontramos citações de textos bíblicos. Durante seus anos de estudos, aprofundou-se nas questões espirituais. O Frei que o aconselhou a seguir o caminho do sacerdócio, também, o guiou nesse caminho teológico. Foi no ano de 1528 que Antônio encerrou seus estudos de teologia e, obedecendo às ordens do Frei Marcelo, iniciou seus trabalhos em meio à população, como leigo.

A catequese foi seu primeiro campo de trabalho. Iniciou com as crianças da nobreza que se encontravam na Igreja de São Vital para escutar a fala do novo catequista. Das atividades catequéticas, teve início a configuração da metodologia educativa do futuro padre, pois, conforme Marli Delmônico de Araújo Futata aponta: “a catequese não trata de educação formal, contudo é educação” (FUTATA, 2020, p. 43). Tal método se estendeu às suas Ordens religiosas:

Tinha um método próprio que logo se tornou eficaz: lia partes da Escritura, vidas de santos ou algum pensamento espiritual, tirado de um entre tantos manuais de devoção popular, depois explicava com uma linguagem simples, perguntando em seguida aos seus ouvintes se haviam compreendido o que acabara de expor (MONTONATI, s.d., p. 30).

Ao ler a Bíblia, como já dito, o principal foco eram as cartas de São Paulo, principalmente a mensagem sobre o Cristo Crucificado. Tal ideia tinha como pressuposto o anúncio do Messias que havia morrido de forma vergonhosa – uma vez que a crucificação era considerada o pior dos castigos para os escravos no mundo romano – e, por meio de sua morte, trouxe a salvação para o mundo. Ele realçava o ato de humildade de Jesus em suas pregações da mesma forma que tentava interiorizar esse discurso.

A leitura das vidas dos santos tornou-se uma ferramenta utilizada por ele. Ao tomar como base sua biografia, transmitia sua mensagem, elucidando para o público que existia a possibilidade de se ter uma vida cristã, reta e virtuosa mesmo em períodos de crises e adversidades. Parte de sua pedagogia consistia em tornar a mensagem acessível aos mais humildes, utilizando uma linguagem simples e exemplos concretos. Diferente de muitos pregadores de seu período, Antônio Maria não utilizava como referências os grandes filósofos como Platão, Aristóteles e

Avicena (BERARDINO, 1986, p. 39), pelo contrário, a Teologia Paulina era o elemento primordial de suas falas.

No início, catequizava as crianças, entretanto, com o passar do tempo, começou a ganhar notoriedade e atraiu mais do que os juvenzinhos: “Depois das crianças e dos moços tendes as mães, as irmãs, os parentes, os amigos. Muita vez vieram por curiosidade; tornam a vir pela atração espiritual” (CHASTEL, 1943, p. 50). Essa popularidade foi conquistada ainda antes de sua ordenação.

Essas pregações foram uma espécie de treino para os trabalhos que iria exercer no ministério (MONTONATI, s.d.). Mais ainda: ali, estavam sendo formuladas as particularidades de seu apostolado, o qual anos depois, passaram a ser como características particulares dos barnabitas (FRIGERIO, 1970).

Foi depois de sua atuação catequética na Igreja de São Vital que Antônio Maria Zaccaria recebeu suas ordens maiores. O subdiaconato ocorreu no dia 18 de setembro de 1528, a ordenação diaconal foi, provavelmente, em 19 de dezembro do mesmo ano e a ordenação sacerdotal foi em 20 de fevereiro de 1529 (MONTONATI, s.d.).

Aos 26 anos, ele se tornou sacerdote e se deparou com uma Igreja em crise. Embora tivesse conhecimento de como estava a situação do catolicismo e da Reforma Protestante iniciada na Alemanha, somente como padre ele poderia atuar de forma mais incisiva a favor de sua Igreja, uma vez que, no século XVI, o protagonismo dos leigos era muito menor do que é hoje.

Com ciência dos problemas que a Igreja estava enfrentando interna e externamente, com dificuldade naquele período, Antônio Maria se destacou com seu ímpeto reformador. Ele entendia que existia a necessidade de mudanças, mas que deveriam ocorrer internamente, sem criar divisões. Devido a isso, o recém ordenado padre se enquadrou no movimento da Reforma Católica.

A Reforma Católica iniciou antes da própria Reforma Protestante (DANIEL-ROPS, 1999; PEÑA, 2014; RIVERO, 2017; MARSHALL, 2017) e não se esgotou nela⁴. Foi um movimento interno que, diferente das proporções a que chegaram os atos de Lutero, mostravam a necessidade de se transformar a Igreja internamente,

⁴ Por muitos anos, a historiografia, principalmente a protestante, utilizou o conceito de Contrarreforma para definir as ações da Igreja Católica após a Reforma Protestante. Entretanto, para nossa pesquisa, vamos utilizar o conceito de Reforma Católica, uma vez que, como aponta Koselleck (1992), todo conceito remete a vários significados construídos historicamente e na nossa perspectiva, não houve uma Contraofensiva do catolicismo e sim, a continuação e o impulsionamento de um movimento já iniciado nos anos finais do século XIV.

sem que houvesse rompimento. Os problemas apontados nas teses luteranas já eram preocupantes antes mesmos de 1517; para os intelectuais católicos, a Igreja precisava reformar-se.

A Igreja utilizou diversas estratégias para se renovar internamente. O catolicismo que estava vivenciando problemas internos, indisciplina nos mosteiros, a riqueza do clero e a venda de indulgências, enfrentou também críticas externas, advindas dos protestantes. Essa situação se tornou rapidamente alarmante: o catolicismo necessitava de uma Reforma interna. Não era fácil concretizar qualquer transformação nas bases da Igreja naquele contexto, uma vez que a Cúria Romana se apresentava acomodada com a situação. O alto clero estava afastado das massas, além de que, para muitos padres e bispos, as questões espirituais estavam em segundo plano; os bens materiais e a situação familiar eram mais relevantes.

Além dos problemas que prevaleciam no interior da Igreja Católica, as adversidades externas do catolicismo influenciaram também a necessidade de reforma. As questões políticas foram decisivas para que uma mudança acontecesse dentro da Igreja. O papado de Clemente VII (1536-1605, papa desde 1592) foi um exemplo de como as relações entre Estado e Igreja estavam desgastadas: após o Tratado de Madri (1525) – como já foi mencionado no texto – o rei francês Francisco I foi libertado em troca de desistir de empreender qualquer tentativa de dominar os territórios italianos. Entretanto, naquele mesmo ano, Francisco I quebrou o pacto e formou uma aliança com os ducados de Florença, Milão, Veneza e com o Papa Clemente VII (que desejava diminuir a influência de Carlos V em Roma) para atacar o Imperador romano-germânico. Mesmo com a aliança, Carlos V conseguiu vencer.

Mesmo com a vitória, Carlos V não tinha dinheiro para pagar todos os seus soldados e, devido a isso, parte de seus homens fizeram um motim e resolveram invadir Roma. O ataque foi arrasador e ocorreu em 1527. O exército destruiu o que encontrava pela frente. O fato foi denominado de “Saque de Roma” (RIVERO, 2017). Cremona, a cidade de Antônio Maria, também foi invadida. Tudo isso agravou a crise presente em Roma, nos mais variados âmbitos: econômico, político e religioso. A interferência e a derrota de Clemente VII nessa batalha somente agravaram toda a situação romana e da Igreja Católica.

No contexto de diversos conflitos políticos, os quais, amiúde se entrelaçavam questões religiosas, o distanciamento do clero em relação aos fiéis fez com que crescesse dentro do catolicismo correntes de pensamentos que possuíam ideias

reformistas. O movimento de reforma católica não nasceu como resposta ao protestantismo, mesmo que em alguns momentos isso tenha ocorrido. Seu nascimento originou-se muito mais pelo anseio de transformações internas, que já eram existentes nos finais do século XIV e continuaram existindo até o século XVI.

Antônio Maria Zaccaria, atento ao seu contexto, apresentou-se, também, como um reformador (GENTILI; ERBA, 2009). Suas ideias e atitudes eram pautadas pelo desejo de transformar e reascender a fé da população de Cremona. Ele entendia a necessidade de se reaproximar dos fiéis de sua cidade, ao mesmo tempo que compreendia a importância que a educação religiosa possuía. Por causa das agitações provocadas pelos protestantes e os constantes ataques que a Igreja sofria seria por meio dela a possibilidade de resistência e transformação.

Devido às diversas guerras e batalhas que sua região enfrentou, o número de necessitados aumentou exponencialmente. Assim, segundo o José Meireles Sisnando, o recém padre atendia essas pessoas em sua casa, oferecendo roupa, comida e amiúde um pouco de dinheiro (SISNANDO, 1970). Essa foi uma abertura que ele conseguiu para expor suas falas e fazer a catequese com aquele povo.

Além de atender essas pessoas em sua casa, também ia aos hospitais para examinar os pacientes, onde, também era local de suas falas religiosas, ora para consolar em um momento de angústia, ora para ensinar a doutrina. Tais ações foram influenciadas pela crise religiosa que sua cidade estava vivenciando: “a diocese já não tinha um bispo residente desde o ano de 1476, o titular estava ocupado em outros tipos de atividades não pastorais” (MONTONATI, s.d., p. 37). Inserido em um ambiente de crises, o neo-sacerdote viu nas pequenas falas e na catequese aos mais necessitados uma forma de reeducar a fé dessa população e resguardar o catolicismo.

Diferente de Lutero que em 1517 fez um protesto mais agressivo contra os diversos problemas apresentados pela Igreja, Antônio Maria atuou de forma interna, alinhando-se com a reforma católica já iniciada havia, pelo menos, um século. A ideia principal era reestruturar sua Igreja sem se afastar dela; mantinha ainda a obediência ao papa, mas, agia em sua Igreja Local como um jovem padre reformador. Seus ensinamentos eram destinados principalmente às crianças e começaram a se expandir para os jovens, em pouco tempo, tornou-se sistematizada também para os adultos. Fundou ali, em 1529, o chamado “Grupo espiritual da amizade”, era um grupo pequeno, organizado e focado em sua própria autorreforma:

“Con estos grupos las perspectivas de reforma no solamente toman una mayor amplitud influyendo en todos los rangos de la sociedad, sino también una profundidad impensable por la obra incisiva e radical del fundador” (FRIGERIO, 1970, p. 34)⁵.

A notoriedade de Antônio Maria Zaccaria na cidade de Cremona só aumentou. Muitos já o conheciam de seu tempo de médico e, a partir de então, como padre, ele continuou conquistando seu público. As pessoas que frequentavam sua catequese eram de diversas classes sociais: por ser oriundo de uma família nobre, muitos nobres cremonenses ouviam suas falas, além dos pobres. Seu trabalho ressoou por toda cidade e tudo por meio de sua estratégia de educação catequética.

Uma das grandes dificuldades encontradas por ele era a individualidade em suas ações; ele não possuía parceiros intelectuais que o ajudassem no trabalho educativo. Pelo contrário, encontrou-se muitas vezes solitário. Mais do que não ter companheiros, a própria cidade de Cremona não oferecia estrutura para que sua missão de reforma se efetivasse com maior fervor (MONTONATI, s.d.). Entretanto, dentro do possível, sua atuação foi efetiva, a ponto de chamar a atenção da Condessa de Torelli.

Ludovica Torelli (1500-1569) havia sido uma dama e nobre de Guastalla; filha de Aquiles Torelli e de Verônica Pallavicini, casou-se aos dezoito anos com Ludovico Stanga, conde de Cremona. Foi quando teve contato com a família Zaccaria, de modo mais especial, com a Antonietta Pescarolli (mãe de Antônio Maria Zaccaria). Com apenas três anos de casamento, ela perdeu um filho recém-nascido e também ficou viúva. Devido a isso, a condessa saiu de Cremona e voltou a morar em Guastalla, sua terra natal. Na busca de viver como uma nobre, envolta nos requintes comuns das famílias mais ricas, ela se casou mais uma vez, então, com Antonio Martinenghi de Bréscia. Tiveram um filho que, após alguns meses, veio a falecer e, pouco tempo depois, seu esposo também morreu. São diversas tragédias que marcaram a vida dela (MONTONATI, s.d.).

Foi somente após o contato com Frei Batista que Ludovica iniciou um processo de autorreflexão que a levou a se transformar espiritualmente. Essa etapa

⁵ “Com este grupo as perspectivas de reforma não só tomaram uma maior amplitude, influenciando todas as camadas da sociedade, como também uma profundidade impensável pela obra incisiva e radical do fundador” (FRIGERIO, 1970, p. 34, tradução nossa).

de sua vida foi muito significativa, pois influenciou Antônio Maria Zaccaria como veremos a seguir. Após sua conversão, em uma de suas viagens, ela passou por Cremona e se deparou com uma cidade muito modificada, principalmente no ambiente religioso. Estava diferente, especialmente devido ao trabalho evangelizador de Antonio Maria. E quando soube quem era o autor do “milagre”, foi a São Vital para escutá-lo (MONTONATI, s.d). Muitas vezes as biografias tendem a dar um tom mais romântico para os acontecimentos, sem um olhar crítico. Importante é que, em sua nova passagem por Cremona, Ludovica conversou com Antônio Maria Zaccaria, porque estava interessada em conhecer o padre responsável pelas novas obras de evangelização da cidade. Desse primeiro contato, surgiu um convite para o jovem sacerdote atuar em missão na cidade de Guastalla.

Antônio Maria, meio receoso, aceitou o convite para atuar em Guastalla, no ano de 1529. Entretanto, ali ficaram por pouco tempo, sendo que, em 1530, já estavam se acomodando em Milão, cidade onde sua atuação missionária ganhou maior destaque.

Logo a notícia da partida de Antônio se espalhou por toda Cremona, de certa forma, os cidadãos cremonenses ficaram abalados, pois estimavam o jovem sacerdote. Por isso, nesse mesmo ano, antes de sua partida, ele foi reconhecido publicamente na cidade com o título de “Pai da Pátria”, dado pelos concidadãos (SISNANDO, 1976, p. 13; FRIGERIO, 1970).

A cidade de Milão também se encontrava em crise no período em que Antônio Maria lá se instalou. As complicações econômicas aguçavam os antagonismos entre as classes. A pobreza cresceu, devido às sucessivas ondas de pestes que assolaram a região, bem como as excessivas cobranças de impostos que recaíam sobre a população. Isso foi intensificado pelo resultado de diversas disputas políticas pelo comando do ducado de Milão. Além do mais, o ambiente religioso da cidade milanese não era o mais estável, ao contrário do que se possa pensar, não foi bem a Reforma Protestante que criou problemas na igreja local, conforme aponta Frigerio “*se hallaba Milán em uma espantosa postración religiosa y moral, así em el clero como em el Pueblo, debido especialmente a que por más de 50 años no había tenido ningún Pastor residente*” (FRIGERIO, 1970, p. 38)⁶.

⁶ Falava-se em Milão em uma espantosa prostração religiosa e moral, tanto no clero como no povo, devido especialmente porque a mais de 50 anos não havia tido nenhum pastor residente (FRIGERIO, 1970, p. 38, tradução nossa).

Antônio Maria Zaccaria reconheceu em Milão um potencial campo de atuação para pôr suas ideias reformistas em prática, essas que seguiam as linhas de renovação interna e não de rebelião (FRIGERIO, 1970). Então, não estava mais solitário na atuação, tinha como companheira a condessa Ludovica, que assistia os mais pobres como sinal de sua conversão.

Suas primeiras ações estiveram ligadas ao “Oratório da Sabedoria Eterna”, local de onde se fazia muitas obras de caridade por toda cidade. Naquele período, o oratório já não possuía muitos membros (FRIGERIO, 1970). Entretanto, foi nesse local que Antônio conheceu duas pessoas que o auxiliaram nas ações em Milão: Bartolomeu Ferrari e Tiago Morigia. Para esses dois, Zaccaria explicou seu ensejo de fundar uma congregação e eles aceitaram a ideia (SISNANDO, 1970).

Tiago Morigia nasceu em 1497 e descendia de uma família nobre. Devido a isso, recebeu uma boa formação humanística, conforme era costume. Estudou música, canto, retórica e matemática. Para aquele momento, obter a possibilidade desses estudos era raro. Sobre seus aspectos religiosos, não era um católico fervoroso, vivia como um jovem “mundano” e sua conversão só se deu, quando se transferiu para o Oratório da Eterna Sabedoria.

Bartolomeu Ferrari nasceu em 1493, foi educado nos princípios cristãos desde jovem e, além disso, logrou o título de doutor das leis, ou seja, completou seus estudos de Direito. Entretanto, pouco atuou no âmbito de sua formação universitária; logo resolveu tornar-se padre; quando padre, operou, principalmente, no âmbito da educação catequética.

2.2 OS PRIMEIROS PASSOS DOS BARNABITAS⁷

O século XVI foi marcado pelo nascimento de muitas ordens e congregações religiosas, a exemplo das Ursulinas, dos Teatinos, dos Jesuítas. Tais grupos, em sua grande maioria, fortificaram o movimento reformista que crescia a largos passos dentro do catolicismo. Esses religiosos tinham como grande exemplo a figura de seus fundadores, os quais, em vários casos, eram homens de muita fé e tinham consigo uma história de conversão e espiritualidade.

Percebe-se que o nascimento desses grupos religiosos foi sintomático: não surgiram tão somente como uma resposta há um movimento que cresceu no seio da

⁷ No início da história da Ordem, eles atuaram no santuário de São Barnabé e devido a isso, a população local os apelidou de “Barnabitas” (SISNANDO, 1976; DANIEL-ROPS, 1999).

Igreja, também assinalaram a crise que, segundo Danilo Mondoni, alastrou-se entre muitos grupos religiosos desde os tempos medievais: havia um grande individualismo e até o descaso com os votos que afetavam diversas congregações do período (MONDONI, 2015). Com a instabilidade e os desvios morais de tantos segmentos católicos, a criação de novos grupos surgiu como uma necessidade do próprio contexto.

Havia uma clara separação entre os antigos grupos religiosos e a grande massa de fiéis; a atuação missionária estava em baixa e, em meio às angústias advindas das guerras e epidemias, sobretudo na Península Itálica, esses grupos religiosos não conseguiam responder aos anseios da população, por deixarem de lado as ações missionárias de evangelização e da caridade. Uma parcela significativa dos católicos se sentia desamparada, sem pastores, porque muitos padres não moravam em suas paróquias, sem contar com o alto clero que estava mais atento às questões materiais.

Embora as antigas ordens religiosas cumprissem suas funções de alicerce fundamental da igreja e da cura pastoral dos cristãos, a crise que estava presente no meio eclesiástico se fazia sentir, também, entre os religiosos. Portanto, nesse contexto, de acordo com Juan Belda Plans, praticamente todas as ordens precisavam de uma profunda reforma (PLANS, 2019).

As ordens e congregações que foram surgindo não foram resultado tão somente do clamor dos católicos. Mesmo percebendo os problemas instaurados na Igreja, não deixaram de segui-la, pelo contrário, o catolicismo continuou muito influente, diferente da imagem que se passou por muito tempo, principalmente por historiadores protestantes, que entendia uma “decadência da autoridade papal” advinda desde o século XIII⁸. O nascimento desses novos grupos religiosos foi uma resposta às necessidades apresentadas naquele contexto histórico: seus fundadores não eram homens “à frente” de seu tempo, eles foram influenciados pelos fatores econômicos e religiosos de seu próprio período e dentro de um movimento de reforma, responderam conforme suas possibilidades.

Esse novo movimento de reformas das ordens religiosas católicas, anterior ao Concílio de Trento, foi fundamental para o fortalecimento da Reforma Católica. Os

⁸ Sobre isso, ver em: Dreher (2007) e Tillich (2000).

novos grupos de religiosos, apoiados em seus líderes, almejavam alcançar novas formas de perfeição espiritual (PLANS, 2019).

O caminho a ser trilhado estava claro: buscar uma saída para a decadência religiosa. E, para tanto, os grupos religiosos foram os eleitos para atuar como protagonistas dessa transformação; havia a necessidade de uma renovação que não se afastasse da essência da fé católica e para que isso ocorresse, era necessário criar novas alternativas de evangelização. A educação, por exemplo, tornou-se um campo utilizado para levar adiante a reforma católica, ora por ela ter sido usada para educar os fiéis católicos, ora para conquistar novas pessoas à fé católica, ora por fornecer uma formação mais sólida aos novos padres e religiosos, pois, naquele período, o baixo clero e os religiosos não tinham condições de catequizar a população, isso se explicava em grande parte pela inexistência de seminários de formação; além disso, até os requisitos para a ordenação sacerdotal eram mínimos (saber um pouco de latim e conhecer os ritos dos sacramentos) (PEÑA, 2014). Todo esse movimento de modificações, ocorreu antes do Concílio de Trento e não se encerrou com ele:

A pretensa "Contra-reforma" não começou com o Concílio de Trento, bem depois de Lutero, mas é muito anterior à explosão de Wittenberg tanto nas suas origens como nas suas realizações; não se fez de modo nenhum para enfrentar os "reformadores", mas para corresponder a exigências e princípios inscritos na mais imutável tradição da Igreja, alicerçada nas suas mais vivas constantes de fidelidade. [...] No tríplice campo da fé, dos costumes e da organização eclesiástica, o Concílio de Trento não fará mais do que responder a questões que se vinham formulando havia pelo menos um século, e chegará a adotar soluções propostas muito tempo antes pelas mentes mais lúcidas (DANIEL-ROPS, 1999, p. 7).

A criação das congregações e ordens religiosas também não resultou do apoio do alto clero. Foram os grupos pequenos, movidos por alguns homens religiosos que entendiam a necessidade de transformar a Igreja sem se afastar dela que possibilitaram o surgimento e o sucesso de tantos grupos religiosos no século XVI e foram estes, afinal, que deram um novo tom nas ações missionárias da Igreja Católica: “[...] *las órdenes y congregaciones religiosas fueron quienes los llevaron a*

la práctica y los hicieron efectivos” (SÁNCHEZ, 2010, p. 226)⁹. O alto clero não obtinha sucesso nas ações de controle da crise instaurada em sua Igreja.

O Concílio Lateranense V (1512-1517) foi exemplo disso, pois, em termos de reformas e transformações, o Concílio não apresentou nenhuma solução (MONDONI, 2015). Foram pequenos grupos, distantes, do alto clero, que conseguiram realizar algum tipo de ação efetiva: “É uma época em que a consciência cristã se busca a si própria, às vezes com audácias excessivas, e em que o longo silêncio de Roma concorre para que alguns se extraviem” (DANIEL-ROPS, 1999, p. 12).

Frente a tantas adversidades, o impulso reformador fomentou novas ideias relacionadas às práticas pedagógicas influenciadas pela Igreja Católica e estas foram fortalecidas por meio das novas congregações que começaram a surgir. Os novos grupos religiosos que foram surgindo assumiram um papel fundamental no educar cristão da época. Pode-se observar que: “[...] é evidente que os principais agentes da Contra-Reforma se dedicavam à tarefa de instruir o povo mais completamente na doutrina católica do que os seus antecessores medievais” (MULLETT, 1985, p. 47). Desta forma, a Igreja buscou alternativas para renovar-se internamente. Salvador Castellote escreve sobre os vários ramos internos do catolicismo que precisaram colaborar com esse ímpeto de transformação: “*Varias fueron las instancias que promocionaron esta renovación: Concilio de Trento, los ejemplos de grandes santos, y las Órdenes Religiosas*” (CASTELLOTE, 1997, p. 76)¹⁰.

Foi nesse contexto que o Padre Antônio Maria Zaccaria fundou os Clérigos Regulares de São Paulo, após conhecer e atuar com Bartolomeu Ferrari e Tiago Morigia no Oratório da Sabedoria Eterna nas obras de caridades promovidas por essa instituição. Antônio Maria resolveu convidá-los para uma nova empreitada: fundar uma Ordem religiosa sob os preceitos do movimento reformista católico. O ano exato da fundação dos barnabitas foi 1530, na cidade de Milão e, como aponta Daniel Rops (1999), num contexto em que a Igreja necessitava de novas fórmulas para solucionar os problemas, os novos grupos religiosos modificaram suas estratégias de ação, a exemplo da Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo. Foi

⁹ “As ordens e congregações religiosas foram quem levaram as práticas e se fizeram efetivas” (SÁNCHEZ, 2010, p. 226, tradução nossa).

¹⁰ “Várias foram as instancias que promoveram esta renovação: Concílio de Trento, os exemplos dos grandes santos e as Ordens Religiosas” (CASTELLOTE, 1997, p. 76, tradução nossa).

por meio de um breve documento, o qual não possuímos, que a fundação dos barnabitas foi aprovada, no ano de 1533, pelo papa Clemente VII:

En este documento pontificio, además de autorizar a los solicitantes a llevar vida en común, darse una Regla constitucional, modificándola según fuera necesario, aunque los obligaba a emitir a ellos los votos religiosos em mano del Arzobispo de Milán, sin embargo, les daba facultad para recibir a otros miembros que harían su profesión en manos del legítimo Superior religioso que se eligiesen. A la vez, el Papa les confirmaba claramente la finalidad de la nueva institución, a saber: Aviver em el Clero el espíritu sacerdotal y el celo por las almas, y reformar em el pueblo Cristiano los costumbres decaídas (FRIGERIO, 1970, p. 53)¹¹.

Após a aprovação do Papa Clemente VII, em 1533, os barnabitas passaram a ter uma atuação mais efetiva na cidade de Milão. Nos três anos que antecederam a sua aceitação pontifícia, o grupo estava se estruturando com seus membros, atuando de forma restrita nos hospitais, por meio da assistência aos mais pobres e com as pregações de Antônio Maria Zaccaria, como já havia se tornado costumeiro. Devido ao novo *status* que a Ordem adquiriu, foi necessário que eles providenciassem uma moradia em comum.

Com a ajuda da Condessa de Torelli, eles compraram uma casa onde passaram a morar juntos. Os primeiros passos dos barnabitas foram no sentido de se estruturar, para isso, o debate sobre as Constituições que deveriam ser escritas e oficializadas.

Instruídos por Antônio Maria Zaccaria, os barnabitas começaram a atuar ainda mais nos hospitais, na assistência aos mais pobres e no campo da Educação, este último, se deu principalmente por meio de suas conferências. Todos os dias, o fundador reunia os clérigos para uma reunião, a exemplo das que aconteciam em Cremona, na Igreja de São Vital, para os leigos. Ali, todos podiam falar, mas a finalidade principal era dar voz às reflexões do Padre Zaccaria.

Essas catequeses serviam como formação para atuação dos barnabitas fora da Igrejas, na missão. Outro aspecto importante das conferências é que elas se

¹¹ Nesse documento pontificio, além de autorizar os solicitantes a levar a vida comum, deu uma regra constitucional, modificando-a segundo fosse necessário, embora os obrigasse a emitir os votos religiosos em pelo Arcebispo de Milão, porém, deixava facultativo para receber outros membros que fariam sua profissão em mãos do último superior religioso que fossem eleitos. Ao mesmo tempo, o Papa confirmava claramente a finalidade da nova instituição, a saber: reavivar no clero o espírito sacerdotal e o zelo pelas almas e reformas com o povo cristão os costumes decaídos (FRIGERIO, 1970, p. 53, tradução nossa).

abriram para o meio eclesiástico como um todo: com o passar dos tempos, foram convidados padres e religiosos que não pertenciam aos barnabitas para participar dessas direções espirituais (CHASTEL, 1943). As reuniões consistiram afinal, numa estratégia de formação adotada por Antônio Maria a fim formar cada vez mais o clero para atuarem na reforma interna, a qual, ele já havia iniciado.

Os barnabitas nasceram dentro de um amplo movimento de renovação da Igreja, principalmente no campo da espiritualidade da então chamada *Devotio Moderna*. Deste modo, havia uma exigência de que a atuação fosse além das orações, eles deveriam agir na sociedade. Assim, diferente de como estava pautada a vida religiosa no período medieval, onde muitas vezes era comum encontrar uma espiritualidade “enclausurada”, na modernidade o movimento se referenciou em reforçar a vida espiritual com a prática da oração, seguindo dos famosos “Exercícios Espirituais” e a saída para a ação.

A Ordem dos Clérigos Regulares de São Paulo começou, aos poucos, receber novos religiosos e também ganhou certa notoriedade, por isso, conseguiu expandir sua missão. Foram convidados para atuar em Veneza, a fim de promoverem a obra de reforma que já estavam iniciando em Milão (GENTILI, 2012).

Para fazer valer esse movimento de renovação espiritual, os barnabitas começaram a realizar os apostolados públicos, isto é, foram para as ruas pregar a fé católica. Essas obras foram frutos de suas reuniões internas e se configuraram como um caminho de ação alinhado a um contexto de profundas transformações. Esse trabalho não estava desligado ou desconexo do mundo: a região da Lombardia, devido às suas rotas e sua importância no comércio italiano, recebeu uma grande influência das ideias protestantes e isso impactava muito Milão, por isso foi necessário que os barnabitas adotassem tais estratégias de ação, dando maior ênfase em: “[...] catequizar os filhos do povo, assistir e confortar os doentes nos hospitais, visitar as pessoas mais necessitadas de socorro espiritual, confessar e pregar o Evangelho” (SISNANDO, 1970, p. 23).

A oficialização da Ordem exigiu também a necessidade de uma Constituição que regresse a vida de seus membros. A primeira Constituição oficial dos Clérigos Regulares de São Paulo só foi publicada em 1579, 40 anos após a morte de Antônio Maria Zaccaria. Entretanto, em 1538, o Padre fundador havia terminado de escrever suas Constituições, que foram dedicadas aos barnabitas. Todas as Constituições escritas por Antônio Maria Zaccaria são ricas fontes para compreender o perfil dos

barnabitas. Sem a leitura crítica desses documentos, tornar-se-ia muito difícil analisar as ações da Ordem, ora no campo pedagógico, ora no campo missionário, frente a um período de muitas agitações. O documento escrito pelo padre fundador serviu como fio condutor para toda ordem, sendo referência até os dias atuais, devido à riqueza presente em seu conteúdo.

2.2.1 A ação educacional dos barnabitas após o Concílio de Trento (1545-1563)

A história dos barnabitas no século XVI, teve dois grandes marcos: o pré-conciliar e o pós-conciliar. No primeiro momento, estavam trabalhando por uma reforma eclesial interna, mas sem um direcionamento do alto clero, entretanto, depois do Concílio de Trento (1545-1563), o impulso reformista ganhou mais força, direcionando os caminhos de missão da Ordem.

Em 1539, um ano após escrever suas Constituições, Antônio Maria Zaccaria faleceu, deixando para os barnabitas um direcionamento objetivo: atuar na reforma do catolicismo por meio das ações educacionais, pastorais e missionárias. Os anseios por transformações na Igreja Católica, observados desde os anos finais do século XIV, se tornaram mais presentes no século XVI, especialmente depois do início da Reforma Protestante, em 1517.

Por meio da Constituições de 1538, escrita por Antônio Maria Zaccaria, os barnabitas foram levados a buscar a perfeição espiritual, pois, só assim, seria possível realizar a reforma interna proposta pelo Padre fundador. Conforme aponta o historiador Antônio Maria Gentili, a busca pela perfeição deixou de ser um assunto espiritual e passou a ser um dever social e foi desta preocupação que surgiu a necessidade do apostolado (GENTILI, 2012). Por isso, nesses primeiros anos, a Ordem tinha objetivos bem claros: “[...] a luta contra a heresia em expansão e a formação de jovens religiosos por meio de um rigoroso plano de estudo que conjuga a formação cristão às *humanae litterae* e à filosofia” (CAMBI 1999, p. 259, grifo do autor).

Os clamores por uma transformação cresciam cada vez mais e, para muitos, o alto clero deveria estar, impreterivelmente, incluído no processo. O Papa Paulo III (1534-1549, papa desde 1527), estava atento às exigências postas em seu contexto e, em 1545, convocou os Bispos da Igreja Católica e iniciou o conhecido Concílio de Trento que, em três sessões, respondeu doutrinalmente à Reforma Protestante e

promoveu uma profunda transformação moral e espiritual no catolicismo (GALLEGO, 2005). Para discutir os temas doutrinários da fé, os bispos reunidos no Concílio ocuparam-se com três grandes temas centrais: Bíblia e Tradição; pecado e justificação; sacramentos (PEÑA, 2014).

O Concílio de Trento não propôs nenhuma novidade no campo doutrinal católico, mas sim, reafirmou os preceitos que já eram confessados pela Igreja, sendo eles: a hierarquia católica, a autoridade papal e os sacramentos substanciais para a vida dos fiéis. A preocupação central foi de manter o catolicismo alinhado à sua Tradição histórica. O historiador eclesiástico Norman Tanner (2003), descreveu as pautas do Concílio:

El concilio tuvo un enfoque valiente y directo. En su primer decreto de importancia, proclamó el credo Niceno-Constantinopolitano del 381 (con la adición de la cláusula Filioque), reclamando, así, su continuidad con la corriente principal de la tradición cristiana. Luego, afrontó dos de los temas más polémicos en el debate de la Reforma: la relación entre Escritura y Tradición como fuentes de autoridad en la Iglesia, y, en segundo lugar, el papel que juegan la fe y las buenas obras en nuestra justificación (TANNER, 2003, p. 90)¹².

O Concílio de Trento foi uma resposta imperfeita, porém, executável, das exigências presentes havia muitos anos na Igreja. Deram normas claras para toda a teologia; opôs-se à Reforma Protestante, dando voz à Reforma Católica, modernizando a vida pastoral (JEDIN, 1961). A eficácia de Trento se provou pela durabilidade de suas ideias: somente após três séculos a Igreja se reuniu novamente, no Concílio Vaticano I.

A Reforma Católica não se iniciou com o Concílio e não foi esgotada nele, pelo contrário, ganhou um novo impulso, agora orientado por um posicionamento de todo o alto clero. Sobre os protestantes, a Igreja adotou métodos e objetivos para sua própria consolidação (SKALINSKI JUNIOR, 2007). Para tanto, o campo educacional foi um dos principais meios utilizados para levar adiante os ideais reformadores, por isso, o Concílio decidiu, visando à instrução dos fiéis, elaborar um Catecismo que se aplicasse em todas as comunidades (PEÑA, 2014). Nesse cenário, a figura de Carlos Borromeu (1538-1584, Arcebispo desde 1564) foi de

¹² “O concílio teve um enfoque valente e direto. Em seu primeiro decreto de importância, proclamou o Credo Niceno-Constantinopolitano de 381 (com a adição da Cláusula Filioque), reivindicando, assim, sua continuidade com a corrente principal da tradição cristã. Logo, afrontou dois dos temas mais polêmicos no debate da Reforma: a relação entre Escritura e Tradição como fontes da autoridade na Igreja, e, em segundo lugar, o papel que a fé e as boas obras desempenham em nossa justificação” (TANNER, 2003, p. 90, tradução nossa).

fundamental importância. A mando do Papa Pio V (1504-1572, papa desde 1562), ele ficou encarregado de redigir o Catecismo Romano, o qual, possuiu uma finalidade educativa: auxiliar os padres como um instrumento de formação teológica a ser ensinada aos fiéis leigos “O Catecismo do Concílio de Trento, decidido pela assembleia, realizado e publicado por São Pio V, corresponde, pois, a uma necessidade” (DANIEL-ROPS, 1999, p. 412).

Carlos Borromeu foi um dos grandes porta-vozes da Reforma Católica reafirmada no Concílio de Trento. Isso se deu pelo desenvolver de suas atividades: “tornou-se o protótipo de um pastor tridentino” (JEDIN, 1961, p. 140). Ele ficou conhecido por ter levado adiante o movimento reformista e, em seu próprio período, ganhou grande notoriedade. A importância de Borromeu se manifestou também entre os barnabitas, pois a recém-fundada Ordem paulina, no intento de atuar na linha de frente da reforma proposta por seu fundador e reafirmada no Concílio de Trento, viu na figura do bispo um norte a ser seguido, conforme aponta o historiador Daniel M. Unger:

One may ask why St. Carlo received earlier visual attention in a church dedicated to St. Paul than St. Paul himself. This is not only an indication of the extent of Carlo Borromeo's popularity at this point in history, but also an important statement by the Barnabites, who wanted to advance their own cause and agenda (UNGER, 2016, p. 560)¹³.

Tamanho foi a influência de Carlos Borromeu para os Barnabitas que Antônio Maria Gentili o considera patrono da Ordem (GENTILI, 2012). Pode-se perceber que as propostas do Concílio de Trento foram levadas adiante por Carlos Borromeu e, por consequência, pelos barnabitas. A Ordem paulina, seguindo exemplo do bispo, atuou no âmbito catequético, instruindo os fiéis sobre os Dogmas Católicos com o auxílio do Catecismo Tridentino.

Antes do encerramento de Trento, no ano de 1559 os barnabitas já haviam inaugurado seu primeiro seminário menor, sendo que este, sobreviveu apenas por três anos, acolhendo apenas 10 apostólicos, seja pelo rigor adotado, seja pela falta de interesse vocacional (SISNANDO, 1976). Desde sua fundação, os barnabitas se

¹³ “Pode-se perguntar por que São Carlos recebeu atenção visual em uma igreja dedicada a São Paulo antes do próprio São Paulo. Isso não é apenas um indicativo da extensão da popularidade de Carlo Borromeo neste ponto da história, mas também uma importante afirmação pelos barnabitas, os quais queriam avançar sua própria causa e agenda” (UNGER, 2016, p. 560, tradução nossa).

dedicaram às missões populares e à educação dos jovens (CASTELLOTE, 1997) e depois dos decretos conciliares, a ação barnabítica foi impulsionada.

As decisões tomadas pelo Concílio de Trento deram mais forças para os barnabitas atuarem em suas atividades pastorais e catequéticas. Em 1574, receberam um convite para se estabelecerem em Roma, sendo que, em 1575, tomaram posse da Igreja de São Braz do Anel, na capital Italiana (SISNANDO, 1976; GENTILI, 2012). A ampliação do território de missão barnabítica aumentou conforme as exigências religiosas do próprio período: havia a necessidade conquistar novos fiéis e reconquistar aqueles que tinham se afastado, pois: “Trento confirmou a Reforma da Igreja, mas não conseguiu restabelecer a unidade pela lógica interna dos acontecimentos (recusa dos protestantes)” (MONDONI, 2015, p. 76).

Os barnabitas não foram fundados a fim de formar a juventude católica e nem mesmo de criar uma própria tradição pedagógica (ERBA, 2006). No século XVI, as primeiras atividades da Ordem estiveram ligadas à renovação espiritual, como era de costume entre as novas ordens que surgiram no período. Foi somente após o Concílio de Trento que as atividades no campo da educação foram desenvolvidas. No início, instruíam-se os leigos por meio da catequese nas ruas e praças, bem como as pregações nas Igrejas.

No ano de 1557, foi fundada a primeira casa de estudos dos barnabitas na cidade de Pavia e, conforme apontou Andrea Maria Erba, esse fato pode ser considerado uma virada na história da Ordem, sobretudo pelo ensino de filosofia e teologia para os religiosos que foram enviados à escola que era de responsabilidade de Alexandre Sauli (1534-1592) (ERBA, 2006)¹⁴.

Quarenta anos após a morte de Antônio Maria Zaccaria, em 1579, Carlos Borromeu promulgou as Constituições definitivas dos barnabitas. No que ao tange aspecto formativo, o documento direcionou para que se criasse escolas internas para os futuros religiosos que fossem ingressar na Ordem (ERBA, 2006).

Em 1584, o padre Agostino Torielli (1543-1622), funda uma escola de letras clássicas em Cremona e delega à direção o padre Antonio Gabuzio (ERBA, 2006). Foi somente por meio desse colégio que o barnabita Carlos Bascapé (1550-1615) passou a aceitar os leigos como alunos desse local (SALOMONI, 2019).

¹⁴ Alessandro Sauli foi Superior Geral dos barnabitas em 1567 e se tornou Bispo. Foi canonizado em 11 de dezembro de 1904, pelo Papa Pio X.

É interessante notar que, essas primeiras casas de formação dos barnabitas eram quase que exclusivas aos religiosos e leigos da Ordem. Houve somente alguns casos de alunos externos serem aceitos para estudar nas escolas barnabíticas (ERBA, 2006).

Em 1593, com apoio do Grão-Duque da Toscana, Fernando de Médici (1549-1609, rei desde 1587), houve uma tentativa de fundar um novo internato para leigos na cidade de Pisa, porém, sem êxito. Em 1603, o Papa Clemente VIII, propôs aos barnabitas que fundassem um colégio em Ragusa, na Dalmácia, entretanto, esse objetivo não foi concretizado. Foi somente na primeira década de 1600 que a Ordem começou a se aplicar a direção de colégios, sendo que o primeiro passo foi com as escolas de Arcimboldi, em Milão (DUBOIS, 1924; SISNANDO, 1976; NUNES, 1980; GENTILI, 2012; SALOMONI, 2019):

Aconteceu que o prelado Monsenhor João Batista Arcimboldi, cujo palácio paterno em Milão era contíguo à residência dos Barnabitas da igreja de Santo Alexandre, lhes deixou, ao morrer, um legado de quarenta mil ducados para que fundassem um colégio gratuito para os jovens milaneses. O Capítulo geral da Ordem, em 1605, aprovou o princípio da instrução e da educação da juventude, e as primeiras escolas receberam o nome do seu benfeitor, Arcimboldi (NUNES, 1980, p. 105).

As escolas de Arcimboldi marcaram, efetivamente, a atuação dos barnabitas no campo educacional. Os padres ficaram imbuídos de cuidar de todo o aspecto pedagógico do colégio que, segundo David Salomoni, foi a primeira grande instituição educativa da Ordem (SALOMONI, 2019). A inauguração dessas escolas aconteceu em 03 de novembro de 1608 e ficaram conhecidas por, de certa forma, competirem com os jesuítas (ERBA, 2006).

Nessa escola, foi estabelecido o ensino dos cursos de retórica e humanidades, bem como, lógica, filosofia e teologia (SISNANDO, 1976; NUNES, 1980). Isso só foi possível porque o direcionamento das atividades barnabíticas passou a centrar, de especial maneira, na educação da juventude católica, como aponta Florencio Dubois: “[...] *et à partir de ce moment, l'éducation de la jeunesse est devenue une des oeuvres principales du ministère des Barnabites*” (DUBOIS, 1924, p. 33)¹⁵.

¹⁵ “A partir desse momento a educação da juventude tornou-se uma das principais obras do ministério dos Barnabitas” (DUBOIS, 1924, p. 33, tradução nossa).

Uma das características que tornaram a experiência das escolas de Arcimboldi ímpar às outras atividades escolares barnabíticas, foi o livre acesso a todos. Não havia taxa de inscrição, possibilitando que ricos, pobres, nobres e cidadãos comuns frequentassem a instituição (ERBA, 2006). Entretanto, é importante ressaltar que, de acordo com Arturo Morgado García, as classes mais pobres não tinham fácil acesso à educação (GARCÍA, 2017).

O número de alunos aumentou progressivamente conforme o passar dos anos. Andrea Maria Erba nos fornece esses dados:

Il numero degli allievi delle scuole Arcimboldi andò progressivamente crescendo: nel triennio 1635-38 erano circa 200; nel 1647 salivano a 352; nel 1650-53 saranno 400 e pochi anni dopo arriveranno ai 500. Le lacune nei registri non ci permettono calcoli più esatti, ma sappiamo che nel 1705 erano 466; nel 1725 assommano a 781 e nel 1744 raggiungono addirittura il migliaio¹⁶ (ERBA, 2006, p. 90).

Embora os barnabitas fossem poucos membros desde sua fundação, em 1533, a qualidade do seu trabalho intelectual era destaque entre diversas pessoas: “Os Barnabitas sempre foram ótimos educadores e muitos deles se distinguiram na filosofia, nas letras, nas ciências e na teologia, e os seus colégios de excelente nível avultaram entre os estabelecimentos católicos de educação” (NUNES, 1980, p. 106). Comparados a outras Ordens, a exemplo dos jesuítas, o trabalho dos barnabitas teve um menor alcance, porém, foi fundamental em todo o processo da Reforma Católica e de toda reestruturação pastoral da Igreja, principalmente na Península Itálica.

Além dos Colégios em Arcimboldi e do estabelecimento em Roma, os barnabitas se alocaram em outras diversas cidades da Itália, no correr do século XVII: em 1607, na cidade de Turim; Nápoles em 1607; Annecy em 1614; Thonon, sem data específica; Licata, em 1627; Sondrio, sem data específica. Além das cidades italianas, a Ordem se expandiu para outros países da Europa, a exemplo de Paris, na França, em 1622; Viena, em 1624 e Mistelbach, em 1633 na Áustria e Praga, na República Tcheca, em 1627. No ano de 1644, obedecendo às ordens da

¹⁶ “O número de alunos das escolas de Arcimboldi aumentou progressivamente: no triênio de 1635-38 eram cerca de 200; em 1647 aumentaram para 352; em 1650-53 eram 400 e alguns anos depois chegaram a 500. A lacuna nos registros não nos permite cálculos com maior precisão, mas sabemos que em 1705, eram 466; em 1725 totalizaram a 781 e em 1744 chegavam até mil” (ERBA, 2006, p. 90, tradução nossa).

Congregação para a Evangelização dos Povos (*Congregatio de Propaganda Fide*)¹⁷, foram enviados para a Suíça, a fim de atuarem na evangelização da população, sendo que, neste país, suas ações estiveram mais presentes nas regiões que predominavam a língua francesa (SISNANDO, 1976; GENTILI, 2012). Nessas diversas cidades, os Clérigos Regulares de São Paulo atuaram na educação dos mais jovens por meio das catequeses e das pregações nas ruas e na assistência aos enfermos.

A fase de fundação de colégios dos barnabitas não se encerrou com as escolas de Arcimboldi em Milão. Nas cidades em que eles foram se estabelecendo, criaram instituições educativas.

An interesting aspect, however, is that in the initial phase of this wave of foundations, the Barnabites immediately received great favour beyond the Alps. A few years after Milan and Vigevano, and throughout the entire first phase of foundations listed here, Barnabites' schools were opened in Savoy (Annecy, 1614; Thonon, 1616, Bonneville, 1659), in Ile de France (Montargis, 1620; Etampes, 1644), in Bearn (Lescar, 1624), in the Landes (Dax, 1630; Mont-de-Marsan, 1657), in the Pas De Calais (Loches, 1665) and in Gironde (Bazas, 1695)¹⁸ (SALOMONI, 2019, p. 13).

Nesse mesmo período, percebe-se um forte enraizamento dos barnabitas na região da Lombardia-Piemonte, com novas fundações em algumas cidades específicas, a exemplo de Tortona (1700), Bérgamo (1701), Finale Marina (1711), Milão (1723 e 1745), Chieri (1724), Casale Monferrato (1739), Aosta (1748), Porto Maurizio (1749), Bormio (1782), Cremona (1790) e Torino (1792). Porém, além dessas cidades, a região do norte da Península Itálica também presenciou a criação de instituições barnabíticas, em especial, as urbes de Bolonha (1737) e Vittorio Veneto (1738) e no centro da península, em Foligno (1728), Florença (1735), Loreto (1794), San Severino (1798) e Macerata (1802); somente o Sul não recebeu presença das fundações da Ordem (SALOMONI, 2019).

¹⁷ Fundada em 1622, a Congregação para a Evangelização dos Povos ocupa-se das questões relacionadas a evangelização da fé católica no mundo. Sobre isso, ver em: Rops (1999).

¹⁸ Um aspecto interessante, entretanto, é que na fase inicial desta onda de fundações, os barnabitas imediatamente receberam grandes favores além dos Alpes. Poucos anos após Milão e Vigevano, e ao longo de toda primeira fase das fundações listadas aqui, escolas barnabitas eram abertas em Sabóia (Annecy, 1614; Thonon, 1616, Bonneville, 1659), em Ile de France (Montargis, 1620; Étampes, 1644), em Bearne (Lescar, 1624), em Landes (Dax, 1630; Mont-de-Marsan, 1657), no Passo de Calais (Loches, 1665) e em Gironde (Bazas, 1695) (SALOMONI, 2019, p. 13, tradução nossa).

Outro dado interessante sobre as escolas fundadas e dirigidas pelos barnabitas é que, das 42 escolas criadas pela Ordem, entre os anos de 1603 e 1792, quatorze foram iniciativas da nobreza e 17 das comunidades (SALOMONI, 2019).

A expansão dos barnabitas foi significativa: além de fundarem diversas instituições escolares em várias cidades na Península Itálica, ainda se fizeram presentes em outros lugares. Para dar continuidade a seus trabalhos missionários, os Clérigos Regulares de São Paulo também assumiram a administração de várias Igrejas que ganharam o título de São Paulo e levaram adiante seu trabalho reformista nestes templos:

En el siglo de la gran expansión barnabita (1600), se enumeran 12 iglesias dedicadas al apóstol: S. Pablo de Acqui (1605); S. Pablo Mayor de Bolonia (1606), edificada a partir de un proyecto de padre Mazenta; S. Pablo en Campetto en Genoa (1606); SS. Pablo y Marcos a Novara (1607), donde los barnabitas habían sido llamados en 1598 por el venerable Bascapè; SS. Pablo y Carlos en Vigevano (1609); SS. Pablo y Bernabé en L'Aquila (1609); SS. Pablo y Carlos en Annecy (Saboya), fundada en 1614 por obra de san Francisco de Sales; S. Pablo en Tortona (1618) levantada cuando residía allí como obispo el venerable Dossena; S. Pablo en Macerata (1621), también con proyecto de padre Mazenta; SS. Pablo y Cristina en Lescar (Bearn) (1622); SS. Pablo y Carlos en Dax, también en Bearn (1631); SS. Pablo y José en Montmarsan (Gasconia) en 1656 (GENTILI, 2012, s.p.)¹⁹.

Trabalhar com educação dos jovens não foi o principal objetivo dos barnabitas desde sua fundação, porém, as circunstâncias históricas pós Concílio de Trento encaminharam a Ordem para esses rumos. Andrea Maria Erba destaca seis pontos centrais no que tange a relação dos Clérigos Regulares de São Paulo com a educação: 1) o carisma originário dos barnabitas não era a educação da juventude, mas sim, a renovação religiosa e moral do clero e do povo cristão; 2) a abertura de escolas e atividades educacionais foram promovidas no início do século XVII, superando algumas resistências; 3) os motivos que levaram à criação de instituições

¹⁹ “No século da grande expansão Barnabita (1600), se enumeraram 12 igrejas dedicadas ao Apóstolo: S. Paulo de Acqui (1605); S. Paulo Maior de Bolonha (1606), edificada a partir de um projeto do padre Mazenta; S. Paulo em Campetto em Genova (1606); SS. Paulo e Marcos em Novara (1607), onde os Barnabitas haviam sido chamados em 1598 pelo Venerável Buscapè; SS. Paulo e Carlos em Vigevano (1609); SS. Paulo e Barnabé em Áquila (1609); SS. Paulo e Carlos em Annecy (Saboya), fundada em 1614 por obra de São Francisco Sales; S. Paulo em Tortona (1618) levantada quando residia ali como bispo o Venerável Dossena; S. Paulo em Macerata (1621), também com projeto de Padre Mazenta; SS. Paulo e Cristina em Lescar (Bearn) (1622); SS. Paulo e Carlos em Dax, também em Bearn (1631); SS. Paulo e José em Mont-de-Marsan (Gasconha) em 1656” (GENTILI, 2012, s.p., tradução nossa).

educacionais se explica pelo contexto histórico caracterizado pela contrarreforma, da obediência ao pontífice e aos bispos; 4) as novas práticas foram orientadas para que os religiosos não se afastassem de sua essência e alcançassem os mesmos objetivos da Reforma Católica; 5) essas primeiras experiências escolares não refletem positivamente as práticas em curso; 6) o fato dos Clérigos Regulares de São Paulo terem demorado para trabalharem no campo educacional representou, de fato, uma vantagem, pois, o lento amadurecimento da consciência pedagógica da Ordem lançou bases para o seu sucesso (ERBA, 2006).

Percebe-se que, o século XVII, foi marcado pela expansão e consolidação dos barnabitas como um grupo de religiosos atuantes no campo da educação escolar e das missões pastorais. A Ordem, impulsionada pelo Concílio de Trento, atuou assertivamente no campo educacional e pastoral para levar adiante a Reforma Católica em diversos países na Europa, impulsionando o que se tornou uma de suas principais finalidades: a instrução religiosa do povo e a educação juvenil (RIVERO, 2017). Sendo assim, os dois primeiros séculos de história dos barnabitas, foram marcados pela consolidação do seu campo de educação pastoral: a educação catequética. Para tanto, estiveram alicerçados nas Constituição de 1538, escrita pelo seu fundador, bem como suas primeiras Constituições definitivas de 1579. Além das bases jurídicas da Ordem, o impulso dado por Carlos Borromeu no século XVI foi fundamental para a solidificação dos Clérigos Regulares de São Paulo. Por fim, nota-se que, os barnabitas exerceram um papel fundamental na reforma católica, uma vez que atuaram de forma incisiva na formação católica em meio a um contexto de profundas transformações sociais, econômicas e religiosas.

2.3 AS IRMÃS ANGÉLICAS DE SÃO PAULO

Com a fundação dos Clérigos Regulares de São Paulo, Antônio Maria Zaccaria conseguiu avançar em seus propósitos reformistas, entretanto, havia mais espaços para ocupar dentro do ambiente religioso. A crise religiosa que se manifestava dentro do clero, refletiu-se também nas congregações religiosas femininas, como era de se esperar. Devido a isso, com auxílio da Condessa de Guastalla, Luíza Torelli, sua grande amiga, em 1534, surgiu a ideia de fundar uma nova Ordem religiosa, voltada para as mulheres. Então, no dia 15 de janeiro de 1535, o Papa Paulo III aprovou a nova Ordem religiosa, a qual, possuía como

grande norte de ação, a reestruturação da vida religiosa feminina que se encontrava em decadência (SISNANDO, 1970).

As Irmãs Angélicas de São Paulo não foram as únicas a surgir nesse contexto, pelo contrário, nasceu também no século XVI, a Ordem de Santa Úrsula, mais conhecidas como Ursulinas. Ou seja, existia no período anseios por transformações que deveriam atingir o alto clero e as ordens religiosas, sendo elas masculinas ou femininas.

Embora a finalidade das Angélicas de São Paulo fosse o reestabelecimento das Ordens religiosas femininas, elas não atuaram isoladamente. Seguindo os passos de seus “irmãos” barnabitas, elas se lançaram na sociedade no intuito de evangelizar e levar a Reforma Católica adiante, conforme desejavam seus fundadores.

Rodearse de piadosas mujeres dedicadas a obras apostólicas era el sueño anhelado por Ludovica Torelli, desde su llegada a Milán. En una casa adquirida cerca de la basílica de S. Ambrosio, había reunido un cierto número de jóvenes y mujeres con la finalidad de hacerlas progresar en la virtud y colaborar, con los compañeros de Zaccaria, a la salud espiritual del prójimo (GENTILI, 2012, s.p.)²⁰.

Como os barnabitas, as Irmãs Angélicas foram a primeira Ordem religiosa feminina que derivou o nome e o programa de São Paulo. Devido a isso, a teologia paulina foi o centro de sua formação, bem como, o norte de toda sua espiritualidade; a exaltação do Cristo Crucificado e da mortificação do corpo fizeram parte da ascese e mística das Irmãs.

Antônio Maria Zaccaria tinha muita admiração pelas Irmãs Angélicas e por isso, além delas terem como base a teologia paulina, a espiritualidade zaccariana também as influenciou. Sobre a relação das religiosas com seu fundador, temos como fonte primária a carta enviada por Antônio Maria Zaccaria à Madre Priora, Batista Negri, Madona, Ludovica Torelli e angélica Paula Antônia, no dia 26 de maio de 1537. O conteúdo deste documento é interessante, pois nele, estão prescritos os passos que as Irmãs Angélicas deveriam tomar para se tornarem verdadeiras “filhas de São Paulo”. Por isso, suas religiosas consideram esta carta a obra mestra de

²⁰ Rodear-se de piedosas mulheres dedicadas às obras apostólicas era um sonho almejado por Luíza Torelli, desde sua chegada a Milão. Em uma casa adquirida perto da Basílica de São Ambrósio, havia reunido um certo número de jovens e mulheres com finalidade de as fazer progredir na virtude e colaborar, com os companheiros de Zaccaria, a saúde espiritual do próximo (GENTILI, 2012, s.p., tradução nossa).

todo o epistolário zaccariano (MONTONATI, s.d.). O texto foi escrito dois anos após a aprovação das Angélicas pelo Papa Paulo III. Sendo assim, as observações contidas nelas são referentes aos primeiros passos dados pelas Irmãs em suas atividades pastorais. Entretanto, desses primeiros anos de história, é possível observar a estima que Antônio Maria tinha para com suas religiosas: “[...] filhas, eu considero vocês o meu único motivo de alegria e consolo, só de pensar que brevemente estarei de volta à convivência com vocês” (ZACCARIA, 1999, p. 22). A consideração era grande: “Minhas amáveis filhas, estou orgulhoso de vocês e... sei que um dia serei invejado por São Paulo, porque vocês, tal qual as filhas do Apóstolo, desejam ardentemente sofrer por Cristo” (ZACCARIA p. 22). Toda a admiração que as Angélicas recebiam do seu Padre fundador se dava pelo êxito que ele observou na espiritualidade vindoura das religiosas:

[...] renunciam a tudo e a si mesmas, procuram levar o próximo ao verdadeiro espírito vivo e ao Cristo Crucificado; e, mais ainda, porque vocês - não uma só e sim todas - deixando de lado toda estima própria e consolação interior (as filhas de Paulo gostavam disso), tornaram-se apóstolas, não só para acabar com a idolatria e outros defeitos grandes e graves das pessoas, mas também para destruir esta peste, a maior inimiga de Jesus Crucificado, que predomina nos nossos dias: a Dona Tibieza (mediocridade) (ZACCARIA, 1999, p. 22).

Assim como os barnabitas, as Irmãs Angélicas foram instruídas a levar a teologia do Cristo Crucificado como norte de sua espiritualidade. Não obstante, o ímpeto de transformar a vida religiosa feminina só poderia ser conquistado por meio da luta contra a tibieza, a raiz dos males espirituais no pensamento Zaccariano. Tal formação foi obtida por meio das suas pregações, através de suas conferências e em reflexões que antecediam às missas. Elas não seguiam somente as indicações de Antônio Maria Zaccaria, pelo contrário, as primeiras religiosas adotaram a Regra de Santo Agostinho, com algumas alterações de seu fundador e da Condessa Torelli (SISNANDO, 1970). Entretanto, a maior instrução que receberam está na Carta do dia 26 de maio de 1537:

Minhas filhas, enquanto isso, eu peço a vocês que procurem trazer-me alegria, de tal modo que, quando eu chegar aí, consiga ver o progresso de vocês, cada uma se esforçando mais que a outra. Que eu encontre: gente firme, perseverante e fervorosa nas práticas espirituais, a tal ponto de não passar facilmente do fervor ao abatimento; pelo contrário, que conserve um fervor constante e

intenso, que se renove pelos compromissos do batismo e mostre sempre novo vigor; gente que conseguiu uma fé tão grande, que tudo o que é muito difícil, pareça muito fácil, mas certas de que esta confiança nunca será abalada por presunção ou vanglória; gente que procure fazer com perfeição os trabalhos mais humildes, ocupando-se deles com todo capricho e cuidado, não desanimando, nem achando que é rebaixar-se por causa da pouca importância desses trabalhos; gente que se esqueça totalmente de si, para olhar só para o próximo; que não veja seu próprio interesse e não pense em si, mas consiga o bem dos outros, comportando-se de maneira discreta e madura na ação; gente que venceu suas tristezas bobas, sua sensibilidade à flor da pele, o medo de não progredir na vida religiosa, o desânimo ao querer vencer a si mesma, a cabeça dura e a teimosia, a distração e outras coisas mais. Eu desejo ver que vocês receberam de verdade Aquele que ensina a justiça, a santidade, a perfeição: o Espírito Santo Paráclito (ZACCARIA, 1999, p. 23).

Percebe-se neste escrito que, Antônio Maria, desejava moldar suas religiosas como um retrato de uma verdadeira discípula de São Paulo, pois, para enviá-las ao mundo para a missão de levar adiante a reforma, deveriam ter um padrão teológico e espiritual bem definido (MONTONATI, s.d.). Por isso, além das atividades exercidas entre elas, as Irmãs também atuavam junto com os padres barnabitas. As Irmãs Angélicas foram fundadas a fim de atuarem como auxiliares da reforma já iniciada por Antônio Maria Zaccaria. De acordo com Franco M. Ghilardotti, a ideia de contar com uma ordem religiosa feminina foi revolucionária (GHILARDOTTI, 2010). Embora não se constituíssem um número grande de religiosas, as Irmãs Angélicas conseguiram exercer as funções que lhes foram destinadas.

2.4 OS CASADOS DE SÃO PAULO: UMA APOSTA NO PROTAGONISMO DOS LEIGOS

Após fundar os barnabitas e as Irmãs Angélicas de São Paulo, Antônio Maria Zaccaria criou mais um grupo, agora de leigos, com intuito de potencializar suas ações reformistas. Esse grupo, que não se sabe ao certo em que ano foi fundado, chamou-se “Os Casados de São Paulo”. Eles foram influenciados pelo período de reformas e juntos as outras Ordens fundadas por Antônio Maria, pautaram-se por reformar-se internamente.

Na história da Igreja Católica, a atuação dos leigos foi muito restrita, em regra geral, sempre foram coadjuvantes dentro das ações eclesiais no mundo. Somente após o Concílio Vaticano II (1962-1965) que os leigos ganharam mais destaque como missionários e agentes de transformação social.

Em toda a história da Igreja anterior ao Concílio Vaticano II, quase não estava presente a possibilidade de os leigos atuarem nas questões pastorais: as atenções eram sempre voltadas para o clero. Por parte dos teólogos católicos não existia nenhuma perspectiva de pensar numa teologia do laicato. Seguindo este raciocínio, o teólogo Jose Ramón Villar descreve o posicionamento da Igreja sobre essas questões:

O aprofundamento no “ser” da Igreja levou a superar uma eclesiologia centrada na Igreja como *societas perfecta et inaequalis*, que partia da distinção entre pastores e fiéis, em vez de partir da comum vocação e missão. Os leigos estavam mais caracterizados pelo que “não eram”, isto é: não eram hierarquia (VILLAR, 2015, p. 179, grifos do autor).

Os leigos, de maneira geral, nunca foram vistos como protagonistas e missionários; quando muito, eram catequistas. Mas não existia a possibilidade de suas vozes serem ouvidas por parte do clero, dentro da estrutura da Igreja, pois eles possuíam funções definidas: “Os leigos estavam posicionados, portanto, como receptores dos sacramentos e das doutrinas oferecidas pelos clérigos, restando-lhes o dever ativo de sustentação econômica da Igreja” (PASSOS, 2014, p. 33). Essa perspectiva só foi vencida na segunda metade do século XX: “Os anos pós-conciliares testemunham, com efeito, a assunção dos leigos a função e serviços da Igreja” (VILLAR, 2015, p. 179).

Se a ação dos leigos só foi discutida e posta em maior grau de importância no século XX, no contexto das Reformas Religiosas do século XVI, o potencial de atuações dos não-clérigos era muito restrito. Mesmo quando Antônio Maria atuou antes de se tornar padre, muito se devia as suas condições financeiras – já que pertencia a uma família nobre – e também a sua profissão de médico; ainda assim todas suas práticas não estavam diretamente vinculadas à Igreja Católica e sim à sua fé pessoal.

Não se pode negar que a Reforma Católica contou com a atuação leiga, como aponta o historiador italiano Giacomo Martina, existiam duas vertentes de atuação dos leigos desde o século XV: a caridade para com os mais pobres e a piedade eucarística, bem como, as ações focadas em ajudar os enfermos de doenças crônicas nos hospitais (MARTINA, 2014).

A assistência aos mais pobres e necessitados estava vinculada às associações fundadas pelos leigos, Martina diz que, às vezes, alguns padres e, até mesmo bispos, também participavam dessas organizações (MARTINA, 2014). De toda forma, tais ações ainda se caracterizavam como atitudes isoladas dentro da Igreja, não eram frutos de decisões da hierarquia católica e nem mesmo possuíam apoio oficial.

Os Casados de São Paulo estiveram muito vinculados a própria história do seu fundador: o mesmo, ainda como leigo, atuou ativamente na cidade cremona, ora como médico, ora como estudante de teologia, principalmente quando encerrou seus estudos teológicos e começou a catequizar na Igreja de São Vital, como já foi dito. Toda essa trajetória de Antônio Maria Zaccaria o influenciou a dar apoio e levar adiante o trabalho dos leigos.

A fé dos católicos estava se modificando neste período – não os dogmas e preceitos – mas sim as formas de professar essa fé. Para grande parte dos leigos, a espiritualidade estava se tornando mais pessoal e íntima. Isso devia-se, principalmente, pelas mudanças que estavam ocorrendo (PEÑA, 2014). O desejo de movimentar e formar os leigos está estritamente ligado ao próprio contexto; embora muitos cristãos tenham aderido às ideias de Lutero, a crise política e econômica presente no período incentivou muitos que não possuíam confissão religiosa ou aqueles que estavam afastados a se apegarem ao catolicismo. “[...] existia nas pessoas um certo temor do presente e uma inquietação diante do futuro que as impulsionavam a refugiar-se em uma religião que pudesse oferecer-lhe segurança” (PEÑA, 2014, p. 169). A criação dos Casados de São Paulo não pode ser entendida de outra forma, a não ser: estratégica.

Sob a tutela de Antônio Maria Zaccaria, os Casados de São Paulo, atuaram de forma muito clara e direta: “*la santificación de los miembros, para contribuir, mediante la acción y el ejemplo, a recristianizar el ambiente familiar y social, propio de cada uno*” (FRIGERIO, 1970, p. 66)²¹. Neste sentido, a ação estava prescrita inicialmente em evangelizar a sua própria família, a fim de restaurar os valores cristãos que estavam em constantes ataques; e somente a partir deste trabalho de “base” que passavam a atuar na sociedade.

²¹ “A santificação dos membros, para contribuir, pela a ação e o exemplo, a recristianizar o ambiente familiar e social, próprio de cada um” (FRIGERIO, 1970, p. 66, tradução nossa).

Suas atividades iam além de reuniões familiares para discutir os textos bíblicos e espirituais e de dar assistência nos hospitais; eles ajudavam os próprios barnabitas: “Eles se prestavam até para hospedar, alimentar e dar a primeira formação barnabítica aos aspirantes à vida conventual” (SISNANDO, 1970, p. 44). Além disso, Antônio Maria Zaccaria também se reunia com eles para educá-los nos conteúdos retos da fé.

A grande problemática ao escrever e analisar os Casados de São Paulo é que são pouquíssimos os documentos que relatam algo sobre eles. A maior parte das informações advém das biografias de seu fundador e da historiografia barnabítica. A única fonte primária que possuímos é a 11ª Carta de Antônio Maria Zaccaria que foi dirigida para dois de seus leigos: Bernado Omodei e Laura Rossi.

Escrita em 20 de junho de 1539, no mesmo ano de sua morte, a carta de Antônio Maria Zaccaria está composta de diversos aconselhamentos espirituais para seus leigos. Destaca-se nesta carta, uma das principiadas ideias do Padre Zaccaria: a luta contra a tibieza, para que seus leigos conseguissem alcançar a perfeição espiritual.

O motivo é o seguinte: se a tibieza tomar conta de vocês, a vida marcada pela espiritualidade dará lugar a uma vida carnal ou, usando o termo mais adequado, vocês se tornarão, muito mais, uns fariseus do que cristãos e espirituais (ZACCARIA, 1999, p. 40).

De acordo com Antônio Maria, era necessário vigiar-se, cuidar das suas próprias ações pessoais: tanto as maiores e principalmente, as menores. “O túbio - ou seja, o fariseu - age assim: ao se converter, abandona os pecados maiores, mas não se preocupa com os menores, ou melhor, não sente nenhum remorso por causa deles” (ZACCARIA, 1999, p. 40). No pensamento zaccariano, os cristãos não deveriam ser frouxos, ao contrário, eram obrigados a dar exemplo de vida reta, atuando no mundo para converter e manter a fé católica.

Uma das principais características dos escritos e aconselhamentos de Antônio Maria é que são de ordem prática: não exigia nada além das possibilidades reais e materiais de seus seguidores. Para ele, a espiritualidade estava presente nas pequenas coisas, nas ações cotidianas e não nos atos heroicos e grandiosos. Tudo isso, configurou-se como o pensamento espiritual de Antônio Maria Zaccaria e se

estendeu aos seus religiosos e leigos. Dentre as diversas recomendações, podemos observar:

Por exemplo, deixa de blasfemar ou de ofender os outros, mas não fica nem um pouco preocupado quando se irrita, ou quando teima em manter seu ponto de vista, não cedendo nada ao companheiro; não fala mal do próximo, mas não acha que é um grande pecado gastar o dia inteiro em conversas fiadas: não come demais, nem se enche de vinho, como fazem os bêbados, mas gosta de estar sempre beliscando alguma coisa gostosa, mesmo sem precisar; sabe controlar a sua sensualidade, mas se diverte com conversas mundanas e coisas parecidas; gosta de ficar duas horas seguidas rezando e, depois, no resto do dia, a distração é sua companheira: ou também, não corre atrás de elogios, mas se por acaso alguém o elogiar ou exaltar, fica cheio de si (ZACCARIA, 1999, p. 40).

Lutar contra a tibieza tornou-se um dever àqueles que estavam sob a tutela de Antônio Maria Zaccaria, para ele, a frouxidão espiritual representava, antes de mais nada, dar mais espaços para a disseminação das ideias contraditórias ao catolicismo. A necessidade de reformar-se internamente incluía toda a comunidade católica: o Clero e os leigos. Devido a isso, a teologia do laicato – se é que podemos assim dizer – de Antônio Maria Zaccaria, baseava-se principalmente em orientar esses casais na vida humilde e regrada, na abstinência dos prazeres: “Ora, quem deseja tornar-se espiritual, faz exatamente o contrário, pois começa cortando alguma coisa: um dia, uma, outro dia, outra e assim, vai continuando, até eliminar a pelanca e tudo da carne que não serve mais” (ZACCARIA, 1999, p. 41). É o método ascético zaccariano que vai se adaptando às diversas realidades de seus seguidores.

O empenho de Antônio Maria de transformar a Igreja de dentro para fora, precisava, necessariamente, da participação leiga no processo, era um movimento integral e não parcial. “O projeto da reforma começado devia envolver toda a Igreja, desde o clero ao povo, desde a cúpula até a base: religiosos, religiosas e leigos que Antônio Maria chega a considerar “os coadjuutores da reforma” (MONTONATI, s.d, p.105). Tão grande a estima a qual Antônio Maria possuía por eles que escreve: “Estou pronto a derramar o sangue por vocês” (ZACCARIA, 1999, p. 42).

As formações e ações dos Casados de São Paulo estavam vinculadas às mesmas linhas seguidas pelas Ordens religiosas fundadas por Antônio: “[...] associados à espiritualidade, às obras apostólicas, à vida litúrgica e ascética dos

padres e das irmãs em vista da santificação do estado conjugal [...]” (ALMEIDA, 2006, p. 181). Eram ações conjuntas, com vista num alvo único: reformar-se em união. O número não era alto, inicialmente (MONTONATI, s.d.), entretanto, estavam unidos, ora em perspectiva teórica, ora em alinhamento estratégico de ação.

Os Casados de São Paulo não conseguiram reformar internamente toda Igreja e nem mesmo foram revolucionários a ponto de abrir as portas para uma teologia do laicato em pleno século XVI, entretanto, tiveram um papel importante em Milão nesse ímpeto de transformações, quando analisados juntos aos barnabitas e as Irmãs Angélicas. O ponto mais importante que deve ser ressaltado da atuação desse grupo foi o exemplo que deixaram para outros grupos de leigos (ALMEIDA, 2006).

2.5 A CONFSSIONALIZAÇÃO E AS DISPUTAS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

O início do trabalho pastoral e educacional dos barnabitas esteve intimamente ligado ao período em que se configurou e, ao mesmo tempo, se diferenciaram as diversas Igrejas cristãs. Não obstante, as atividades barnabíticas, motivadas em educar e converter os cristãos, foram influenciadas também pelas relações entre o poder temporal e o poder secular que estavam se alterando concomitante ao nascimento do Estado Moderno. Pois, na segunda metade do século XVI e primeira metade do século XVII, o cristianismo passou por diversas transformações nos mais variados campos: na teologia, eclesiologia e liturgia. As implicações foram: o surgimento de novos modelos de relações entre igreja e os governantes e fortalecimento do cristianismo como um todo (ANDRADE; ARNAUT DE TOLEDO; ANDRADE, 2018).

A interseção das Reformas no programa de construção do Estado, numa época de centralização política, foi denominada como “confessionalização”. O argumento que sustenta essa tese baseia-se na ideia de que as autoridades políticas cristãs (católicos e protestantes) agiram de forma sistêmica por toda Europa, para promover um cristianismo “confessional” dentro de seus territórios, reprimindo outras alternativas, como meio de aumentar o controle sobre os súditos (MARSHALL, 2017).

O conceito “confessional refere-se às diversas confissões ou profissões de fé, ou mesmo declarações de uma doutrina definida no contexto da consolidação e

definição das divisões religiosas na Europa, desde o início do século XVI. A ideia central era: cada fiel, independentemente de sua Igreja, deveria ter uma identificação cultural e política com os ensinamentos de sua confissão e saber no que ela consistia (MARSHALL, 2017). Ou seja, a confessionalização consolidou organizações, a partir do momento em que diversas confissões cristãs passaram a assumir diferentes doutrinas e estilos de vida (HUFF-JÚNIOR, 2009):

Não apenas o nascimento dos Estados modernos, enquanto protagonistas inquestionáveis do novo poder, mas também o nascimento das Igrejas territoriais compõe esse novo panorama: é expressão disso o fenômeno da confessionalização, ou seja, o surgimento do “fiel” moderno a partir do homem cristão medieval. Em outras palavras, de uma pessoa que é ligada à própria Igreja não apenas pelo batismo e por participar dos cultos e dos sacramentos, mas também por uma *professio fidei*, por uma profissão de fé que deixa de ser uma simples participação no credo da tradição cristã para ser também adesão e fidelidade juradas à instituição eclesiástica a que o indivíduo pertence (PRODI, 2005, p. 237-238).

Percebe-se que a confessionalização não ocorreu somente entre os protestantes; houve no catolicismo também. A diferença foi marcada por ter sido menos multifacetada, uma vez que existia uma centralidade dogmática católica. Entretanto, o Concílio de Trento foi tão confessional quanto os protestantes, pois, a dinâmica pautou-se pela disciplina catequética e pela especificação confessional (RODRIGUES, 2017).

As novas Monarquias passaram a dominar as Igrejas de seus territórios, por meio de lutas, tensões ou em acordos com o próprio papa. Estas não eram lutas em torno de assuntos abstratos, ou, alternativamente, pretextos dos soberanos para suas rivalidades ou das populações para as suas revoltas, mas sim, o aparelho pelo qual se realizou, na Europa, um novo arrojo do poder e uma nova concepção da política (PRODI, 2005, p. 237).

A religião naquele período pode ser entendida como agente modernizador das relações políticas, pois ajudou a criar sociedades mais uniformes e obedientes, imbuídas de um sentimento de identificação piedosa e patriótica com a terra natal, seja luterana, calvinista ou católica. Além disso, somente a Igreja possuía representantes em todas as vilas e cidades, com potencial de atingir a consciência dos súditos (MARSHALL, 2017).

O conceito da confessionalização se distancia das antigas interpretações que visavam somente o aspecto doutrinário da Reforma, ao evidenciar que a Reforma

Protestante e a Reforma Católica guardavam semelhanças e compartilhavam métodos e objetivos (MARSHALL, 20017). Além disso, as questões políticas e econômicas se confundiam com o campo religioso; por isso, pode-se entender que tais conflitos se configuraram também como interesse dos Estados. Conforme apontou o historiador francês Pierre Chaunu:

As causas são externas e políticas. É necessário viver num mundo severo em que os grupos ganhos à Reforma são geralmente minoritários e em que os defensores da religião tradicional e da unidade se organizaram. Elabora-se uma *Confessio* para viver em conjunto e defender-se, mas também para fixar, guardar aquilo que Deus da às Igrejas locais na sua rica experiência da explosão evangélica, da fase posterior à ruptura. A confissão não conclui o tempo do evangelismo, pelo contrário, vem coroá-lo. Capitaliza a experiência do tempo da criação reformadora e canaliza, socializa, filtra e conduz a um tempo de reflexão e de aprofundamento (CHAUNU, 2002, p. 192).

A confessionalização estreitou os vínculos entre religião e política e, de certa forma, constituiu uma forma de “invasão” dos religiosos nas outras facetas da vida. Portanto, esse processo ocorreu paralelamente e, muitas vezes, até em oposição à constituição dos Estados Modernos e à própria configuração da sociedade moderna, como indivíduos que possuem disciplina e se auto governam (DUSSEL; CARUSO, 2003).

As Reformas Protestantes do século XVI ameaçaram diretamente a hegemonia que o catolicismo possuía naquele período, por isso, as confissões foram elementos presentes nas disputas entre católicos e protestantes. Os conflitos ocorreram nos mais variados campos, seja no político, cultural ou religioso, por meio de diversas estratégias e atuações, ora nas missões, nas pastorais ou na educação. “Pode-se dizer que as confissões de fé foram instrumentos de definição dogmática, que serviram como contraposição aos outros campos confessionais e, tinham sempre, um claro caráter disciplinador” (ANDRADE; ARNAUT DE TOLEDO; ANDRADE, 2018, p. 115).

O grande instrumento utilizado pelos protestantes e pelos católicos durante os conflitos foi a educação. “A educação era vista como fator preponderante para o avanço das propostas religiosas da Reforma” (ANDRADE; ARNAUT DE TOLEDO; ANDRADE, 2018, p. 117). Foi nesse período que se passou a utilizar os catecismos como fonte de instrução para os fiéis que confessavam sua fé. Foi em Wittenberg que nasceram os primeiros catecismos modernos e, também, as primeiras

confissões de fé como corpo escrito de doutrinas (PRODI, 2005, p. 238). O historiador Rui Luis Rodrigues descreve bem a importância dos catecismos naquele contexto:

Nesse sentido, é interessante perceber que o catecismo, instrumento geralmente escolhido para viabilizar o aprendizado da confissão de fé pelo fiel, não apenas tinha uma estrutura que, baseada em repetições e em perguntas e respostas, se adequava bem a um ensino sobretudo oral; tal estrutura apresentava-se, afinal, como um interrogatório, o que nos permite enxergar algo que deve ter sido compreendido, no contexto altamente polêmico dos séculos XVI e XVII, sob nova luz, diferente da perspectiva que teriam dessa prática catequistas e catecúmenos medievais. O catecismo não apenas instruía e, com isso, preparava para a *professio* diante da comunidade religiosa (o momento da plena recepção como membro da Igreja), mas também preparava para uma *professio* mais ampla, a confissão diante do restante da sociedade (RODRIGUES, 2017, p. 4-5).

Para os reformadores protestantes, a importância da educação estava vinculada à continuidade da reforma, pois havia a necessidade de seus adeptos aprenderem a ler e escrever (ANDRADE; ARNAUT DE TOLEDO; ANDRADE, 2018). Lutero, por exemplo, manifestou-se a favor da escola para as crianças, ao mesmo tempo que sempre atacou o método de ensino das universidades e mosteiros; tanto suas defesas pela escola, quanto as críticas, estiveram ligadas ao contexto de lutas ideológicas e políticas pela hegemonia cultural e religiosa da Europa no século XVI (ARNAUT DE TOLEDO, 1999, p. 130).

Em um contexto de luta pela hegemonização da cultura, ligada à formação dos Estados-Nação, o pensamento de Lutero sobre a educação tornou-se fundamental e estratégico (ARNAUT DE TOLEDO, 1999). Por isso, o impulso dado à educação nesse período esteve relacionado à política e suas diversas lutas ideológicas pelo poder. Entretanto, as disputas religiosas aconteciam entre católicos e protestantes e também entre os grupos protestantes antagônicos. O próprio Lutero recebeu diversas críticas desses outros segmentos que foram surgindo no período. Conforme apontou o teólogo protestante Paul Tillich, os radicais sentiam que estavam cumprindo a reforma e que Lutero continuava meio católico, por isso, esses grupos avessos à primeira onda de reformadores se reconheciam como os eleitos (TILLICH, 2000).

O fato de os reformadores terem usado da educação como estratégia de embates pela hegemonia cultural e religiosa no século XVI e XVII, obrigou a Igreja Católica a reordenar sua própria ideia acerca da função da educação e como realizá-la, a fim de poder estar a serviço de sua manutenção pela sua própria hegemonia (ARNAUT DE TOLEDO, 1999). Para tanto, o catolicismo se posicionou de forma mais incisiva a partir do Concílio de Trento que estimulou o campo da educação por meio das ordens religiosas, que foram surgindo e pela elaboração do Catecismo Tridentino.

A influência do Concílio de Trento foi notável, sobretudo, pelo impulso dado às questões pedagógicas. Por meio dele, a Igreja Católica assumiu uma nova consciência de sua própria função educativa, e deu vida a diversas congregações religiosas para atuarem na formação eclesiástica de jovens e de grupos dirigentes (CAMBI, 1999). A grande diferença entre os planos educativos dos protestantes e católicos consistiu em: os primeiros, privilegiaram a instrução dos grupos burgueses e populares, através de leituras pessoais de textos bíblicos, enquanto o segundo, propôs um modelo formativo tradicional conectado com o modelo político expresso pela classe dirigente (CAMBI, 1999). A questão central é que, não bastava mais a repetição de credos e, sim, a consciência.

Dessa forma, pode-se dizer que, principalmente a partir do surgimento do protestantismo, já não bastava às igrejas que os fiéis apenas repetissem rituais que muitas vezes não compreendiam (a missa ainda era rezada em latim): buscavam-se a convicção interior e que as pessoas tivessem uma conduta não apenas obediente, mas também consciente, a cada momento, de quais eram as decisões, por que motivo eram tomadas e como eram praticadas (DUSSEL; CARUSO, 2003, p. 57).

Os barnabitas e sua atuação no campo da educação na segunda metade do século XVI e na primeira metade do século XVII, deve ser analisada a partir da perspectiva: de o novo reordenamento da ideia de educação por parte do catolicismo e sua luta pela hegemonização cultural e religiosa. Ao se lançarem para outros países e regiões para atuarem na educação, principalmente da juventude, os Clérigos Regulares de São Paulo estavam atuando dentro de um movimento muito maior, que abrangia grande parte do catolicismo pós conciliar pela busca da hegemonia católica na sociedade.

Entre as diversas estratégias adotadas pela Igreja Católica para educar seus fiéis e também os novos adeptos, o Catecismo (formulado por Carlos Borromeu) foi importante. As novas Ordens e Congregações que nasceram nesse contexto, usaram desse documento como base em suas pregações e os Barnabitas não foram diferentes, conforme apontou o Antônio Maria Gentili sobre a atuação dos Clérigos em Annecy: “[...] *la enseñanza del catecismo en cuatro iglesias y la solución de los casos de conciencia*” (GENTILI, 2012, s.p.)²².

O papel que as variadas ordens e congregações do período exerceram na educação foi fundamental, sobretudo por dar vida a novas instituições escolares ligadas ao modelo de colégio/internato e a currículos formativos que se referem, em parte, à tradição pedagógica do humanismo (CAMBI, 1999). Os Barnabitas, assim como os Jesuítas, elaboraram um projeto formativo intitulado *Ratio Studiorum*, que foi aprovado em 1665 e, por meio dele, regulamentou e direcionou as suas questões pedagógicas (GENTILI, 2012). Não obstante, também atuaram como formadores nos colégios internos, a exemplo do internato de Pavia, onde o trabalho barnabítico se iniciou no ano de 1560, liderados pelo padre Barnabita Alessandro Sauli (1534-1592) (ERBA, 2006).

Percebe-se que a educação foi utilizada como instrumento de disputa pela hegemonia cultural, política e religiosa no século XVI e XVII pelas confissões reformadoras protestantes e católicas. O primeiro grupo, defendeu a educação para as crianças, para que pudessem ler e entender a bíblia, afinal, divulgou-se, desde Lutero, a livre interpretação do texto sagrado. O segundo grupo, reordenou sua ideia de educação, mas manteve-se à própria tradição, divulgando-a através das novas ordens e congregações. Os barnabitas, inseridos nesse contexto, atuaram em prol da hegemonização da Igreja Católica, por meio das atividades educacionais.

²² Ensinando o catecismo em quatro igrejas e solucionando os casos de consciência (GENTILI, 2012, s.p., tradução nossa).

3 OS ESCRITOS DE ANTÔNIO MARIA ZACCARIA

As diversas cartas, sermões e as Constituições escritas pelo padre Antônio Maria Zaccaria foram compiladas em um livro comumente intitulado *Escritos*. No Brasil, a primeira tradução, publicada em 1975, foi produzida pelo padre barnabita José Meireles Sisnando, sob o título “Noções de ascética e mística”. Após esse primeiro trabalho, surgiram algumas outras edições, a exemplo da tradução em língua portuguesa dos *Escritos* de 1992, feita pelos padres barnabitas das províncias do Sul e do Norte do Brasil, com colaboração das Monjas Beneditinas do Mosteiro de Nossa Senhora das Graças, de Belo Horizonte e uma outra edição, lançada em 1999, dirigida pelo padre barnabita Luiz Antônio do Nascimento Pereira.

Para este trabalho, utilizamos a tradução publicada em 1999 e a primeira tradução, de 1975, realizada pelo padre Sisnando. Entretanto, para além das edições em língua portuguesa, será consultada a edição crítica feita em língua espanhola de autoria do Pe. Giulio Pireddu, publicada em 2008, e a edição italiana, a versão original da fonte²³.

Os *Escritos* do Antônio Maria Zaccaria somam um total de 12 cartas direcionadas para diversas pessoas, 07 Sermões resultantes de suas pregações na Igreja de São Vital e 18 Constituições destinadas aos barnabitas. Tais documentos constituem-se como fonte rica de informações sobre o contexto da Reforma Católica. Não obstante, chama a atenção à riqueza do conteúdo ascético e místico contido nos *Escritos* que amiúde, se entrelaçam com questões relacionadas a educação.

Para analisar os *Escritos* de Antônio Maria Zaccaria, recorreremos aos procedimentos metodológicos adequados para esse tipo de fonte, pois, conforme indicações de Teresa Malatiam, ao estudar cartas deve-se questionar: quem, quando, onde, como e por que a carta foi escrita (MALATIAM, 2011). Vanessa Gandra Dutra Martins propõe que, ao examinar as cartas epistolares, deve-se levar em conta que elas poderiam ser enviadas para auxiliar, exortar ou consolar o destinatário, ou seja, é uma característica desse gênero de escrita (MARTINS, 2011). Tais procedimentos serão adotados: “A metodologia da pesquisa, o uso das

²³ Para se conhecer a edição em língua italiana, basta acessar o seguinte link: <http://carrobiolo.it/it/top/barnabiti/scritti-di-s-antonio-maria-zaccaria/>. Acesso em 16 jun. 2020.

fontes, o bom uso das técnicas de investigação, é que garantem a qualidade da pesquisa” (ARNAUT DE TOLEDO; GIMENEZ, 2009, p. 114).

Os *Escritos* de Antônio Maria Zaccaria, produzidos no século XVI, ainda são relevantes na formação pedagógica dos Barnabitas, a exemplo da *Ratio Barnabítica* (1999) que recorre à espiritualidade zaccariana como referência primordial. Por isso, o presente capítulo pretende analisar a obra do Santo por meio de temáticas, a exemplo de “O apóstolo Paulo como centro da espiritualidade Zaccariana”, “Ascese e mística de Antônio Maria Zaccaria: o caminho pedagógico para a perfeição espiritual”, “A espiritualidade Zaccariana e a luta contra a tibieza” e “Educar para adorar: a devoção das 40 horas”, com intento de demonstrar a riqueza do conteúdo pedagógico prescrito na obra de Antônio Maria Zaccaria e como o mesmo influenciou diretamente a atuação formativa dos barnabitas.

3.1 AS CONSTITUIÇÕES DE ANTÔNIO MARIA ZACCARIA PARA OS BARNABITAS

As Constituições escritas por Antônio Maria não foram numerosas e nem mesmo abrangeram os mais diversos temas necessários para nortear todos os caminhos de uma Ordem religiosa. Segundo Florencio Dubois em sua obra “*Les Barnabites: Clercs Réguliers de Saint Paul*” (1924), o padre fundador não pensava que seu grupo de religiosos fosse ter uma vida longínqua; por isso, escreveu somente algumas regras sobre a perfeição e que as mesmas deveriam ser renovadas com o passar dos anos, frente a novas condições; Zaccaria não teve oportunidade de alterá-las por causa de sua morte prematura (DUBOIS, 1924). Tais Constituições somam 19 capítulos, os quais selecionamos e analisamos aqui. Para tanto, devemos avaliar que elas foram redigidas num contexto de muitas adversidades, tanto no campo religioso, tanto no campo político e econômico, mas os escritos foram direcionados, sobretudo, ao âmbito religioso, encontrado na Península Itálica e, principalmente, em Milão. A austeridade da vida, a observância dos votos e os exercícios ascéticos são os temas percorridos nos primeiros capítulos. Esses textos possuem um tom assertivo, ao mesmo tempo que transparecem o rigor exigido pelo Padre fundador para com seus religiosos. Tais

escritos são importantes, pois revelam seu perfil pedagógico e espiritual, o qual foi herdado por suas Ordens.

O primeiro capítulo dessa Constituição denomina-se “A oração da Igreja” e foi destinada a orientar os barnabitas a respeito de quantas vezes devem rezar ao dia; o número de missas que deveriam ir e, até mesmo, refere-se à quantidade de vezes que os padres deveriam confessar. O que mais chama atenção é a negação do recebimento de espórtulas ao celebrar as missas; isso era resultado de uma necessidade de ressaltar os votos de pobreza dos clérigos, uma vez que o alto clero estava sendo criticado por sua luxúria e por dar mais atenção aos bens materiais do que aos fiéis. Por isso, a importância de firmar o posicionamento dos barnabitas: “De forma alguma aceitem esmolas que os obriguem a estas coisas, para que não se comece a negociar o Sangue de Cristo” (ZACCARIA, 1999, p. 126).

No segundo capítulo a discussão é sobre os “três votos de obediência”. Antônio Maria Zaccaria advertia que todos os religiosos deveriam respeitar as ordens de seus superiores. É um texto que reafirma a hierarquia dentro da própria Ordem e também serviu como fonte de instrução para todos os religiosos, acerca da hierarquia existente dentro da Igreja.

Além de sua preocupação com a oração e a obediência, Antônio Maria Zaccaria também se mostrou atento às questões morais ligadas, sobretudo, à castidade. Devido a isso, o terceiro capítulo da Constituição é sobre a Castidade. Nele o Padre é bem enfático sobre a importância de seguir esse preceito religioso: “E mais: se houver quem não queira crescer na virtude da Castidade [...] de tal modo que corpo e mente sejam manchados por tais males, este seja eliminado sem que tenhamos medo de errar” (ZACCARIA, 1999, p. 128).

A importância de ter uma vida de pobreza, sem grandes bens, foi um tema abordado e esmiuçado. A forma como essa deve, impreterivelmente, fazer parte da vida dos barnabitas, aparece, no quarto capítulo de sua Constituição, acerca da Pobreza. Nessa seção, ele apontou que seus religiosos não deveriam, de forma alguma receber algum tipo de bens ou renda em dinheiro. Além disso, suas casas deveriam, ser humildes e ornamentadas somente com o necessário, para o frio deveriam usar apenas tábuas e esteiras, sem nenhum enfeite. Todas as paredes deveriam ser brancas, sem outra cor. Tudo isso para mostrar que a pobreza estava além dos documentos:

Por isso, não se permita a alguém, cheio do dinheiro, ou a outro nobre, que construa casas ou oratórios para os nossos confrades, nem podemos aceitar que isso aconteça; que eles fiquem com sua pompa e dêem sua oferta a quem quiserem. É falta de honra termos casas e, ainda mais, palácios! (ZACCARIA, 1999, p. 130).

Antônio Maria foi, ainda, mais firme no que dizia respeito ao dinheiro. Ainda no capítulo quarto, ele escreveu que todo o dinheiro dos barnabitas deveria ficar na mão de apenas um confrade e esse tinha que gastar tudo em um mês com as necessidades da casa e com esmolas. Caso ele não cumprisse essa obrigação, na primeira vez, precisaria jejuar por três dias somente com água e pão, se errar por uma segunda vez, seria proibido de comungar por um ano (exceto na Páscoa). Deveria ficar separado de todas as atividades da comunidade e continuar com o mesmo jejum, pelo menos uma vez na semana. Entretanto, se o erro persistisse por uma terceira vez, deveria considerar tal padre como um proprietário e expulsá-lo dos Clérigos Regulares de São Paulo. Percebe-se como ele era incisivo com seus religiosos e isso diz muito sobre o período de agitação ao qual estava inserido. Para esse novo movimento que surgia no seio da Igreja, a pobreza e a humildade deveriam ser uma normativa de vida; era uma tentativa de resgatar os moldes do cristianismo primitivo e, ao mesmo tempo, uma oposição ao luxo do alto clero. No último parágrafo desse capítulo Antônio Maria diz: “Seremos felizes à medida em que a nossa mente se fundamentar no desejo da pobreza, a ponto de querermos ser pobres, não só para que não haja mais do que precisamos, mas também para que nos falte até o necessário” (ZACCARIA, 1999, p. 131).

Os exercícios espirituais em busca da perfeição não eram apenas um ato individual; era coletivo. No capítulo cinco das Constituições, Antônio Maria Zaccaria escreveu sobre o jejum e a alimentação dos barnabitas. Neste tópico, percebe-se a importância de se autocontrolar e pouco comer para os membros da Ordem. Tinham duas refeições ao dia, nada mais, somente nos horários prescritos. Andrea Erba e Antonio Gentili apontam que a estratégia ascética proposta pelo fundador representou a melhor forma de difundir suas premissas de espiritualidade que até hoje constituem como um ponto importante de seu pensamento (ERBA; GENTILI, 2009).

Uma das ações missionárias mais importantes dos barnabitas no primeiro século de sua existência, foi a assistência aos enfermos, reflexo da própria vida do padre fundador que havia sido médico antes mesmo de se tornar um sacerdote.

Entendendo a importância de cuidar da população doente, a qual, estava sem grandes auxílios nos hospitais ou em casa, Antônio Maria escreveu no sexto capítulo sobre “os enfermos”. “Sirvam os doentes dia e noite, conforme a necessidade o exigir” (ZACCARIA, 1999, p. 134). Faz parte da espiritualidade barnabítica o cuidado com os mais necessitados. Na época, a cidade milanesa estava passando por um período de guerras e de epidemias e, crescia o número de acamados. Por conseguinte, aumentava a necessidade de pessoas para atuarem nessa área. Assistir os doentes caracterizou-se, também, como uma estratégia missionária, pois, ao mesmo tempo que eles ajudavam os necessitados, pregavam sobre os preceitos do catolicismo. Era uma maneira de chegar aos não crentes e convertê-los, ou mesmo de cativar aqueles que estavam com a fé fraca.

Os barnabitas sempre foram atenciosos no campo da educação, seja por meio das pregações, catequeses, fundação de escolas ou na sua própria formação. Entretanto, não era lícito ao religioso barnabita estudar qualquer tipo de teologia, nem mesmo qualquer tipo de livro; havia um caminho espiritual e teológico a ser seguido e foi orientado e escrito pelo seu fundador. O capítulo oitavo de suas Constituições foi denominado como “Do Estudo” e tratou especificamente dos conteúdos que todos os religiosos deveriam estudar e ler, ao mesmo tempo que condenava certas obras do período.

A educação foi um dos pilares mais importantes da Ordem no início de sua história e uma das razões de terem conseguido ampliar-se tão cedo, “[...] pelo impulso que deram ao ensino, os barnabitas também se expandiram rapidamente [...]” (DANIEL-ROPS, 1999, p. 30). O clero nesse período não possuía uma boa formação, nem doutrinária e nem teológica; havia uma grande carência de métodos de ensino, ao mesmo tempo que surgia a necessidade de estabelecer uma base formativa sólida já que as Reformas Protestantes tinham ganhado um grande impulso na Península Itálica, principalmente na região da Lombardia. Entretanto, a utilização da educação como instrumento de ação não foi uma exclusividade dos barnabitas, pelo contrário, esteve presente em diversas ordens e congregações do período.

O capítulo oitavo das Constituições inicia direcionando quais livros e escritos os barnabitas deveriam evitar, no intento de controlar as leituras das obras que estavam sendo disseminadas pelos protestantes, uma vez que esses livros estavam tendo uma ampla divulgação devido o impulso que a imprensa tinha adquirido

naquele período: “Não é lícito ler livros de hereges e cismáticos, nem se dediquem às artes liberais e à poesia e filosofia de muitas palavras” (ZACCARIA, 1999, p. 137). A crítica às Artes Liberais deu-se pelo retorno que Antônio Maria Zaccaria fazia às fontes do cristianismo, o que significava concomitante uma crítica à educação de seu período.

Sobre a indicação dos livros que os barnabitas deveriam ler, Antônio Maria foi influenciado pelo Renascimento literário de seu período, o qual, impulsionou as correntes humanistas cristãs. O retorno às fontes primitivas do cristianismo se fazia necessária para diversos intelectuais, a exemplo do Padre Zaccaria. Entretanto, a leitura deveria ser guiada, não era se voltar aos escritos antigos de qualquer forma, deveriam ser estudadas obras seletas:

Depois da Sagrada Escritura, vocês poderão ler todo Doutor aprovado pela Igreja, os livros dos Santos Padres, desde que seus escritos não sejam contrários à Sagrada Escritura e aos Santos Doutores. Mas, deleitem-se, de modo particular e especial, na leitura de livros que tratem de assuntos de instrução e formação de bons costumes, da perfeição da vida, da verdadeira imitação de Cristo. (ZACCARIA, 1999, p. 137).

Orientar os religiosos a estudar somente os livros autorizados pela Igreja refletia a necessidade de seu próprio contexto histórico, que exigia um posicionamento firme e contundente frente ao avanço das ideias contrárias à própria instituição do catolicismo. Ao mesmo tempo que direcionava um roteiro de estudos programado e intenso, fortalecia os membros da Ordem intelectualmente para enfrentarem o protestantismo. Antônio Maria já advertia seus seguidores contra as ideias advindas dos movimentos reformadores e nessa constituição ele deixou mais clara sua posição (ERBA; GENTILI, 2009).

Dentre as suas diversas indicações, destacou-se a orientação para leitura de livros que fossem relacionados à instrução e à formação dos bons costumes, voltados a busca da perfeição da vida. A ideia de atingir a perfeição estava muito presente nos temas de espiritualidade do século XVI e influenciou o pensamento Zaccariano. Livros como *A imitação de Cristo* de Tomás de Kempis ou *A Nuvem do não saber*, de autor desconhecido, influenciaram muito a literatura cristã do século XV e do século posterior e consistiram num rico material orientador para os cristãos que almejavam alcançar a perfeição espiritual: “[...] os autores espirituais

propuseram métodos de oração e exercícios espirituais; para eles a finalidade da vida interior era conduzir o cristão à assimilação pessoal da fé, para que esta inspirasse sua existência” (MONDONI, 2014, p. 68). Essa perspectiva estava intimamente ligada ao movimento da *Devotio Moderna*, que influenciou os cristãos a buscarem uma vida cristã mais íntima e pessoal (MONDONI, 2014) da mesma forma que direcionava para uma transformação das atividades exercidas por diversas ordens e congregações do período: a busca pela perfeição espiritual interligada às ações missionárias no mundo.

O período exigia novas estratégias e os novos grupos religiosos utilizaram das missões como meio de enfrentamento e renovação, sendo que a formação no interior desses grupos religiosos não deveria ser resumida apenas em buscar a perfeição espiritual entre os congregados; mais do que isso, tinha que servir como fulcro teórico para que eles pudessem atuar na sociedade, de modo mais contundente, na formação dos católicos. Por isso, além da indicação dos Padres da Igreja, Antônio Maria orientava a leitura de diversos autores, os quais poderiam colaborar para alcançar a perfeição espiritual:

Por exemplo (conforme a instrução de São Bento na sua Regra): Colações de São João Cassiano, a história dos Santos Padres, principalmente os que foram escritos por São Jerônimo, João Clímaco, o Abade Isaque da Síria, o Espelho da Perfeição, o Espelho da Cruz, o Beato Bartolomeu de Bragança, da Ordem dos Pregadores, sobre o Cântico dos Cânticos, São Boaventura, as Epístolas e os Diálogos de Santa Catarina de Sena, os livros do nosso Pai, Frei Batista de Crema e outros livros semelhantes que, bem compreendidos e praticados, nos levarão à perfeição (ZACCARIA, 1999, p. 138).

Além da indicação de livros, neste mesmo capítulo Antônio Maria dá uma indicação pedagógica de como os religiosos deveriam proceder em seus estudos: “Fiquem sabendo que é melhor ler pouco e mastigar bem o que lemos, que ler superficialmente e às pressas muitas coisas e muitos autores, pois isso é, antes, satisfazer a curiosidade que estudar” (ZACCARIA, 1999, p. 138). Na perspectiva Zaccariana, não havia a necessidade de se adquirir uma vasta cultura literária, pelo contrário, era mais válido e necessário para aquele momento conhecer profundamente um autor do que ler vários e pouco aprender.

No capítulo oitavo de suas Constituições, Antônio Maria continua a fazer orientações pedagógicas de como se estudar e alcançar melhores resultados nos

estudos: “Por isso, exortamos e queremos que cada um [...] se esforce para desenvolver uma reflexão pessoal (mesmo que não seja muito adiantado nos estudos), até que seja para escrever um livro” (ZACCARIA, 1999, p. 138). A partir desse método, os religiosos não precisavam ler muitos livros e sim conseguir assimilar ao máximo os poucos livros que tivessem contato, sendo eles suficientes para dar sustentação em suas falas catequéticas. “Deste modo, vocês conseguirão uma ciência tal que conseguirão até convencer filósofos, porque o intelecto e a boa e perfeita capacidade do homem - mesmo sem o livro dos outros - já escreveu livros” (ZACCARIA, 1999, p. 138).

Em sua perspectiva, escrever um livro consistia muito mais como um auxílio prescrito no método de estudo do que propriamente um objetivo o qual deveria ser obtido. Além disso, o importante era alcançar a capacidade de convencimento, a fim de tornar a catequese dos barnabitas mais efetivas. Para isso, Antônio Maria via que o melhor caminho a ser seguido por seus religiosos era o de absorver ao máximo as obras dos Padres da Igreja e de espiritualidade, que circulavam naquele período, para capacitá-los e sustentá-los, em seus trabalhos ascéticos e catequéticos.

As diversas indicações de estudos de Antônio Maria eram uma forma de reafirmar para seus religiosos, por meio da educação, a necessidade de se alinhar com a Igreja e estudar a partir dela. “Para os católicos, a autoridade da Bíblia é esclarecida pela Tradição, pelo testemunho dos Padres e pelas definições dos concílios aprovados pela Igreja” (MONDONI, 2015, p. 67).

Os diversos estudos que se deram no campo da linguística, filosofia, teologia e das Sagradas Escrituras serviram de modelo e referência para se proporem novos – ou renovados – modelos de vida para os diversos cristãos do período. A grande maioria dessas correntes contribuíram para que fossem criados novos questionamentos e, por consequência, novas respostas para a reflexão sobre a Igreja e sua missão no mundo (PEÑA, 2014).

Todos esses estudos deveriam acontecer de forma pessoal, ou seja; cada religioso poderia ler em seu devido tempo o livro que desejasse (desde que fossem os recomendados), entretanto as atividades formativas dos clérigos pautavam-se também em suas reuniões, às quais, eram de fundamental importância, ora para orientar no agir missionário, ora dar formação para todos os religiosos, conforme Zaccaria já fazia.

Destarte, o nono capítulo de suas Constituições foi intitulado como “As Conferências (reuniões)”. Ele escreveu sobre como deveriam ser realizadas essas conferências, a frequência e o que deveria ser discutido nelas. Essas reuniões deveriam acontecer diariamente, sendo obrigatório que todos os religiosos e leigos participassem. Tais encontros deveriam durar, aproximadamente, uma hora e, durante esse tempo, seriam orientados a discutirem sobre os temas da extirpação das raízes dos pecados, acerca das maneiras de se adquirir virtudes verdadeiras e reais e, também, como alcançar a perfeição da vida (ZACCARIA, 1999).

Essas discussões eram, sobretudo, para refletir acerca das questões relacionadas ao campo ascético e místico e se debruçavam sobre outros diversos temas, os quais, eram tidos como necessários na formação diárias dos clérigos, tendo em vistas a expansão das ideias protestantes naquele contexto. Vale lembrar que, antes do lançamento das Constituições dos Barnabitas, no ano de 1536 já havia sido publicado o livro *Instituição da religião cristã* de Calvino. Isso reforçava como as ideias críticas à Igreja estavam ganhando espaço, naquele período, em diversas regiões. E por isso o pensamento Zaccariano se expressou fortemente na tentativa de formar solidamente os religiosos e leigos, a partir dos preceitos do catolicismo. Assim, há um duplo sentido nesses escritos: no primeiro ponto, ele faz a crítica à própria situação do clero em geral; no segundo, ele acreditava ser necessário aos seus, a capacidade de localizar o nascimento das ideias más e perversas – leia-se: ideias contrárias à Igreja Católica, advindas das Reformas:

Reflitam ainda: sobre as causas e ocasiões pelas quais os bons costumes se corrompem e surgem os maus; que sinais precedem a ruína ou o nascimento dos bons costumes e dos maus; quais os bens que geram as boas inclinações e quais males nascem das más inclinações; quais as causas do fervor ou da tibieza, quais as suas características e o grau a que chegam; quais as causas do desejo ardente ou da esterilidade da mente, como também da sua divagação ou da sua estabilidade (ZACCARIA, 1999, p. 139).

As ideias de Zaccaria estavam marcadas pela necessidade de localizar as raízes dos problemas presentes dentro da própria vida clerical e religiosa da Igreja Católica no século XVI, isso porque só seria possível realizar alguma transformação se as principais dificuldades fossem mapeadas. E, para tanto, o padre fundador foi firme em dizer: “Fiquem sabendo, irmãos, que toda vez que vocês se descuidarem dessa santa reunião, tudo cairá em decadência” (ZACCARIA, 1999, p. 140).

Percebe-se que as conferências não eram simples orientações, consistiam em deveres a serem seguidos como forma de potencializar as ações barnabíticas no mundo. Para que fosse possível colher bons frutos dessas reuniões, Antônio Maria pedia para seus religiosos não caírem em conversas de sutilezas, lidando com os costumes de forma genérica, nem mesmo deixar a conversação cair num tom acadêmico ou inconsistente, ao contrário: “que ela tenha um tom de palestras persuasivas, segundo o método dos Santos Padres, evitando toda superficialidade e palavras rebuscadas” (ZACCARIA, 1999, p. 140). Todas as conclusões que fossem obtidas por meio das reuniões, principalmente aquelas que são provenientes dos mais velhos em vida religiosa, deveriam ser anotadas em um livro e se todos estivessem de acordo, seria interessante fazer duas ou três reuniões sobre o assunto para deixar tudo bem esclarecido. Com o passar do tempo, os barnabitas poderiam voltar a reler o que foi escrito e caso necessário, acrescentar algo (ZACCARIA, 1999).

Assim como o capítulo referente aos estudos barnabíticos, o 12º capítulo das Constituições chama muito a atenção, pois seu conteúdo é sobre a formação dos noviços. Antônio Maria Zaccaria preocupou-se muito com a formação dos seus religiosos, entendendo que era somente por meio dela que existiria a possibilidade de sua Ordem conseguir ter sucesso em sua atuação pastoral e missionária: “Irmãos, vocês bem sabem que todo crescimento ou ruína espiritual das Congregações depende da boa ou má formação e instrução dos Noviços” (ZACCARIA, 1999, p. 146). Por isso, a primeira etapa do processo formativo dos barnabitas era oferecida aos noviços. Afinal, neste contexto, os próprios ensinamentos da fé não eram conhecidos por muitos dos fiéis católicos, ora por não possuírem acesso, ora pela fragilidade do momento interno, no qual, o catolicismo passava. Certo é que parte do clero não tinha formação adequada e, por consequência, a própria catequese oferecida em algumas paróquias ou dioceses não correspondia às exigências da época.

A primeira etapa desse processo de formação só poderia acontecer se o formador estivesse alinhado com os preceitos dos barnabitas. Devido a isso, o Padre fundador exigia que todos os noviços tivessem apenas um único formador, entendendo que: “[...] instruídos de modo diferente, não poderão conviver bem e, talvez um desprezasse o outro, porque segue seu caminho e, daí, facilmente nasceriam dissensões e divisões” (ZACCARIA, 1999, p. 147). Essa preocupação em

muito se responde a própria liberdade que os protestantes deram na interpretação da Bíblia e, por consequência, da fé. Para que não ocorressem desvios nos caminhos, havia a necessidade de formá-los unilateralmente aos conhecimentos de um mestre.

Para que o mestre fosse selecionado para formar os noviços barnabitas deveria possuir alguns pré-requisitos: uma vida íntegra, ser conhecedor das diversas batalhas diabólicas, além de ter o dever de saber investigar o modo autêntico das características dos vícios e das virtudes, mais do que isso, deveria ser santo em tudo (ZACCARIA, 1999, p. 147).

Após escolherem o mestre para formar os noviços, este deveria seguir à risca um cronograma de estudos estruturado pelo próprio padre fundador, exposto ainda nesse capítulo. O roteiro de estudos era formado por sete tópicos essenciais, os quais deveriam ser cumpridos, impreterivelmente, por todos os noviços, sob tutela do mestre. Aliado ao programa formativo, também estavam postos os livros indicados por Antônio Maria.

O primeiro tópico do roteiro formativo diz respeito à necessidade de ensinar os jovens religiosos a dominarem suas vontades. Para tanto, era necessário fazer com que eles internalizassem tais preceitos. “[...] fiquem tristes quando tiverem de agir a seu modo e fiquem alegres e se sintam honrados tendo que fazer como os outros querem” (ZACCARIA, 1999, p. 148), Isso reforçava a importância do caráter de obediência dos noviços.

Para além da obediência, outro assunto era tratado com a devida seriedade: educá-los para a pobreza. Por mais óbvio que pareça, por estarem inseridos numa Ordem Regular, os mesmos estavam submetidos às suas regras, entretanto, nesse mesmo período, estava se tornando perceptível certa frouxidão e decadência moral dentro das ordens religiosas. Por isso Antônio Maria via como necessário reafirmar os preceitos básicos das regras religiosas, pois as mesmas, embora conhecidas, não estavam sendo cumpridas. Apontava, também, que existia uma dificuldade em viver uma vida pobre e humilde, pois ela carrega o sentimento de vexame e humilhação. Para isso, o Padre responde: “Querem fugir do vexame? Procurem-no e o ‘apertem com cordas e com os próprios braços’, que ele desaparecerá de suas vidas” (ZACCARIA, 1999, p. 150). Tais prescrições feitas, logo no primeiro tópico do cronograma, buscavam guiar os jovens a alcançar a perfeição da vida espiritual, desejo sempre presente nos escritos zaccarianos.

O segundo tópico era sobre a confissão. No século XVI os assuntos referentes à espiritualidade estavam intimamente ligados à educação, isso se dava principalmente pela influência do humanismo cristão, o qual estava ganhando maior espaço nos meios intelectuais. Antônio Maria Zaccaria, atento às novas tendências filosóficas e teológicas, entendia a necessidade de incluir nas Constituições barnabíticas assuntos conectados entre espiritualidade e teologia. Por isso, no segundo momento desse texto sobre a formação dos noviços, ele reforçou a relevância da confissão na vida do religioso, pois entendia que esse caminho era o que levaria a ascese mística espiritual dos barnabitas.

Na terceira seção, o tema foi o da confiança. Constituía como elemento necessário da formação barnabítica fazer com que os jovens, abrissem o coração para seu mestre. Por trás dessas palavras, existia o intento de combater a soberba. Tendo em vistas os diversos movimentos críticos, a Igreja neste período e, principalmente, os líderes de tais revoltas, eram tidos como soberbos pela intelectualidade católica: “A soberba é que os leva a crer que se bastam a si mesmos” (ZACCARIA, 1999, p. 151).

Com especial destaque, o quarto tópico discorria sobre a beleza do homem interior, constituindo um dos pontos de fundamental enfoque para a ascese e internalização da espiritualidade zaccariana. É notável como o livro “*Imitação de Cristo*” do Thomás Kempis influenciou os exercícios espirituais destinados aos noviços; tal perspectiva ajudava-os a procurarem uma fé que fosse mais interior do que exterior. Nessa concepção, a religião deveria ser contemplativa, procedida de oração, jejum e mortificação do corpo, numa busca incessante pela perfeição do espírito. Eis o fio do diálogo de Zaccaria:

Ele quer que o “homem exterior” se interiorize, isto é, tenha interioridade, numa palavra, seja “interior” e, em seguida, íntimo de Deus. Nesta síntese, encontramos as clássicas três etapas do caminho espiritual, ou seja, as três idades da vida espiritual. No “homem exterior”, ainda preso aos sentidos e, portanto, influenciado e governado por eles, encontramos a primeira etapa do caminho; no “homem interior”, a segunda etapa, a dos proficientes. Na vida de “familiaridade” com Deus, a última e definitiva etapa do amadurecimento espiritual, a vida divina, isto é, a vida do homem com Deus (BERARDINO, 1986, p. 41).

Para que os ideais espirituais de Antônio Maria fossem alcançados, era necessária uma rigorosa conversão religiosa, a qual, estava intimamente ligada a

intensa luta de reformar a Igreja internamente, pois como aponta o historiador Salvador Castellote, o catolicismo precisava renovar-se internamente e concomitante tinha que se resguardar como instituição (CASTELLOTE, 1997). O intuito era fazer com que os religiosos desejassem alcançar a perfeição espiritual. Eles deveriam sair do campo ideário e agir no mundo concreto, por meio de um novo modo de viver a religião. Reconhecendo os desafios que consistiam a progressão da vida espiritual, o quinto tópico reforçava o anterior e, ainda, acrescentava novas lições para que os noviços pudessem exercitar sua fé e alcançar novos resultados na espiritualidade. Realçava o caráter de humildade que deveria prevalecer entre os seus: “Saibam, pois, ó noviços que é dever dos corações magnânimos querer servir sem recompensa e querer combater sem remuneração” (ZACCARIA, 1999, p. 154).

O sexto ponto que deveria ser trabalhado referia-se ao amor e ao desejo de alcançar a completa perfeição. O amar deveria ser posto em prática em todos o tempo, de todos os modos e com todas as pessoas (BERARDINO, 1986), a fim de que, a conversão desejada fosse alcançada. A perfeição de vida almejada tinha suas referências em todo o movimento de transformações no campo cultural que estava ocorrendo no século XVI, desde as influências dos escritos místicos dos séculos anteriores, até mesmo, a interiorização da fé resultante de um novo modo de atuação missionária.

Por fim, no capítulo sétimo, o mestre deveria ensinar os noviços sobre o silêncio e outros comportamentos do “homem exterior”, destacando sobretudo, as experiências de convivência dos próprios barnabitas, além do lugar, contexto e oportunidades. Os bons modos eram requisitos básicos para essa nova leva de religiosos que pretendiam dar uma nova cara, reformada e espiritualizada, ao clero católico.

Todo o processo de formação dos noviços foi pensado para potencializar o sucesso de suas atuações pastorais e missionárias a curto prazo, pois a ideia era atualizar tais métodos de acordo com o contexto inserido. Entretanto, mesmo sem as modificações desejadas, é possível perceber o rigor estabelecido por Antônio Maria Zaccaria em todo o “breve currículo” de estudos dedicados aos noviços. Isso se deve, especialmente, por se tratar de uma forma de instruí-los a atuarem de forma radical no mundo. A batalha contra a tibieza deveria acontecer no início da jornada barnabítica, tendo sua gênese no interior da comunidade e a partir dela,

estender-se para o mundo. Para tanto, era necessário formar esses religiosos nas virtudes da retidão, obediência e coragem, semeando neles profundo amor à Igreja.

O capítulo décimo quarto das suas Constituições é deveras interessante. Sob o título “As penas e correções dos discretos”, Antônio Maria indica aos barnabitas as formas de como proceder perante os erros dos religiosos. Orientou que não houvesse nenhum tipo de prisão ou tortura para com os vacilantes, entretanto, recomendou o perdão por, no máximo, três vezes. Caso o religioso não se corrigisse e ocorresse um quarto erro, deveria ser expulso da Ordem. A expulsão de qualquer membro da Ordem, não deveria ser feita pelo superior e sim pelo Discreto. De acordo com o Padre Zaccaria, o Discreto deveria ser um membro cuja vida religiosa fosse austera; segundo seu pensamento, sem culpa espiritual é indiscreto: “[...] quem tem culpa, é considerado como indiscreto e destruidor da vida religiosa diante de Deus e dos homens” (ZACCARIA, 1999, p. 158). O Discreto era eleito pelo Superior e pelos confessos que naquela ocasião, morassem na mesma casa. Além disso, o número de discretos variava de dois a quatro, de acordo com a população da casa, conforme o Padre fundador destaca no Capítulo 15 de suas Constituições (ZACCARIA, 1999, p. 158).

No décimo sexto capítulo de suas Constituições, Antônio Maria discorreu sobre as modificações das Constituições dos Barnabitas, indicando como as deveriam ser feitas. Pode-se avaliar que não existia um tom ditatorial no momento de alterar, acrescentar ou excluir algum dos capítulos das Constituições. Para que isso ocorresse, era necessário que todos os irmãos religiosos tivessem consentimento de tais alterações. Ademais, as reformas dessas regras deveriam ser pensadas de acordo com as exigências do período histórico, por exemplo: no século XVI, havia uma necessidade implícita de renovar a vida religiosa da Igreja e foi nesse intento que Antônio agiu. Esse deveria ser o caminho das futuras modificações das Constituições. Por fim, é importante ressaltar que toda e qualquer alteração das regras, teria de apontar para um maior rigor e estabilidade dos barnabitas.

O século XVI que estava sendo marcado pelas diversas crises, no âmbito religioso, influenciou diretamente o pensamento e as estratégias de ação pastoral e educativa de Antônio Maria Zaccaria e, conseqüentemente, dos barnabitas. A respeito de tantos problemas presentes em seu período, no Décimo Sétimo capítulo de suas Constituições, intitulada como “Os sinais da decadência dos costumes”, o

Padre fundador indicou como detectar os pequenos costumes que acabam se transformando em potenciais pontos de crise. Para isso, ele divide esse texto em cinco pontos. Cada tópico diz respeito aos problemas que deveriam ser extirpados. Não se pode negar que Antônio Maria Zaccaria estava atento aos acontecimentos de seu tempo, esse capítulo é um exemplo claro disso, pois, os sinais de decadência apontados por ele eram, também, crítica às condições que chegaram as diversas ordens religiosas, assinalando sobretudo, o relaxamento moral e a tibieza. Ele resume suas ideias neste parágrafo:

Por isso, irmãos, lembrem-se de novo de como as Congregações santas foram preparadas, no início, pelo Espírito Santo; mais tarde, porém, relaxaram-se, por causa de muitos acréscimos de leis e de estatutos promovidos pelos que não possuíam o Espírito Santo do mesmo modo que seus pais. E, por isso, introduziram leis e costumes relaxados, do jeito que eles mesmos eram (ZACCARIA, 1999, p. 164).

A obediência foi o primeiro sinal apontado por Antônio Maira Zaccaria. Na sua perspectiva, dentro de sua Ordem religiosa, não deveria existir um aumento excessivo dos preceitos e afazeres sob pena de pecado, para ele, era desnecessário sobrecarregar a observância da lei por meio da força, mas sim incentivar que se cumprisse por amor. A instabilidade existente no interior de muitas ordens se explicava por existir entre os religiosos a queixa de “querer” ou “não querer” fazer algo e, por consequência, os próprios superiores queixavam-se de não poderem confiar em ninguém, tudo isso, de acordo com o pensamento Zaccariano, seriam sinais da crise da decadência, um dos grandes desafios encontrados no seio dos grupos religiosos.

O segundo sinal apresentado pelo autor é o da pobreza. Com tom assertivo, apontou que, quando aumentaram as fechaduras, as grades e as portas de ferro dentro da casa, significa que o amor e a pobreza acabaram, pois, tais bens são consequências do aumento das posses materiais. E acrescenta: quando surgir murmuros de “isso é meu, isto é, teu”, entenda-se que o voto de pobreza está se perdendo (ZACCARIA, 1999).

O terceiro sinal aprestando por Antônio Maria abordou o problema das conversas fúteis e descompromissadas que aconteciam nas casas das congregações. De acordo com ele, as distrações em bate-papos e recreios

prolongados entre os jovens e os velhos eram marcas da deterioração interna do grupo, aliás, diz que, esses diálogos com bons colegas, pessoas de fora e com as irmãs também levam aos mesmos resultados. “Se vocês, que querem ser homens espirituais, relaxam a guarda dos três votos, o que têm em si que não seja próprio dos tíbios?” (ZACCARIA, 1999, p. 166).

A quarta seção destacada pelo autor está relacionada à gula. Antônio Maria Zaccaria destacou que, quando se começava a produzir mais comida do que o de costume e se saciava a fome com guloseimas, evidenciava-se o declínio moral da ordem, pois, no momento em que a preocupação se restringe em deleitar-se com fartos alimentos e não em alimentar os mais necessitados, se vê como os caminhos estão tortos (ZACCARIA, 1999). Para os Barnabitas de boa saúde, a carne seria servida à mesa apenas 15 vezes por ano, em ocasião das grandes festas religiosas (SISNANDO, 1970).

O último sinal apontado por Antônio Maria Zaccaria dirigia-se, especialmente, aos Superiores. De acordo com ele, quando o Superior da casa começava a justificar seus erros, querendo perdão e, ao contrário, julga e não perdoa os erros dos outros religiosos, percebia-se, o início das ruínas espirituais da ordem. O autor ainda foi assertivo ao dizer que, quando os Superiores não conseguiam corrigir os erros dos seus irmãos e acabavam adulando-os, eis aí, desvio das virtudes.

Esse capítulo de suas Constituições é muito interessante, pois tratou, necessariamente, da sua visão sobre os problemas ligados à religião em seu próprio contexto. Não foi uma análise histórica, tendo como objeto Ordens de séculos passados; consistiu, de apontamentos sobre sua própria realidade como religioso. Por isso, é importante ressaltar cada ponto abordado pelo autor, porque eles nos possibilitam entender sua visão sobre o *status* das Congregações e Ordens religiosas do século XVI.

Além de descrever os sinais da decadência na crise da vida religiosa, no 18º capítulo de suas Constituições, intitulado como “Qualidades do reformador dos costumes e os seus labores”, apontou oito soluções para reerguer os bons costumes das Congregações. Esses assuntos, estão inteiramente ligados ao seu ímpeto de reformador, pois, segue uma linha clara: reestabelecer a moral dos grupos religiosos sem romper com a Igreja Católica, ou seja: reformar-se para reformar.

O primeiro tópico diz respeito à Descrição; o religioso é convocado a agir com sabedoria nessa fase de reforma. Tomar atitudes certas, significava ter ciência de quando realizar determinada atividade: “[...] você saiba escolher a oportunidade, o lugar, o tempo e as outras coisas que são exigidas quando se quer reformar” (ZACCARIA, 1999, p. 170). O empenho de realizar uma renovação interna exigia prudência e inteligência, porque se tratava de uma ação pensada e estratégica, haja vista um objetivo muito claro: reerguer a moralidade das Ordens religiosas. “Por isso, por causa dessa virtude da descrição, ele não seja nem por demais precipitado, nem demorado em decidir, mas saiba começar o empreendimento e levá-lo, com segurança, ao fim determinado” (ZACCARIA, 1999, p. 170).

Em sintonia com o tópico acima, o segundo consiste num aconselhamento sobre a abertura do coração e do ânimo generoso que o reformar deveria ter para não se abaterem com as diversas dificuldades existentes dentro da vida religiosa. O coração aberto preparava o religioso a aceitar as adversidades acometidas em suas vidas, mas ao mesmo tempo, incentivava-os a agir em prol de uma renovação no fervor do agir, respaldados numa espiritualidade interna que tinha por consequência, a ação externa.

Além disso, para agir, o religioso deveria ser constante, sem ter baixas nos resultados, por isso, o terceiro ponto, o qual Antônio Maria indicou para seus religiosos é o da perseverança. Para ele, não adiantavam nada as ações terem um ótimo início e não acabarem bem; era importante vencer as oscilações, mesmo reconhecendo as dificuldades eminentes no caminhar de todo cristão religioso: “Hoje, você vê que tudo está prosperando bem: não se alegre. Amanhã, verá tudo voltar-se contra você: não fique triste, mas siga a sua viagem com constância, que você chegará ao fim” (ZACCARIA, 1999, p. 171).

O religioso barnabita deveria utilizar da humildade como virtude reformadora, tal a sua importância que, no quarto tópico, discorre-se acerca da necessidade da humildade na vida religiosa. “O humilde é cheio de compaixão e de tolerância em relação aos defeitos alheios. Essas virtudes são sumamente necessárias para ajudar os imperfeitos, que realmente queiram progredir” (ZACCARIA, 1999, p. 171). A missão só teria efeito se alcançasse os diversos fiéis, leigos e leigas, padres e irmãs, renovando-os dentro do catolicismo.

Antônio Maria Zaccaria foi firme ao destacar a importância da oração dentro de todo esse processo de transformação espiritual. “Tudo é atribuído à oração: a

conversão da vida, a contrição do coração, o progresso espiritual e, portanto, o exercício das virtudes” (BERARDINO, 1986, p. 60). Por isso, a quinta seção trabalhada pelo Padre fundador foi sobre a oração e meditação, assinalando que manter-se forte espiritualmente, diante de Deus era extremamente necessário, porque ele era o guia dentre todos os guias.

O sexto assunto abordado referia-se à retidão das intenções, afirmando: aqueles que não possuem boa vontade e retidão, serão incapazes de reformar os bons costumes. A finalidade maior dos Clérigos Regulares de São Paulo consistia, sobretudo, na reforma moral e espiritual do catolicismo, por isso, se tornou necessário converter àqueles que não estivessem dentro desta perspectiva.

Quem não tiver essas boas e retas intenções, procure adquiri-las antes de começar a reformar; a intenção sumamente boa e reta merece a ajuda de Deus e, deste modo, a reforma poderá durar, ao menos alguns séculos (ZACCARIA, 1999, p. 172).

A busca pela perfeição espiritual, presente em toda trajetória de vida do Padre Antônio Maria, foi marcante por definir os exercícios ascéticos e toda a mística envolta de sua espiritualidade. Ele aconselhou os religiosos barnabitas, no sétimo tópico, a tentarem atingir a perfeição em suas ações, sempre, cada dia mais. “Então, você quer mesmo reformar os bons costumes? Procure aumentar sempre aquilo que você começou em si mesmo e nos outros, porque o tamanho da perfeição é infinito” (ZACCARIA, 1999, p. 173). Seguir as ideias zaccarianas constituía-se como uma tarefa complexa: exigia dos candidatos uma vida reta, sem oscilações e dispersões, direcionada a alcançar a perfeição espiritual, à qual, possibilitaria renovar toda a dimensão da espiritualidade religiosa em seu período.

Por fim, o último ponto abordado no capítulo 18º de suas Constituições foi referente a confiança que todo reformador deveria ter em Deus e as batalhas que sempre estarão presentes em suas vidas. Ele destacou que o reformador deveria ser de Deus e trabalhar para Deus, carregando a Cruz de Cristo, na luta incessante contra a tibieza e a decadência moral e religiosa.

Desta forma, percebe-se que o capítulo 18º de suas Constituições foi uma resposta aos problemas apresentados no capítulo anterior. Todas essas instruções apresentadas para seus religiosos tinham um único objetivo norteador: formar um religioso com ideias reformadoras. Aqueles que desejassem seguir essa vida, teriam que estar abertos para seguir os preceitos zaccarianos e barnabíticos, a fim de

mostrarem serviço no mundo. O reformador atuaria na vida pastoral e missionária de forma incisiva e estratégica, uma vez que tinha seus objetivos muito bem estabelecidos.

As Constituições não foram promulgadas oficialmente; sendo assim, não tiveram embasamento jurídico legal para a Ordem. Pois, conforme aponta o Pe. Franco M. Ghilardotti, o fundador dos barnabitas por ter focado principalmente nas ações apostólicas e pastorais, não deixou nenhuma lei bem definida para seus religiosos e, por consequência de sua morte prematura, não conseguiu ajustar definitivamente suas Constituições (GHILARDOTTI, 2009). Mesmo sem ter dado as últimas atualizações e levado para o campo jurídico, seus escritos nortearam as ações barnabíticas no primeiro século de sua história, até porque, a Primeira Constituição definitiva de 1579 seguiu todos os preceitos expostos por seu fundador, reafirmando e tornando-se oficial para todos os barnabitas (DUBOIS, 1924).

3.2 O APÓSTOLO PAULO COMO CENTRO DA ESPIRITUALIDADE ZACCARIANA

A partir do século XV, a espiritualidade cristã foi marcada por novos ideais que estavam circulando no meio teológico e filosófico. O que se pode observar das questões espirituais desse período foi a visão política da Igreja, e por outro lado, a formulação de uma espiritualidade oposta à prática eclesial habitual, em consonância com a *Devotio Moderna* (CATÃO, 2009). Os cristãos, além de precisarem se converter para uma nova vida espiritual contemplativa, deveriam também, praticar sua fé em atos concretos, mas que os mesmos, não fossem para suas próprias glórias. “Aquele que tem verdadeira e perfeita caridade em nada se busca a si mesmo, mas deseja que tudo se faça para a glória de Deus” (TOMAS DE KEMPIS, 2015, p. 46).

Por seu lado, a espiritualidade de Antônio Maria Zaccaria, alinhada com postulados da “Devoção Moderna” estimulava a ação cristã no mundo contrapondo as correntes de uma fé somente “interiorizada”. Para tanto, a base do pensamento zaccariano tinha como fulcro a teologia paulina, apropriando-se, sobretudo, da mensagem do Cristo Crucificado²⁴.

²⁴ A mensagem do Cristo Crucificado só pode ser entendida se situarmos a crucificação no mundo romano, pois, neste período, tal prática era tida como o castigo mais cruel a ser afligido em alguém. Desta forma, ao anunciar o Cristo Crucificado, Paulo semeava a ideia de que o Filho do Crucificado é Deus e o Crucificado também é Deus, o que se era tido como uma ousadia em seu contexto histórico. Essa ideia constitui-se como centro da gravidade da teologia paulina (DUNN, 2009; REYNIER, 2012).

O Cristo Crucificado foi a única devoção sólida de Antônio Maria Zaccaria e o tema preferido de suas pregações, além de ser o centro de sua espiritualidade (BERARDINO, 1986). Tão grande a influência de Paulo na vida do Padre Zaccaria que, as duas Ordens religiosas e o grupo de leigos que ele fundou tiveram São Paulo como patrono. Em suas cartas, as citações sobre o Cristo Crucificado são recorrentes, aparecendo em nove das doze cartas.

Um grande exemplo da importância do Cristo Crucificado na espiritualidade de Antônio Maria Zaccaria pode ser observado na carta escrita no dia 11 de junho de 1539, enviada para Batista Soresina. Neste texto, o Padre estava advertindo-o por estar tratando com indiferença o, então, superior dos barnabitas, Tiago Morigia. “[...] isso me encheu de tristeza, pois se comporta diante dele de maneira fingida. Isso me atravessou o coração!” (ZACCARIA, 1999, p. 38). Para tentar instruí-lo a tomar ações corretas, Zaccaria sugeriu o Cristo Crucificado como caminho pedagógico: “[...] eu lhe garanto que Cristo Crucificado o levará a tal grau de perfeição” (ZACCARIA, 1999, p. 38). O Cristo Crucificado foi apropriado de maneira pedagógica por Antônio Maria Zaccaria, pois, o sofrimento de Jesus influenciou o intelecto zaccariano (BERARDINO, 1986).

Em diversos momentos, Antônio Maria, recorreu ao Cristo Crucificado para auxiliá-lo em suas atividades pedagógicas. É possível observar isso em diversos trechos de cartas, a exemplo da carta datada de 28 de julho de 1531, enviada para Carlos Magni: “Eu tenho rezado sempre por você diante do Cristo Crucificado, porque preciso aprender primeiro o que eu quero ensinar-lhe” (ZACCARIA, 1999, p. 15). Antônio Maria teve o Apostolo dos Gentios como modelo de vida e transpôs tal influência em sua atividade catequética, tendo-o como grande alicerce espiritual e educativo.

O Cristo Crucificado era o livro onde se aprendia a força e a sabedoria divina e ao praticar os ensinamentos desse “livro”, seria possível alcançar a santidade e a perfeição espiritual tão almejada por ele (BERARDINO, 1986). Dessa convicção espiritual, Antônio Maria Zaccaria moldou sua fé e trabalhou no intento de reformar internamente a Igreja, por meio de suas Ordens religiosas e de sua atividade pastoral catequética. Em suas cartas, torna-se possível perceber alguns dos momentos mais significativos da sua própria vida espiritual, onde, transparecem situações que caracterizam a própria vida do apóstolo Paulo (GENTILI, 1980).

A relação de Antônio Maria com o Apóstolo Paulo foi além de uma apreciação teologal ou mesmo de uma devoção; foi um exemplo de vida. Para ele, Paulo era, sobretudo, um modelo e um professor do apostolado, ao mesmo tempo, um objeto de amor filial (FRIGERIO, 1970). Em sua carta datada de 08 de outubro de 1538, enviada para o Padre Bartolomeu Ferrari, cofundador dos barnabitas, ele descreveu a importância de seguir o exemplo de Paulo para exercer a atividade apostólica: “Não se deixem desanimar pelas dificuldades que aparecerem na hora de falar ou de fazer qualquer outra coisa [...] assim também acontece na prática da vida cristã. Paulo não foi, no começo, o que foi mais tarde e nem os outros!” (ZACCARIA, 1999, p. 25).

Não bastava seguir os passos do Apóstolo Paulo, era necessário dar o exemplo de quem o seguia, de um verdadeiro devoto paulino, por isso, na carta que Antônio Maria enviou para sua religiosa Paula Antônia, no dia 10 de junho de 1539, ele foi assertivo ao instruir suas religiosas a darem o exemplo reto em suas atividades cotidianas:

Portanto, não lhes convém a conversa fiada: o que convém, isso sim, é observar o silêncio que lhes foi pedido. Não lhes fica bem trabalhar, falar ou pensar, sem um controle interior e exterior. E assim, o fato de não terem o controle de suas vontades, as levaria ao desleixo, pois elas ainda estão longe do ideal. Terem um cargo, seria motivo de presunção; saber muitas coisas, motivo de orgulho; a distração as tornaria relaxadas; o não mortificar a própria vontade, mesmo nas coisas boas, as tornaria grosseiras e as afastaria totalmente dos ideais de São Paulo e de sua vida. Reflitam e vejam o mal que é para elas desejar comodidades; embriagar-se - não de vinhos finos- e saciar-se - não de comidas requintadas - mas de consolações espirituais e se alimentarem, mesmo que só um pouco, com a autosatisfação: se não forem cegas, elas verão o mal que estas coisas fazem. *Diga-lhes, portanto, que o Apóstolo Paulo lhes apresenta um Cristo Crucificado em todos os sentidos, não só Ele Crucificado, mas também crucificado nelas; e insista para que assimilem bem esta idéia* (ZACCARIA, 1999, p. 35, grifo nosso).

As indicações de Antônio Maria às suas religiosas da Ordem das Irmãs Angélica de São Paulo corresponderam como uma tentativa de educá-las corretamente dentro da perspectiva de vida paulina, para que, assim, pudessem agir em prol da Reforma Católica. Não obstante, diante de um cenário onde os mosteiros femininos enfrentavam diversos problemas, a solução zaccariana foi a de, em primeira e última instância, apresentar o Cristo Crucificado como modelo de vida religiosa. Toda a admiração de Antônio Maria para com o Apóstolo Paulo era muito

profunda. Na sua concepção, imitar e amar o Apostolo dos Gentios era entendido como o meio mais eficaz de servir a Cristo com maior fidelidade e assertividade (FRIGERIO, 1970).

A crise instaurada em seu contexto histórico-religioso exigiu soluções concretas e eficazes de Antônio Maria, por isso, ele apostou em resgatar a essência cristã dos tempos primitivos, a fim de reerguer a moralidade da Igreja de seu tempo. Ele acreditava na sinceridade como virtude necessária para vencer os obstáculos de seu tempo: “Paulo nunca quis dizer uma mentira, mesmo que fosse para ganhar o mundo inteiro: ganhá-lo para Cristo!” (ZACCARIA, 1999, p. 69).

O objetivo das Ordens religiosas fundadas por Antônio Maria Zaccaria consistiu na luta contra o relaxamento da vida cristã. Para tanto, ele estimulou os barnabitas e as Irmãs Angélicas a amarem o apostolado e a contemplarem constantemente o Cristo Crucificado, seguindo assim, os passos paulinos (GENTILI, 1980).

A grande missão de Antônio Maria foi instruir e direcionar seus religiosos a alcançarem a perfeição espiritual. Para que isso ocorresse, ele indicou leituras, exercícios espirituais e definiu os modelos de vida de um bom cristão. Na carta enviada às Irmãs Angélicas, no dia 26 de maio de 1537, ele apontou a importância de Paulo em sua vida espiritual e por consequência, na vida de seus religiosos:

Lembrem-se do seguinte: São Paulo e Frei Batista, nossos inspiradores santos e benditos, nos mostraram tamanha grandeza e abertura de espírito para Jesus Crucificado, tamanha coragem diante das penas e provações da vida e tamanho desejo de ganhar o próximo e de conduzi-lo à perfeição total que, se nós não tivermos um desejo infinito dessas mesmas coisas, não seremos reconhecidos como seus filhos legítimos e sim degenerados. Tenho certeza que não é essa a intenção de vocês, principalmente por causa da grande vontade que vocês têm de amar Cristo e de agradar a mim, um pai que tanto lhes quer bem, que sempre pensa em vocês e não vê a hora de voltar, só para estar com vocês. 10505 Confio a vida de cada uma ao Cristo Crucificado, por meio de seus santos (o apóstolo Paulo e Frei Batista). Eles cuidarão sempre de vocês, por causa do amor que têm por todas e por causa das minhas orações: eu rezo fielmente a Cristo, oferecendo vocês a Ele a todo o instante. E lhes peço que digam a eles que me façam alegre com o crescimento espiritual de todos nós (ZACCARIA, 1999, p. 23-24).

Tamanha a influência do Apostolo Paulo na espiritualidade Zaccariana também foi evidenciada pelo autor Franco M. Ghilardotti que, ao tratar do assunto, sinalizou quatro ideias fundamentais que norteavam o pensamento de Zaccaria: 1) a

economia da salvação, que foi dividido em outros quatro temas: a) Cristo, o verbo encarnado; b) a simbologia dos dois homens; c) o livre arbítrio; d) Os dois livros de Deus: a revelação cósmica e bíblica; 2) O antigo testamento sob a figura do novo; 3) a penitência e conversão; 4) O senso social da caridade (GHILARDOTTI, 2010).

Pode-se constatar a importância do Apóstolo Paulo na espiritualidade Zaccariana e, por consequência, para as Ordens religiosas e dos Leigos, uma vez que esses grupos levaram adiante os pressupostos paulinos por meio da educação catequética e das atividades pastorais. Sendo o Apostolo dos Gentios sua única devoção sólida, Antônio Maria Zaccaria se esforçou para ser um verdadeiro discípulo paulino, acreditando que, assim, teria mais chances de alcançar a perfeição espiritual.

3.3 A ASCESE E MÍSTICA DE ANTÔNIO MARIA ZACCARIA: O CAMINHO PEDAGÓGICO PARA A PERFEIÇÃO ESPIRITUAL

No cristianismo, assim como nas mais diversas vertentes religiosas, existe uma pregação acerca da vida ascética. Essas atividades podem estar ligadas aos jejuns, abstinências, austeridades e mortificações, sob os mais variados pretextos. Para tanto, vale reforçar que a vida ascética cristã é contraditória: supõe um otimismo metafísico – tudo é bom, por ser criação de Deus – e um pessimismo histórico – o pecado como desafio à vida espiritual (MONDONI, 2014). Por isso, na história da Igreja, sempre existiu distintas correntes que propuseram variadas atividades para alcançar uma progressão na espiritualidade.

Antônio Maria Zaccaria entendia a ascese como uma possibilidade de exercitar o espírito dos cristãos, no intuito de alcançarem a perfeição espiritual. Pois, no sentido cristão, as atividades ascéticas se constituem como um modo de dominar os desejos causados pelo egoísmo, a fim de reorientar os fiéis às práticas de caridade (MONDONI, 2014). Todo esse direcionamento espiritual se deu, sobretudo, pelo estado de urgência que as diversas ordens e congregações se encontravam, por isso, Zaccaria viu como necessário instruir seus religiosos a nascerem como novos homens (GENTILI; ERBA, 2009).

A oração tem um significado forte e esteve presente desde os primórdios da religião, sendo o relacionamento pessoal com Deus, uma realidade a qual não pode ser descrita, mas sim, vivida no interior de cada um (CATÃO, 2009). Com o intuito de

orientar seus religiosos a alcançarem maior nível de elevação espiritual, Antônio Maria Zaccaria apostou na oração como meio fundamental de se aproximar de Deus e, por consequência, progredir espiritualmente. Nesse contexto, os exercícios espirituais ganharam mais espaço e, como consequência, os trabalhos ascéticos foram fortificados dentro da espiritualidade cristã (CASSIRER, 2001).

Na carta escrita por Antônio Maria Zaccaria, do dia 28 de julho de 1531, enviada para seu amigo Carlos, a quem ele o chama de procurador e irmão, é possível analisar como o Padre procurou educar seus amigos e religiosos por meio do método da gradualidade espiritual, onde a oração teve papel fundamental. Nesse escrito, Antônio Maria apontou três passos fundamentais para se aproximar a Deus:

[...] faça suas orações pela manhã, à tarde, em qualquer hora, preparando-se antes, ou de acordo com a ocasião; de todas as maneiras: deitado na cama, ajoelhado, sentado, ou de qualquer outro jeito que você quiser, principalmente antes de começar as atividades do dia; que essas orações não tenham formas já estabelecidas, e durem um pequeno espaço de tempo, ou longo, conforme Deus permitir. Rezando, você procure dialogar com Cristo a respeito de tudo o que acontecer, até sobre as dúvidas e dificuldades, especialmente nos momentos das maiores incertezas, dizendo para Ele o que está a favor e o que atrapalha as suas decisões. Faça isso da maneira mais breve possível, dizendo-lhe a decisão que parece ser a melhor ou, então, perguntando ao Cristo o que Ele acha a respeito. Certamente que Ele não lhe negará sua opinião, se você insistir; aliás, eu lhe garanto que Ele atenderá os seus pedidos (ZACCARIA, 1999, p. 16).

A oração é uma expressão da fé e, ao mesmo tempo, um fator da mesma; a fé se mantém e se conserva viva, sobretudo nos momentos difíceis (MONDONI, 2014). Por isso, no primeiro passo apontado por Antônio Maria Zaccaria, ficou explicitado a importância da oração em sua fisionomia espiritual, sendo ela uma atividade diária e constante, a qual deveria ser encaixada nos mais variados momentos do dia. É um método gradual que tem um objetivo claro: tornar-se íntimo de Deus. Tal conselho surgiu pelo próprio reconhecimento de Antônio frente às suas próprias dificuldades, no início de sua caminhada espiritual (BERARDINO, 1986). Por isso ele indicou aquilo que lhe ajudou a vencer tais obstáculos.

O segundo passo indicado em seu método gradual, diz respeito à maneira de como conseguir se tornar mais íntimo de Deus, realizando, no cotidiano, a contemplação.

A segunda coisa que o ajudará a viver o que eu disse antes e trará para você mais e mais graças de Deus, é a frequente elevação da mente (contemplação). Caro amigo, a elevação da mente é necessária, pois onde há maior perigo e se trata de coisas mais importantes, é aí mesmo que o cuidado deve ser maior e a atenção redobrada. O homem, por natureza, acha difícil ficar concentrado numa coisa só e, para o homem que tem o mau hábito de ficar distraído, unir-se a Deus é mais difícil ainda. E é difícil demais ser obrigado a ocupar-se de atividades que nos separam de Deus e não ficar separado Dele de verdade: é a mesma coisa que entrar na chuva sem se molhar. Isso é claro! Mas o que parece impossível, se torna muito fácil com a ajuda de Deus, desde que não neguemos a nossa colaboração e tenhamos aquele cuidado e esforço pessoal, que são dons de Deus para nós (ZACCARIA, 1999, p. 17).

A dinâmica proposta por Antônio Maria Zaccaria não foi impensada, pelo contrário, a contemplação só pode ser alcançada por meio de uma fé sólida, a qual, se atinge através da oração, ou seja, a oração precede a contemplação que é a confirmação da vida à fé, tornando o objetivo da fé conatural (MONDONI, 2014). Por isso, o Padre continua em sua carta: “Portanto, se nós quisermos estar com Deus e, ao mesmo tempo, agir, falar, pensar, ler ou resolver problemas, o jeito é elevar, muitas vezes, os olhos de nossa mente a Deus, por pouco ou por muito tempo” (ZACCARIA, 1999, p. 17). Não obstante, aconselhou que se rezasse sempre antes de iniciar qualquer atividade diária: “[...] Antes de começar qualquer coisa, diga espontaneamente ao Cristo umas poucas palavras e, ao longo do dia de trabalho, eleve sua mente a Deus frequentemente” (ZACCARIA, 1999, p. 18).

O cerne da preocupação de Antônio Maria estava em aconselhar seu amigo Carlos a se tornar um bom cristão, pois, em sua visão, se ele agisse de outra forma, poderia até se tornar uma boa pessoa, mas não estaria se tornando um verdadeiro seguidor de Cristo: “[...] você será um homem bom, não um bom cristão, tal como Cristo quer e como o chamou para ser” (ZACCARIA, 1999, p. 18). Por isso, o padre suplicou a atenção de seu amigo: “Caríssimo, se as minhas palavras têm algum valor para você, eu o exorto peço-lhe e o obrigo em Cristo e por Cristo: abra os olhos e preste atenção no que acabo de escrever” (ZACCARIA, 1999, p. 18). Toda a preocupação de Zaccaria se entende pelo seu contexto histórico, o qual, exigiu que ele formasse novos homens, com uma fé forte, para atuarem na reforma interna da Igreja.

A última etapa de seu método consistia em instruir seu amigo Carlos no esforço do autoconhecimento, uma vez que, só por meio dele, seria possível reconhecer seus próprios pontos fortes e fracos.

Ora, a terceira coisa é a seguinte: na meditação, na oração, nos pensamentos, esforce-se para conhecer os seus principais defeitos e, acima de todos, aquele defeito que, como comandante geral, chefia os outros que existem em você. Querendo acabar com ele, esforce-se também para acabar com os outros que aparecerem, do mesmo jeito que faz quem deseja matar o comandante do exército inimigo, que fica protegido no meio de suas tropas: tendo os olhos sempre voltados para o que é o mais importante, abra caminho até ele, matando todos os que estiverem na frente. É assim que você deve fazer no combate aos seus defeitos (ZACCARIA, 1999, p. 19).

Para alcançar a perfeição espiritual, o homem deve, impreterivelmente, conhecer os próprios defeitos, no intento de eliminá-los de sua vida. Mas, detectá-los não é fácil, por isso, a oração é o meio utilizado para encontrar as falhas e extirpá-las: “[...] esse caminhar da alma até a posse da perfeição plena, para Antônio Maria só é possível pela assídua e perseverante oração” (BERARDINO, 1986, p. 54). Na mesma carta, Antônio Maria apontou o maior defeito de Carlos que, em sua opinião, era a ira, advinda da soberba; a ideia era mostrar para seus amigos que, ao descobrir e acabar com o seu maior defeito, os pecados menores, seriam também percebidos e passíveis de eliminação: “[...] Mostrei-lhe o mal que é a mãe de todos os seus defeitos; acabe com ele: desse modo, não fará nascer filhos em você (ZACCARIA, 1999, p. 19).

Os três passos indicados por Antônio Maria Zaccaria correspondem a um método pedagógico que buscava apresentar uma solução aos problemas espirituais encontrados no catolicismo do seu tempo. Não obstante, formar e indicar um caminho para a ascensão espiritual aos padres, irmãos e aos leigos que poderiam atuar na reforma interna da Igreja foi a opção eleita por Zaccaria em sua missão como reformador.

Ao contrário do método gradual apresentado na carta enviada para seu amigo Carlos, Antônio Maria Zaccaria apontou em um de seus Sermões, os motivos pelos quais os homens e mulheres, religiosos e religiosas, não progrediam na vida espiritual. Escrito entre os anos de 1529-1530, seus Sermões foram proferidos na Igreja de São Vital, em Cremona, durante o tempo em que estava estudando teologia. Antecede a carta onde foi apresentado o método gradual, ao mesmo

tempo, colabora para analisarmos seu pensamento ascético e místico como um todo.

O método de ensino utilizado por Antônio Maria, nesse período das pregações na Igreja de São Vital, não foram novidades para época; tratava-se, na verdade, da *Lectio Divina*, ou seja, uma maneira particular de ler e orar a bíblia, por meio da leitura, meditação e contemplação, todas ideias presentes na tradição da *Devotio Moderna* (GENTILI, 1980). Nesses encontros do seu grupo de reflexão, Antônio Maria buscava colaborar com o crescimento espiritual de seu público, sempre com vistas a alcançar aquilo que ele entendia como perfeição da vida espiritual. Para tanto, ele propôs refletir sobre os 10 mandamentos, particularmente, o primeiro.

Antônio Maria Zaccaria foi incisivo ao apontar o porquê de as pessoas não evoluírem espiritualmente: “Confesse a verdade: a culpa é sua!” (ZACCARIA, 1999, p. 53). O primeiro passo para qualquer um que deseje crescer na vida espiritual, no pensamento Zaccariano, era reconhecer os próprios erros e tentar extirpá-los. “O homem que quer chegar a Deus precisa de ir degrau por degrau, subindo do primeiro para o segundo e deste para o terceiro e, assim por diante” (ZACCARIA, 1999, p. 53). Tais falas podem ser consideradas como direções espirituais estratégicas (ERBA; GENTILI, 2009).

Para o Padre, os homens de seu tempo não agiam conforme a fé mandava, pelo contrário, estavam agindo com frouxidão e apatia frente às diversas situações do cenário religioso. Tudo isso era fruto do não cumprimento da lei divina, prescritas no antigo testamento; por consequência, percebia-se a impossibilidade de ascender espiritualmente. Conforme podemos observar em sua conclusão do primeiro Sermão:

Concluindo, podemos dizer que não somos fiéis no culto a Deus mas, claramente, gente infiel. A causa do nosso pequeno crescimento não é Deus, nem a lei, nem a nossa incapacidade, mas o não observarmos a ordem estabelecida, querendo ser mestres e não discípulos (ZACCARIA, 1999, p. 58).

Outras questões importantes sobre a ascese Zaccariana podem ser observadas na carta enviada às Irmãs Angélicas, no dia 26 de maio de 1537, onde foram apresentado diversos pontos que indicam como se deveriam entender as

vitórias espirituais conquistadas por elas; o conteúdo consistiu como um verdadeiro teste posto para suas religiosas (ERBA; GENTILI, 2009).

Para Antônio Maria Zaccaria, uma pessoa que está caminhando progressivamente rumo ao crescimento espiritual, deve deixar transparecer características próprias:

[...] gente firme, perseverante e fervorosa nas práticas espirituais, a tal ponto de não passar facilmente do fervor ao abatimento; pelo contrário, que conserve um fervor constante e intenso, que se renove pelos compromissos do batismo e mostre sempre novo vigor; gente que conseguiu uma fé tão grande, que tudo o que é muito difícil, pareça muito fácil, mas certas de que esta confiança nunca será abalada por presunção ou vanglória; gente que procure fazer com perfeição os trabalhos mais humildes, ocupando-se deles com todo capricho e cuidado, não desanimando, nem achando que é rebaixar-se por causa da pouca importância desses trabalhos; gente que se esqueça totalmente de si, para olhar só para o próximo; que não veja seu próprio interesse e não pense em si, mas consiga o bem dos outros, comportando-se de maneira discreta e madura na ação; gente que venceu suas tristezas bobas, sua sensibilidade à flor da pele, o medo de não progredir na vida religiosa, o desânimo ao querer vencer a si mesma, a cabeça dura e a teimosia, a distração e outras coisas mais (ZACCARIA, 1999, p. 23).

As características apresentadas acima deveriam estar presentes em todos aqueles que estavam lutando incessantemente para progredir espiritualmente, com a finalidade de alcançar a perfeição espiritual. Dito isso, o êxito da ascese Zaccariana que implicava num comportamento ativo no aperfeiçoamento de si mesmo, coincidiu com o que se ficou conhecido como ascese da transfiguração, que sugeria um comportamento passivo receptivo (ERBA; GENTILI, 2009).

Percebe-se que, para auxiliar seus religiosos e leigos a crescerem na fé, Antônio Maria Zaccaria foi pontual ao assinalar os motivos que impediam as pessoas de progredirem espiritualmente. Não obstante, com intuito de promover uma solução a tais problemas, ele elaborou um método pedagógico baseado na progressão gradual da espiritualidade.

3.4 A ESPIRITUALIDADE ZACCARIANA E A LUTA CONTRA A TIBIEZA

O pensamento de Antônio Maria Zaccaria teve um fio condutor que norteou todo seu perfil espiritual e intelectual: a luta contra a tibieza. Dentre os diversos males presentes em seu contexto, para ele, a falta de firmeza dos cristãos

constituía-se como a raiz de todos os males. Em diversos momentos, foi enfático, ora com seus religiosos, ora com o público de suas catequeses, acerca da necessidade de vencer a vida tibia como meio de alcançar a perfeição espiritual. “Considerando a vida espiritual como luta, a tibieza era reconhecida como o pior obstáculo para o fervor, que para ele é a característica dos ‘verdadeiros amantes de Cristo’” (MONTONATI, s.d., p. 32).

A importância de vencer a luta contra a tibieza era tão grande que, em um de seus Sermões, Antônio Maria Zaccaria se dedicou a explicar a origem de tal mal, pois, de acordo com ele, a tibieza possuía três causas que andam juntas (ZACCARIA, 1999). Esse Sermão foi dividido em três partes, entretanto, nunca foi concluído pelo autor, sendo que somente a primeira parte foi escrita. O início do texto marca-se pela indignação de Antônio Maria com algumas falas que surgiram em seu contexto sobre a vida espiritual:

Alguns dizem: não é preciso fazer as coisas muito bem e nem fazer muitas coisas: algumas são necessárias, outras, apenas foram aconselhadas, são a mais e não são indispensáveis. Rezar muito, humilhar-se muito, fazer muita penitência, dar o que temos aos pobres, sobrecarregar-se de coisas espirituais... Pra quê? Não precisa! (ZACCARIA, 1999, p. 113).

O posicionamento firme de Antônio Maria apresentado na citação acima se deu, sobretudo, por representar uma marca da condição da vida religiosa no século XVI. Além disso, questionar a busca da progressão espiritual era uma afronta. “Tudo é atribuído à oração: a conversão da vida, a contrição do coração, o progresso espiritual e, portanto, o exercício das virtudes” (BERARDINO, 1986, p. 51). Por isso, nesse texto, o Padre alertou seus ouvintes a distinguirem entre preceitos e conselhos, pois somente por meio dessa distinção, seria possível extirpar a tibieza.

No pensamento zaccariano, a perfeição espiritual só poderia ser alcançada se a tibieza fosse arrancada pela raiz, e isso só seria possível por meio da distinção: “Você quer saber por que se faz esta distinção? Para arrancar a tibieza” (ZACCARIA, 1999, p. 114). Pode-se observar três argumentos centrais nesse Sermão: a) a distinção entre conselhos e preceitos criadas pelos santos; b) a não observância dos conselhos; c) a não aceitação da mediocridade (ERBA; GENTILI, 2009).

No primeiro argumento, sobre a distinção que os santos no correr da história da Igreja fizeram entre preceito e conselhos, Antônio Maria diz: “[...] dessa forma

ficavam sempre animados para a ação; e, em seguida, quase que estabilizados, pudessem subir, pouco a pouco, até a perfeição” (ZACCARIA, 1999, p. 114). Antônio Maria reforçou que para vencer a tibieza, era necessário o esforço generoso, aquele que vai além do que foi pedido, mas, que não ultrapassasse aquilo que era aconselhável (MONTONATI, s.d.).

O segundo argumento sobre a não observância dos conselhos, se fundamentou na ideia de que, aquele que não nota os conselhos, corre o perigo de não observar os próprios mandamentos de Deus (ERBA; GENTILI, 2009). O não se atentar para as questões das leis divinas, era considerado um grande retrocesso na vida espiritual: “E não progredir no caminho de Deus é parar, é voltar pra trás (São Bernardo)” (ZACCARIA, 1999, p. 116).

Sobre a não aceitação da mediocridade, Antônio Maria apontava que o espírito humano não poderia se satisfazer com a mediocridade, porque é atraído incessantemente para o bem ilimitado (ERBA; GENTILI, 2009). Sendo assim, observa-se que, no pensamento zaccariano, o homem possui uma pré-disposição para o bem, porém, caso não haja a prática da bondade e da busca pela perfeição espiritual, existe a possibilidade de se afastar da vida reta:

Acontece com você o mesmo que acontece com a água do mar, que nunca para: avança seis horas e recua seis horas e nunca está firme! O mesmo acontece para o homem na vida espiritual: ou ele cresce pela virtude ou, se não crescer, permanece no vício. Desta maneira, se afastou da virtude e voltou prá trás (ZACCARIA, 1999, p. 116).

Toda a argumentação de Santo Antônio Maria Zaccaria observada nesse Sermão pode ser considerada como lições pedagógicas, pois, para ele, vencer a tibieza era um desafio para a vida toda. Por isso, sua arguição se assemelhou a uma estratégia de batalha (ERBA; GENTILI, 2009). Portanto, seus ouvintes e, por consequência, seus religiosos, deveriam se educar para buscar a perfeição espiritual durante toda a vida, observando sempre os preceitos e conselhos a fim de extirpar a tibieza.

A atenção dada para o tema da tibieza não apareceu somente nos Sermões; foi recorrente em diversas de suas cartas. No dia 04 de janeiro de 1531, ele escreveu uma carta para Bartolomeu Ferrari e Tiago Morigia, na qual, se debruçou em falar sobre os males advindos da falta de firmeza do homem, pois, em seu pensamento, a vida tibia não permite a progressão, já que a pessoa fica apática

diante das situações, pensando no futuro, sem se atentar ao presente, deixando de fazer o bem e tudo aquilo que deveria ser realizado em seu tempo: “É igual àquele que quer caçar dois coelhos ao mesmo tempo: um foge e o outro escapa! [...] a falta de firmeza deixa o homem instável como as fases da lua” (ZACCARIA, 1999, p.12).

Para enfrentar a tibieza, Antônio Maria aconselhou a Tiago e Bartolomeu duas possibilidades que se entrelaçam com as apresentadas no Sermão: 1) elevar a mente e pedir o dom do conselho “[...] em outras palavras, quando acontece uma coisa repentina e imprevista, que exige providências rápidas, aí é que elevamos a mente a Deus, pedindo que nos inspire o que temos que fazer” (ZACCARIA, 1999, p. 13). Portanto, o homem- incapacitado de agir com firmeza e prontidão diante de um problema, deveria recorrer a assistência divina. 2) se houver tempo e oportunidade, seria recomendado pedir orientação para o superior “[...] e conforme o que ele disser, fazemos ou deixamos de fazer algum trabalho ou outra coisa qualquer” (ZACCARIA, 1999, p. 13). De certo, poucos combateram a tibieza espiritual como Antônio Maria o fez (CHASTEL, 1943). Tão grande era a preocupação do padre com a falta de firmeza presente em muitos de seus religiosos que, a tibieza foi considerada por ele o grande obstáculo na vida do cristão (GENTILI, 2012).

No pensamento zaccariano, o progresso espiritual só poderia acontecer se houvesse harmonia e equilíbrio entre os elementos que auxiliam na realização da verdadeira devoção cristã (BERARDINO, 1986). Por isso, lutar contra a tibieza era necessário, uma vez que, a vida tibia foi considerada o maior empecilho para trilhar os caminhos divinos: “Meus caros amigos, se não tomarmos providências contra essa erva daninha, ela vai provocar em nós um péssimo efeito: a negligência, que é totalmente contrária aos caminhos de Deus” (ZACCARIA, 1999, p. 13). Fazia parte da fisionomia espiritual e pedagógica de Antônio Maria Zaccaria a autoanálise, ou seja, por meio do reconhecimento de seus erros, ele tentava ensinar e estimular as atividades que levariam seus religiosos e amigos a se aproximarem na retidão da vida: “Meus amigos, para quem eu estou escrevendo? Ora, para os que agem de verdade e não para os que ficam só falando, como eu” (ZACCARIA, 1999, p 14).

Em outras cartas de Antônio Maria Zaccaria também encontramos comentários e análises sobre a tibieza, a exemplo da carta enviada às Irmãs Angélicas de São Paulo, em 26 de maio de 1537, onde, ele acusou a vida tibia como a grande inimiga daquelas que desejavam viver como religiosas de São Paulo: “[...]”

a maior inimiga de Jesus Crucificado, que predomina nos nossos dias: a Dona Tibieza (mediocridade)” (ZACCARIA, 1999, p. 22).

Na carta de 20 de junho de 1539, direcionada para Bernado Omodei e Laura – membros dos Casados de São Paulo –, também podemos observar sua preocupação frente aos problemas advindo da tibieza e da necessidade de combatê-la: “[...] desejo que vocês não deixem levar pela tibieza, mas que cresçam sempre” (ZACCARIA, 1999, p. 40).

A acuidade de Antônio Maria Zaccaria ao tratar dos assuntos relacionados à tibieza eram, de certa forma, uma solução que ele apresentou para os problemas que o catolicismo estava enfrentando no século XVI. Diante de tantas críticas provenientes dos protestantes e de intelectuais católicos, havia uma necessidade de mapear os problemas e apresentar soluções. Para tanto, a saída encontrada por Antônio Maria Zaccaria foi elaborar meios de extirpar a tibieza da vida religiosa para possibilitar uma restauração espiritual do catolicismo de seu tempo.

3.5 O HOMEM INTERIOR: A ESPIRITUALIDADE DA *DEVOTIO MODERNA*

A preocupação com o “homem interior” presente nos escritos de Antônio Maria Zaccaria merece atenção. De fato, trata-se de uma questão espiritual que cercou a vida do santo e posteriormente, dos seus religiosos.

Santo Antônio Maria Zaccaria não foi o primeiro intelectual preocupado com o “homem interior”, pelo contrário, outros já haviam refletido sobre o tema, a exemplo de Tomás de Kempis. Sem dúvidas, esse foi um dos pontos que recebeu mais atenção na obra *Imitação de Cristo*: “Bem-aventurados os olhos que estão fechados para as coisas exteriores e abertos para as interiores” (TOMÁS DE KEMPIS, 2015, p.114).

Tomás de Kempis (1379/80-1471) durante sua vida, esteve intimamente ligado à *Devotio Moderna*, seja na questão espiritual ou na questão familiar. Aos 12 anos, ele foi estudar na Holanda, na cidade de Deventer. Após concluir esses estudos, ele se mudou para um local próximo de Zwolle, junto com seu irmão que era um dos iniciadores do movimento dos Irmãos Regulares da Vida Comum. Ele foi autor de diversas obras, entretanto, ficou mais conhecido pela publicação da *Imitação de Cristo* (LOGUTOVA, 2020).

A *Imitação de Cristo*, obra que deu notoriedade a Tomás Kempis, possui um gênero específico. Embora não tenha sido dividida em quatro partes, o documento é composto de quatro livros distintos que foram redigidos em tempos diferentes. O conjunto destes livros contém ideias centradas no despertar, na promoção e no alimentar da vida espiritual do ser humano (CANAVARRO, 1991).

O primeiro livro, intitulado “Avisos úteis para a vida espiritual”, possui um estilo conciso e assertivos em suas sentenças. A ideia destacada nessa seção é de como o cristão deve abandonar os valores humanos e as coisas terrenas para seguir a Cristo. Pode-se dizer que, nessa parte, o autor trabalha a ideia de libertação, pois ensina o homem a se desprender de si e do mundo (CANAVARRO, 1991).

Com o título “Exortação à vida interior”, o segundo livro aprofunda suas discussões e destaca seu aspecto espiritual de interioridade. Sendo assim, o autor propõe a seus leitores que é necessário se distanciar de tudo que é externo, ou seja, aquilo que impede de amar a Jesus; somente assim, o cristão será capaz de seguir o caminho da Cruz (CANAVARRO, 1991).

O terceiro livro, com o título “Da consolação interior”, apresenta um diálogo entre Cristo e o discípulo. Destacam-se os valores da abnegação, do domínio próprio, da abstinência, da paciência, humildade e especialmente, o amor divino. Por fim, o último livro, intitulado “Do sacramento do altar”, aborda a questão da devoção à eucaristia e a preparação mental para comunhão (CANAVARRO, 1991).

A obra de Tomás de Kempis, como um todo, foi muito emblemática em seu contexto. Considerada como uma das principais referências do movimento da *Devotio Moderna*, o livro foi disseminado por diversos países e influenciou diversos intelectuais, a exemplo de Erasmo de Roterdã e, até mesmo, Antônio Maria Zaccaria.

A fé sem grandes exposições e demonstrações, afastada da luxúria, era o desejo de Tomás de Kempis para os cristãos de seu período e tais ideias influenciaram diretamente Antônio Maria Zaccaria. Para que os cristãos conseguissem se converter a uma nova espiritualidade, Kempis indicou, mais de uma vez, o desapego às coisas materiais e reforçou a importância das renúncias privadas: “Se renunciare às consolações exteriores, poderás contemplar as coisas do céu e gozar a miúdo da alegria interior (TOMÁS DE KEMPIS, 2015, p. 85). Da mesma forma, na perspectiva zaccariana: “Se, o homem vive perturbado e cercado

de barulhos externos, como estará o interior da sua casa?” (ZACCARIA, 1999, p. 67).

O homem espiritual desejado por Kempis, deveria se desapagar das preocupações mundanas, isso era uma prerrogativa em todo processo de conversão. “Portanto, grandes progressos farás, se te conservares livre de todo cuidado temporal; muito te atrasará o apego a alguma coisa temporal (TOMÁS DE KEMPIS, 2015, p. 90). Antônio Maria Zaccaria não foge da lógica proposta na Imitação de Cristo: “Desse modo, cumprirão não a palavra exterior, mas a própria intenção interior. É assim que convém agir, se não quiserem obedecer como empregados e sim como filhos” (ZACCARIA, 1999, p. 30).

Outro ponto importante presente no livro da *Imitação de Cristo* e que influenciou o pensamento de Zaccaria é a necessidade de o conhecimento ser voltado à fé e não às aspirações pessoais. “Melhor é, por certo, o humilde camponês que serve a Deus, do que o filósofo soberbo que observa o curso dos astros, mas se descuida de si mesmo” (TOMAS DE KEMPIS, 2015, p. 23). Para o autor, se o saber filosófico não levar aos caminhos da espiritualidade cristã, ele não é necessário: “Renuncia ao desordenado desejo de saber, porque nele há muita distração e ilusão. Os letrados gostam de ser vistos e tidos por sábios. Muitas coisas há cujo conhecimento pouco ou nada aproveita à alma” (TOMAS DE KEMPIS, 2015, p. 24). Não obstante, Antônio Maria Zaccaria, em seu segundo Sermão, descreve como a abnegação da vida material é o caminho que deve ser seguido para se conhecer a Deus:

Com isso, quero dizer que Deus começa do alto e, depois, desce; já o homem, querendo subir, começa de baixo pra cima; isto é, o homem deixa o que é só exterior e entra no seu íntimo e, daí vai até o conhecimento de Deus (ZACCARIA, 1999, p. 66-67).

A centralidade do pensamento de ambos os autores remete aos seus leitores um caminho para se aproximar de Cristo. Para isso acontecer, era necessária uma conversão; adotar um novo estilo de vida e, por consequência, uma nova espiritualidade. O caminho pedagógico indicado por Tomás de Kempis é assertivo: imitar Cristo e, para fazer isso, ele deixa claro: “Quem quiser compreender e saborear plenamente as palavras de Cristo, é-lhe preciso que procure conformar à dele toda a sua vida” (TOMAS DE KEMPIS, 2015, p. 22). Ou seja, o autor propõe a

renúncia da vida material em consequência da maturidade da vida espiritual. “[...] para eles a finalidade da vida interior era conduzir o cristão à assimilação pessoal da fé, para que esta inspirasse sua existência” (MONDONI, 2014, p. 68). No mesmo sentido, Antônio Maria Zaccaria indica aos seus que lutem contra a tibieza e o desleixo para uma verdadeira conversão e vivência religiosa:

Se até agora houve alguma falta de firmeza em nós, vamos jogá-la fora junto com a negligência e corramos como loucos não só para Deus, mas também para o próximo, pois é o próximo que recebe tudo aquilo que não podemos dar a Deus, porque Ele não precisa de nossos bens (ZACCARIA, 1999, p. 14).

A pedagogia de Tomás de Kempis trata-se de uma ideia que privilegia a “*pietas pessoal*” com a tônica cristocêntrica, visando à imitação de Cristo. Outro fator a ser notado é o predomínio na intenção mística acerca da vida ascética ou moral (TEIXEIRA, 2014). As instruções presentes no livro impõem ao leitor o conhecimento de si e a negação de si próprio, junto com o desprezo pelo mundo material (HOLT, 2017); assim, seguir a cruz de Cristo é a essência do modelo pedagógico.

O pensamento Zaccariano não se afastou da proposta central de Tomás de Kempis. Na carta enviada aos cofundadores dos barnabitas Tiago Antônio Morigia e Bartolomeu Ferrari, no dia 04 de janeiro de 1531, Antônio Maria Zaccaria pede a seus amigos que o ajudem a lutar contra a tibieza, pois, só assim seria possível imitar Cristo: “Pelo amor de Deus, ajudem-me de perto a arrancá-la, para eu poder imitar Jesus Cristo” (ZACCARIA, 1999, p. 14).

No livro *A Imitação de Cristo*, assuntos como vida ascética, piedade, interiorização e cristocentrismo estão sempre presentes. A proposta pedagógica de Tomás de Kempis é objetiva: apresentar um método para se alcançar a conversão espiritual e, por consequência, a perfeição da vida. Para isso acontecer, Cristo é apresentado como a peça fundamental do modelo formativo do autor: “Convém fazer-te louco por amor de Cristo, se queres seguir a vida religiosa” (TOMÁS DE KEMPIS, 2015 p. 49). Um dos elementos primordiais da produção de Tomás foi a noção de que toda boa ação deveria ser atribuída a Deus e não para seu próprio poder. Mesmo sendo o autor mais famoso do novo movimento de devoção, ele não deixou de cultivar os valores da humildade monástica (LOGUTOVA, 2020).

O pensamento zaccariano, influenciado pelos postulados de Tomás de Kempis e da teologia paulina, via o homem dividido em dois: o exterior e interior. O

primeiro, era marcado pela finitude e pela corrupção, enquanto o segundo era regido pela lei divina, guiado pelo Espírito Santo e passível de renovação diária, direcionado à uma completa transformação espiritual (GENTILI, 1980).

O pesquisador barnabita Antônio Maria Gentili no texto *“Zaccaria: appunti per una lettura spirituale degli scritti”*, dividiu em seis tópicos presentes no pensamento Zaccariano a respeito do tema: 1) O homem material não tem necessidade de comida espiritual, enquanto há necessidade do pão material no homem exterior; 2) as vestes do homem interior é a virtude e a sua busca pela maior perfeição; 3) sobre o homem interior, é necessário conhecer a santidade e a enfermidade, a força e a fraqueza, a perfeição e a imperfeição, a fim de saber o quando está progredindo ou regredindo; 4) o homem interior deve saber quem é seu interlocutor privilegiado, necessita conhecer com quem ele dialoga internamente, ou seja, Deus (o Crucificado); 5) o homem interior deve saber discernir a voz de Deus, de enraizar-se em seu pensamento e de tudo que é bom, especialmente, reconhecer as harmonias que o Espírito opera nos corações; 6) por fim, o homem interior deve aprender a habitar dentro e fora, isto é, viver recolhido em casa ou nas atividades externas, esforçando-se para habitar em seu coração e não sair de lá (GENTILI, 1980). Os pontos abordados pelo pesquisador correspondem aos diversos passos que os aprendizes deveriam seguir para chegar à ascensão da vida espiritual, atingindo a união com Deus (BERARDINO, 1986).

4 OS BARNABITAS NO BRASIL

Os barnabitas, embora reconheçam e valorizem sua tradição histórica, não são os mesmos do século XVI e adotam estratégias distintas. Suas atividades pastorais, sempre políticas, são influenciadas pelas condições materiais encontradas em cada período, portanto, há sempre adaptações frente às novas realidades.

A presença dos barnabitas no Brasil constitui uma continuidade das suas ações pastorais que foram exercidas desde o período de sua fundação. O que se pode perceber é que, embora eles atuem nas mesmas áreas, houve uma atualização dos métodos, devido às realidades diferentes. Assim, o objetivo deste tópico não é analisar toda a atuação missionária e educativa dos barnabitas no território brasileiro, mas, apresentar as principais pesquisas publicadas sobre o tema e evidenciar as características gerais dos primeiros anos do estabelecimento da Ordem no Brasil.

A chegada dos Clérigos Regulares de São Paulo no Brasil se deu em agosto de 1903, no Pará e em Pernambuco. Naquele período, muitas outras ordens e congregações se estabeleceram no país, a fim de atuarem nos mais diversos âmbitos da sociedade, inclusive o da educação. A reorganização da Igreja no Brasil tinha um objetivo: manter sua hegemonia perante as novas políticas seculares da república brasileira.

No intento de manter sua hegemonia no país, a Igreja Católica utilizou da Educação e da missão como meio de levar adiante sua doutrina. Formar religiosos sob os preceitos tradicionais, tornou-se, naquele período, uma necessidade. E, foi esse o objetivo dos barnabitas: educar a população local a partir dos ensinamentos do tradicionalismo católico, pelas atividades educativas, catequese, e pelas instituições educativas e pelas atividades missionárias.

4.1 A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE OS BARNABITAS NO BRASIL

A produção acadêmica e especializada sobre a presença e atuação dos barnabitas no Brasil não é grande. Desde o campo teológico, missionário ou educacional, percebe-se certa ausência de estudos referentes às atividades barnabíticas.

Sobre os primeiros anos dos barnabitas no Brasil, encontramos a fonte primária intitulada *Os primeiros XXV primeiros anos dos Barnabitas no Brasil*, escrita pelo, então, Superior Geral da Ordem, Guerino Fraccalvieri, em 1928. O texto relata as primeiras ações realizadas pelos Clérigos Regulares de São Paulo em território brasileiro (FRACCALVIERI, 1928).

Com o intuito de descrever os 50 anos de atuação dos padres barnabitas no Brasil, em 1956, o padre Giancarlo Colombo publicou o livro *Sob o Signo do Cruzeiro*, o qual, amplia a discussão já iniciada por Guerino Fraccalvieri e expõe novos fatos sobre as atividades missionárias da Ordem. Em 1978, Giancarlo Colombo, em homenagem aos 75 anos de presença dos Clérigos no Brasil, publicou a obra *Ao encontro do Senhor* que se trata de um livro com pequenas biografias sobre os padres que atuaram aqui em missões (COLOMBO, 1956; COLOMBO, 1978).

Dentre os padres que estiveram presentes desde 1903 em território brasileiro, destacou-se a figura de Florencio Dubois. Ele foi o responsável por fundar, em 1913, a revista *Voz de Nazaré* e, por meio dela, travou diversos debates com intelectuais de outras vertentes religiosas. Devida sua influência, em 1973, o padre Giancarlo Colombo publicou uma biografia intitulada *Pe. Florencio Dubois: uma pena a serviço da Igreja, um coração a serviço do povo* (COLOMBO, 1973).

No ano de 1976, o padre barnabita José Meireles Sisnando publicou o livro *Os Barnabitas: quadros históricos*. O autor pretendeu analisar toda a história da Ordem, desde o século XVI até o século XX. Neste esforço, ele também aponta certos dados sobre a presença dos barnabitas no Brasil (SISNANDO, 1976).

Sobre a vida do padre Afonso di Giorgio, que esteve presente junto com a primeira leva de religiosos no Brasil e que foi responsável pela construção da Basílica de Nazaré em Belém, foi publicado em 1986 o livro *Vida humilde e gloriosa de padre Afonso di Giorgio*, escrito por Chermont de Britto (BRITTO, 1986).

Em 2003, ano do centenário da presença barnabítica no Brasil, o padre José Maria Ramos da Mercês publicou o livro que se tornou o mais conhecido sobre a ordem no Brasil, denominado: *Barnabitas no Brasil: 100 anos*. Tal obra, revisita as discussões anteriores e acrescenta novas informações. Por ter sido a última obra publicada pelos padres barnabitas no Brasil, ela se tornou a referência quando se trata da história da Ordem no país (MERCÊS, 2003).

No âmbito acadêmico, é possível encontrar alguns artigos publicados em anais de congressos e revistas especializadas sobre a atuação dos barnabitas no Brasil. O pesquisador Rogerio Andrade Maciel foi responsável pela publicação de diversos artigos sobre o sistema Radiofônico de Educação na prelazia do Guamá, onde os padres barnabitas tiveram uma atuação de destaque.

Outros pesquisadores publicaram artigos referentes a presença dos barnabitas no Brasil, a exemplo da historiadora Liliane Socorro Cavalcante Goudinho que publicou em 2014 o artigo *Os Barnabitas no Pará nas primeiras décadas do século XX* (GOUDINHO, 2014). Em 2013, o pesquisador Carlos Rodrigo Soares publicou o texto *O biblismo do Barnabita Florence Dubois e os conflitos religiosos na Primeira República* (SOARES, 2013). No ano de 2016, Dário Benedito Rodrigues Nonato da Silva e Leila do Socorro Rotterdam Oletto publicaram uma análise sobre a atuação educativa do padre barnabita dom Eliseu Coroli (SILVA; OLETO, 2012).

Sobre o tema, encontramos apenas uma dissertação no Banco de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, intitulada: *Sistema educativo radiofônico de Bragança: saberes da prática educativa na educação de jovens e adultos (1960-1970)*, escrita por Rogerio Andrade Maciel e defendida em 2014, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Pará. Em 2019, o mesmo autor defendeu sua tese pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pará, denominada *Cultura material escolar e as representações de educação no sistema radiofônico para os caboclos “ingênuos” na prelazia do Guamá (1957-1980)* (MACIEL, 2014; MACIEL, 2019).

A historiadora Liliane Socorro Cavalcante Goudinho defendeu sua tese em 2015, pelo Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP. O título do texto é: “A palavra que vivifica e salva contra o mal da palavra que mata: Imprensa católica/Belém (1910-1930)”. Trata-se de uma análise das discussões travadas pelo Pe. Flourêncio Dubois com outros intelectuais de diferentes vertentes religiosas, sobretudo espíritas e protestantes (GOUDINHO, 2015).

Desta forma, percebe-se a existência de livros e artigos que se dedicam a evidenciar a história dos barnabitas no Brasil; no âmbito acadêmico ou religioso; encontramos algumas publicações que contribuem para preencher as lacunas existentes sobre a atuação da Ordem em nosso território. Entretanto, pode-se afirmar, também, que o número de pesquisas publicadas é muito baixo, sobretudo

pela influência religiosa que os Clérigos Regulares de São Paulo passaram a ter no norte do país, especialmente, no Círio de Nazaré.

4.2 A RELAÇÃO ENTRE ESTADO E IGREJA NO CONTEXTO DA TRANSIÇÃO DO IMPÉRIO PARA A REPÚBLICA

A chegada dos barnabitas no Brasil deu-se em um contexto de muitas agitações sociais, quando se efetivou a transição do Império para a República. Em fevereiro de 1891, foi anunciada a Constituição Republicana, inspirada no exemplo dos Estados Unidos, consagrando vitorioso o modelo político da República Federativa liberal. As antigas províncias tornaram-se estados e ficaram autorizadas a exercerem diversas funções, desde contrair empréstimos no exterior até organizar suas próprias forças militares. Além disso, passaram a atribuir impostos em seus produtos exportados, garantindo sua autonomia (FAUSTO, 1995).

A nova Constituição apresentou a ideia do Estado Laico; assim, o catolicismo deixou de ser a religião oficial. Muitas funções que eram de responsabilidade da Igreja Católica passaram a ser adimplidas pelo Estado Brasileiro. Por exemplo, o casamento civil e os cemitérios tornaram-se responsabilidade municipal (FAUSTO, 1995).

Podem-se perceber outras mudanças com o fim do Regime do Padroado, como aponta Dom Irineu Roque Scherer. A lei de 24 de fevereiro de 1890, em seu artigo 72, § 6 estabelecia o ensino leigo; pelo artigo 57, afirmava que nenhum culto teria subvenção do governo, nem relações de aliança (SCHERER, 2014).

Outras alterações nas relações políticas entre Igreja e Estado, antecessoras a promulgação da Constituição de 1891, podem ser notadas no Decreto 119-A de 07 de janeiro de 1890, como demonstrou o padre Eugênio Dirceu Keller. No artigo primeiro, proibia a autoridade federal expedir lei, regulamentar e estabelecer alguma religião; no segundo: garantia a todas as religiões a faculdade de exercerem o seu culto; no artigo terceiro: garantia a liberdade de todos os indivíduos e à Igreja, sem a intervenção do poder público; o artigo quarto extinguiu o padroado; o quinto artigo garantia a todas as confissões religiosas administrarem seus bens perante os ditames da lei e o sexto artigo, garantia que o Governo Federal continuaria pagando os serventários do culto católico e, por um ano, as cadeiras dos seminários,

deixando livre a cada Estado manter os futuros ministros de qualquer culto (KELLER, 1988).

O processo de transição da separação entre o Estado e a Igreja não foi simples, pois, os próprios fiéis, ligados ao catolicismo, tinham dificuldades de aceitar a Igreja apartada do Estado (ARNAUT DE TOLEDO; FRISANCO, 2000).

Por meio das políticas republicanas, afirmava-se que a religiosidade não era base para cidadania. Entretanto, não existia nenhum tipo de ataque a religião popular em geral, pois, os políticos, sabendo do prestígio que os bispos e padres tinham, foram obrigados a respeitá-la (ARNAUT DE TOLEDO; FRISANCO, 2000).

De certa forma, parte do episcopado brasileiro não estava contente com o fim do Padroado. Por isso, em 1890, publicaram sua primeira manifestação, a qual foi chamada de Carta Pastoral Coletiva.

Ora bem; a minoria imperceptível clama: 'Tire-se toda a proeminência à religião católica neste país e seja ela privada de qualquer privilégio! Seja rebaixada da categoria de religião do Estado e do povo brasileiro! Não olhe mais de ora em diante para ela o governo, trate-a como se não existisse.' E a religião de todo o povo brasileiro, a religião de toda a nossa nação há de ser desapossada do trono de honra que há três séculos ocupava, para ser posta na mesma esteira de qualquer seita adventícia! (*Carta Pastoral Coletiva de 1890*).

O tom crítico apresentado na carta se dá pela perda de privilégios que a Igreja teve com as políticas de laicidade do Estado. Porém, o documento não se resumiu somente em reivindicações. O episcopado brasileiro, através do texto, fez um apelo para que os católicos se conservassem firmes na fé e que defendessem suas crenças (KELLER, 1988).

Além da Carta Pastoral, outras declarações foram feitas contra as políticas que eram consideradas agressivas à Igreja Católica. Dom Antônio Macedo Costa (arcebispo desde 1890 da Arquidiocese de São Salvador), por meio de uma Reclamação, defendeu a ideia de que o Estado não poderia progredir sem o apoio e proteção da Igreja. O episcopado publicou um novo protesto, em 06 de novembro de 1890, caracterizado como um Memorial dirigido à Assembleia Constituinte e, em 12 de janeiro de 1891, D. Macedo retornou a pedir para que os membros da Assembleia não votassem contra os interesses do catolicismo (HERMANN, 2003).

Sem assumir confissão religiosa como oficial, o Estado brasileiro desvinculou politicamente suas relações com a Igreja Católica e colocou todos as profissões de fé como iguais, pelo menos em teoria. Por isso, o clero brasileiro começou a repensar suas estratégias: “A Igreja [...] pensava ela, seria possível agir dentro do mundo burguês e recristianizá-lo” (MANOEL, 2004, p. 138).

O esforço adotado por Dom Macedo da Costa, para manter as relações de poder da Igreja, expressava, de fato, um processo maior, que já estava acontecendo em Roma. A reorganização do cataclismo brasileiro assumiu o posicionamento de reação da Santa Sé contra o avanço das correntes ideológicas e políticas antagônicas à Igreja que estavam se disseminando no período. Eram tidas como “erros modernos”, o liberalismo, socialismo, comunismo, cientificismo, positivismo e protestantismo (HERMANN, 2003).

Era momento de restauração do catolicismo brasileiro e “[...] para ser respeitada, a Igreja tinha consciência, enquanto instituição, de que deveria ser necessária à sociedade” (PRATTA, 2002, p. 97). Por isso, o clero brasileiro passou a se organizar com base no ultramontanismo, ou seja, com ideias que confrontavam os postulados da modernidade e a própria secularização social (MANOEL, 2004).

O Ultramontanismo foi um movimento tradicionalista católico que defendia um retorno as ideias expostas no Concílio de Trento (1545-1563).

Na esfera intelectual, a rejeição à filosofia racionalista e à ciência moderna; na política externa, a condenação à liberal democracia burguesa e o concomitante reforço da ideia monárquica; na política interna, o centralismo em Roma e na pessoa do Papa e o reforço do episcopado; na esfera socioeconômica, a condenação ao capitalismo e ao comunismo e um indisfarçável saudosismo da Idade Média, que se manifestará fortemente no Brasil, na década de 1930; na esfera doutrinária, a retomada das decisões fundamentais do Concílio de Trento (1545-1563), em especial aquelas estabelecidas para o combate ao protestantismo, que, no século XIX, englobou também o combate ao espiritismo e concretizou-se, no Brasil, na criação de seminários fechados para a formação do clero e na criação de colégios católicos, masculinos e femininos, para a educação da juventude (MANOEL, 2004, p. 11).

É válido ressaltar que a separação entre o Igreja Católica e Estado no Brasil não se configurou como um processo ruim para o clero em geral. Por muito tempo, a historiografia considerava esse episódio como um momento de crise no catolicismo,

entretanto, foi a partir desse afastamento das duas instituições que a Igreja ganhou mais liberdade para exercer suas atividades de evangelização (HERMANN, 2003).

A Igreja, que por séculos dependeu da Coroa Portuguesa, agora possuía liberdade para agir em terras brasileiras. Prova de como a separação entre Estado e Igreja no Brasil foi interessante para o catolicismo foi o aumento de dioceses e igrejas em todo o Brasil: “no ano da instauração do novo regime o Brasil constituía apenas uma província eclesiástica, com uma arquidiocese e 11 dioceses; em 1930 eram 16 arquidioceses, 50 dioceses e 20 prelazias” (HERMANN, 2003, p. 125).

Os fiéis que professavam a fé católica, não deixaram a Igreja, porém, entendia-se que a problemática se encontraria na onda de imigração que acontecia no país, especialmente porque essas pessoas exerciam outras profissões de fé. Outro ponto importante é que o protestantismo começou a conquistar espaços: “Em meio a essas discussões, o conflito entre movimento romanizador e Estado brasileiro legalista, de certo modo, impulsionou a difusão do protestantismo” (OLVEIRA, 2010, p.143).

Com o aumento populacional advindo das imigrações dos povos europeus para o Brasil, o clero não conseguia atender a todos, em especial, pela falta de padres. Houve uma solicitação por parte dos bispos para que novas congregações e ordens religiosas se instalassem no Brasil (KELLER, 1988). Os novos grupos de religiosos vindouros da Europa estavam formados conforme os ideários ultramontanos; eles respondiam diretamente a Igreja Roma e não possuíam vínculo com o antigo regime do Padroado. “[...] sua formação ser considerada ideal para o novo projeto de evangelização da sociedade brasileira” (PRATTA, 2002, p. 115). Com a chegada desses novos religiosos, a Igreja renovou suas estratégias de missão e se lançou para todo o território brasileiro.

A chegada desses novos religiosos no Brasil foi significativa, “Neste período entre o final do Império e a Primeira República, entraram e se estabeleceram no Brasil 37 ordens e congregações religiosas masculinas europeias” (PRATTA, 2002, p. 116). Importante lembrar que, de acordo Láercio Dias de Moura, congregações e ordens femininas também se estabeleceram no país nesse período (MOURA, 2000).

Foi nesse contexto de renovação da Igreja Católica frente a uma nova face política que os barnabitas se firmaram no Brasil. A chegada dos Clérigos Regulares de São Paulo pode ser explicada pela conjuntura política e religiosa vigente no país naquele período. “Foi acolhida nesse contexto mais amplo de renovação pastoral

promovida pelo Episcopado brasileiro, que tanto incentivou a vinda dessas Congregações religiosas” (MERCÊS, 2003, p. 30).

4.3 AS PRIMEIRAS ATIVIDADES MISSIONÁRIAS E EDUCATIVAS DOS BARNABITAS NO BRASIL

No dia 21 de agosto de 1903, os barnabitas chegaram em terras brasileiras. Em um grupo de dez padres franceses, belgas e italianos, eles se dividiram em dois grupos: os padres Afonso Di Giorgio, Noberto Phalempin, Florêncio Dubois, Irmão Fernando Warner e o superior Pe. Francisco Richard foram para Pernambuco e os padres Paulo Lecourieux, Pedro Charvy, Júlio Vanbecelaere e o Irmão Vito Di Cecca se estabeleceram no Pará (MERCÊS, 2003).

Os barnabitas eram conhecidos por terem recebido uma boa formação teológica e pelo trabalho que desempenhavam no campo da educação. Por isso, foram bem recebidos quando se alocaram em Pernambuco: “[...] publicaram em toda parte os maiores elogios aos Barnabitas, proclamando-os ‘ilustres sábios em Teologia, Filosofia, Física e Química’ – aludindo ao magistério que vários deles exerciam” (MERCÊS, 2003, p. 31).

Os religiosos que foram para Pernambuco, de acordo com o Superior Geral Guerino Bento Fraccalvieri, alocaram-se no colégio de Olinda, comandada pelo Monsenhor Fabrício Pereira de Araújo. Depois de três meses estudando a língua materna do país e ajudando o clero da cidade, os barnabitas foram, no dia 30 de novembro de 1903, para outras urbes com o objetivo de realizar sua missão e trabalho pastoral (FRACCALVIERI, 1928).

O percurso que os padres seguiram em sua missão no interior do estado foi amplo. Eles passaram por diversas cidades, entre elas, Recife, Maceió, Penedo, Gararu, Piranhas, Jatobá, Várzea Redonda, Caldeirão, Floresta, Fazenda Pedras, Flores, Cabrobó (MERCÊS, 2003).

As atividades realizadas nessas cidades eram variadas, o Superior Guerino descreve em seu livro que, no ano de 1904, “[...] o padre Affonso di Giorgio, pior aquinhado pelas distâncias, percorreu Boa-Vista, Petrolina e Cachoeira do Noberto. Nas matrizes reanimou o Apostolado da Oração” (FRACCALVIERI, 1928, p. 2). O trabalho dos barnabitas estava ligado à evangelização. A população daquela região tinha uma forte religiosidade, porém, amiúde, professavam de maneira contrária a fé

católica, associando-a com outras crenças regionais (MERCÊS, 2003). Assim, os padres pretendiam cumprir um objetivo claro: ensinar a doutrina da Igreja Católica, sem hibridismo com outros credos.

Na cidade de Salgueiro, o padre superior angariou fundos para a construção de uma Igreja, porém a obra não foi concluída; além disso concluiu um vasto cemitério. Entretanto, o que mais nos chama atenção foi o aspecto educacional que estava inserido no agir missionário dos barnabitas que, na mesma cidade, trataram de instaurar a obra do Catecismo para a população (FRACCALVIERI, 1928).

Não houve, de fato, uma fundação dos padres barnabitas no sertão pernambucano. Além disso, a experiência adquirida, nesse processo adaptação à cultura brasileira, permitiu que eles percebessem as diferenças entre a forma de vida e trabalho em seu novo território de missão. No ano de 1905, o grupo retornou a Belém do Pará, com objetivo de se juntar aos outros religiosos (COLOMBO, 1956).

Os padres que ficaram em Belém, desde o ano de 1903, de acordo com dom Alberto Gaudêncio Ramos, foram alojados no Colégio do Carmo, dirigido pelos Irmãos Maristas (RAMOS, 1985). Em 1905, o padre barnabita Francisco M. Richard assumiu como vigário da Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, e com isso: “Seria essa, a bem dizer, a primeira fundação estável dos padres Barnabitas no Brasil” (COLOMBO, 1956, p. 21).

A atenção dada aos padres barnabitas no contexto de sua chegada no Brasil trouxe consigo alguns conflitos internos. Com o estabelecimento da Ordem no território paraense, muitos do clero local perderam espaço e, de certa forma, autonomia. Por isso, para não gerar crises na Diocese, o bispo não entregou de imediato a paróquia de Nazaré para os barnabitas; ao invés disso, ofereceu a paróquia de Bragança, a de Viseu, de Ourém no interior do estado e o Seminário Diocesano de Belém (GOUDINHO, 2014).

De 1904 a 1906, os padres administraram a igreja de Bragança. O Fraccalvieri relata: “[...] o teor da vida não era complicado: enquanto um religioso ficava em Bragança afim de manter os catecismos, o outro perlustrava Ourem ou Vizeu” (FRACCALVIERI, 1928, p. 7). Para levar adiante a doutrina católica, a educação foi uma das estratégias de evangelização, usada pelos barnabitas. Na região foram fundadas sedes catequéticas, incentivaram peregrinações e associações pias (SISNANDO, 1976).

As atividades dos barnabitas na Paróquia de Nazaré estavam focadas ao trabalho exercido nos colégios e nas comunidades religiosas da região (SISNANDO, 1976). Outro ponto importante foi a construção da Basílica de Nazaré, tendo como protagonista o padre Afonso di Giorgio.

Além da Paróquia de Nazaré, outros trabalhos missionários foram realizados pelos padres, ainda na primeira década de sua chegada. Eles foram para Curato de S. Cruz e Guaratiba, no Rio de Janeiro (1906-1910), Valença, também no Rio de Janeiro (1908), Caxias no Maranhão (1908 a 1927) (SISNANDO, 1976; FRACCALVIERI, 1928). No sul do país, os barnabitas chegaram em 1920, no Rio Grande do Sul.

Em poucos anos, como se pode perceber, os barnabitas se estabilizaram em solo brasileiro, com um grande objetivo: ensinar e defender a doutrina católica na região norte do país e em outros locais. Além disso, é válido destacar a atuação da Ordem por meio da Educação, ora pelo ensinamento do catecismo na catequese, ora pela administração de colégios.

O primeiro trabalho no campo da Educação dos barnabitas no Brasil foi no Seminário Diocesano de Belém. A chegada ao país e a rápida indicação para o cargo de administração do seminário demonstra que ali, na capital paraense deveria ter sido o berço fundador da Ordem no Brasil. De lá, os padres tinham que mostrar sua presença na cidade e depois partirem para missões no interior (MERCÊS, 2003).

Antes de o espaço tornar-se o Seminário Diocesano de Belém, sob o comando dos barnabitas, lá havia sido o local onde se instalava um colégio jesuítico, dedicado ao santo Alexandre Mártir (construído entre os anos de 1653-54 e abandonado em 1760). Aproximadamente, no ano de 1795, sobre as estruturas do antigo educandário, fundou-se o seminário (MERCÊS, 2003).

Depois de três a quatro meses de estudo da língua portuguesa, os padres assumiram o seminário. O diretor foi o padre Emílio Richert (1886-1927). No início, o pedido de Emílio Richert era o de dirigir a Paróquia de Nazaré e o Seminário, tanto é que, a conselho do bispo diocesano Dom Francisco do Rego Maia, solicitou que viessem mais três religiosos para o Brasil.

A formação naquela instituição deveria manter uma educação com viés religioso associado a outras facetas de formação social de acordo com os interesses daqueles que estavam à frente do processo formativo local. Neste sentido, assumir o

Seminário Diocesano parece ter sido muito mais uma atitude tomada pelos padres barnabitas do que pelo próprio bispo.

O acordo inicial com a diocese indicava aos barnabitas a administração do Seminário por 25 anos, “A Congregação assignara, com o beneplácito da Santa Sé, um contracto de 25 annos, que lhe entregava a direção do Seminário” (FRACCALVIERI, 1928, p. 3).

Fato é que a direção do seminário foi entregue aos barnabitas devido os problemas da educação do clero local, no próprio período, já que muitas vezes, o bispo Dom Francisco manifestava o desejo de que o processo formativo dos alunos fosse além da doutrina católica, mas que deveria também, apresentar-lhes os bons modos (MERCÊS, 2003).

Em 1908, com o fim do contrato, os barnabitas deixaram de administrar o Seminário Diocesano Nossa Senhora da Conceição. Embora tenham encontrado diversas dificuldades em seu trabalho, pode-se perceber que eles tiveram alguns êxitos, sobretudo no número de matrículas, pois, em 1903, havia somente 6 alunos e no último contava-se trinta e oito seminaristas, embora alguns deles fossem da prelazia de Santarém e da Diocese de Manaus (MERCÊS, 2003).

Além de dirigirem o Seminário Diocesano de Belém, os padres barnabitas foram responsáveis pela fundação de novos colégios, em outros estados. Em 1909, o padre barnabita Alexandre Carozzi que viera da Itália, havia alugado um prédio, na cidade do Rio de Janeiro, onde viria a ser inaugurado o Externato Santo Antônio Maria Zaccaria. Em 16 de março de 1911, ocorreu a missa inaugural do ano letivo da instituição (SISNANDO, 1976). O Externato Santo Antônio Maria Zaccaria está localizado na Rua do Catete, número 113. Em 2021, a instituição comemorará 112 anos de história.

Com a consolidação da Ordem no Estado do Rio de Janeiro, em 04 de fevereiro de 1934, os padres barnabitas fundaram o Colégio Guido de Fontgalland, em Copacabana (SISNANDO, 1976). A instituição que sobreviveu por 85 anos, decretando seu fechamento em 2019.

Os barnabitas também atuaram na direção de colégios em Minas Gerais. Em 1950, Ildefonso Clerici, Superior Geral da Ordem, comprou o Instituto Pe. Machado que estava localizado em Belo Horizonte. Naquele contexto, a escola possuía 350 alunos externos e aproximadamente 150 alunos internos (SISNANDO, 1976).

Como já foi dito, as atividades exercidas pelos barnabitas no Brasil, estiveram voltadas em dois principais campos: missionário e educativo. No que tange ao campo da educação, os padres da Ordem foram responsáveis pela administração do seminário que formava o clero diocesano de Belém, a criação de colégios do Rio de Janeiro e a aquisição de uma instituição em Minas Gérias.

Com objetivo de manter a hegemonia no país, a Igreja Católica precisou reorganizar suas estratégias e, para isso, utilizou a educação como um instrumento para atingir seus anseios. Formar religiosos a partir dos ideais tridentinos tornou-se naquele contexto, uma necessidade.

Deve-se entender que a atuação dos barnabitas em seus primeiros anos no Brasil não foi isolada, ao contrário, esteve alinhada às estratégias estabelecidas pela Igreja e pela própria Ordem a nível internacional, sobretudo pelas propostas do ultramontanismo. O campo da Educação era um apostolado dos Barnabitas: *“L’educazione della gioventù è attualmente un postulato fondamentale della mostra Congregazione²⁵”* (CLERICI, 1950, p. 57).

Toda trajetória barnabita em solo brasileiro, foi marcada pela luta contra os costumes da Modernidade. O resgate dos “bons costumes” e o retorno ao tridentismo foram elementos que sempre estiveram presentes e à frente de todas as ações dos Clérigos Regulares de São Paulo.

²⁵ “A educação da juventude é um apostolado fundamental da exposição da congregação” (CLERICI, 1960, p. 57, tradução nossa).

5 CONCLUSÃO

O estudo realizado possibilitou analisar a atuação de Santo Antônio Maria Zaccaria como um reformador. Inserido em um período de diversas agitações no campo religioso, ele foi responsável por impulsionar as transformações no interior do catolicismo. Entre suas estratégias, destacaram-se o impulso à catequese pública, a busca pela perfeição espiritual, a ênfase do protagonismo leigo e a criação de duas ordens religiosas: as Irmãs Angélicas de São Paulo e os Clérigos Regulares de São Paulo, os Barnabitas.

A educação de Antônio Maria Zaccaria, desde sua mocidade, esteve vinculada aos preceitos do catolicismo. Mesmo quando se formou como médico, ele não conseguiu afastar sua vida profissional da espiritual, levando-o a ingressar na vida clerical. Como padre, tornou-se protagonista do movimento reformista católico. Em seus *Escritos*, pode-se perceber sua preocupação com a situação da espiritualidade popular e seu desejo de disseminar a doutrina católica para a população italiana. Para realizar seu intento, ele precisou adotar algumas estratégias que fossem eficazes no período e a educação foi o meio utilizado. A catequese pública visava levar a mensagem do catolicismo de uma forma mais didática, uma vez que grande parte dos próprios fiéis da Igreja Católica pouco conheciam a profissão de fé.

Com a divulgação das teses de Lutero, a crise da Igreja Católica se intensificou, tanto interna como externamente. Antônio Maria Zaccaria, como agente de seu próprio contexto, não ignorou os protestos advindos da Alemanha. Pode-se perceber que, para ele, tais agitações constituam-se heresias e, portanto, deveriam ser combatidas. Suas pregações nas igrejas pautaram-se no ensinamento do decálogo, para formar de maneira reta seus ouvintes.

A catequese tornou-se um meio de educar a população local. Não se tratava de uma educação escolarizada ou formal, porém, constituía-se como um processo de transmissão de saberes, o qual foi fundamental no movimento da reforma católica daquele período. Em suas falas catequéticas, não só a doutrina católica era exposta, mas também as questões sobre espiritualidade. A teologia paulina, no que tange o conceito do Cristo Crucificado, por exemplo, foi um dos grandes pontos discutidos pelo padre e pelos barnabitas.

Santo Antônio Maria Zaccaria, produto de seu próprio contexto histórico, foi influenciado pelo movimento da *Devotio Moderna*. A mística e a espiritualidade eram pensadas como um movimento interior e individual, no qual se deveria assumir um caráter de humildade e desapego dos bens materiais. Não obstante, a fé deveria ser procedida da evangelização; assim, era necessário ir às ruas para catequizar a população.

Entre as propostas educacionais mais importantes de seus *Escritos*, deve-se destacar o roteiro pedagógico que ele elaborou para se alcançar a perfeição espiritual. Nesse sentido, a ascese é o ponto central para compreender seu pensamento. A valorização do homem interior, da oração, da vida comum, a contemplação e o auto-conhecimento são elementos essenciais que foram indicados para seus ouvintes e leitores para se atingir uma elevação da fé. A luta contra a tibieza deveria estar ligada a todo esse processo de conversão, pois, para ele, o maior entrave para o cristão progredir em sua vida ascética é a vida tépida .

Todos os elementos apontados por Antônio Maria Zaccaria em seu roteiro pedagógico para a progressão espiritual do ser humano, se circunscrevem dentro da constituição da espiritualidade e subjetividade moderna. Ele foi responsável por consolidar um novo modelo de vida ascética, o qual, ficou marcado em toda a modernidade.

Outro ponto importante nos *Escritos* de Antônio Maria Zaccaria são seus apontamentos sobre os problemas da vida espiritual, de seu contexto, ou seja, por meio de seus textos, é possível entender qual a visão de um padre católico sobre os desafios de sua igreja no contexto das reformas religiosas. Portanto, trata-se de uma fonte histórica rica de informações sobre o período em que foi produzida.

A criação dos barnabitas não foi acidental; no início do século XVI, outras diversas ordens e congregações foram fundadas. Assim como para os outros padres fundadores, Antônio Maria Zaccaria entendia que seus religiosos deveriam divulgar os ideais católicos em outras cidades e regiões, objetivando acabar com o movimento protestante concomitante ao impulsionamento da reforma interna católica. Desta forma, os Barnabitas foram incubidos de prosseguir com a catequese e pregações nas ruas, atividades já exercidas por seu fundador.

Para tornar a catequese e pregações dos barnabitas mais efetivas, Antônio Maria Zaccaria escreveu as primeiras Constituições da Ordem. Nesse texto, pode-se perceber a intenção de indicar uma reta formação para todos os religiosos, ao mesmo

tempo da censura de obras que não estivessem dentro da cultura espiitual católica. Além disso, evidencia-se nessas regras, a indicação de exercícios ascéticos e a valorização da observância dos votos.

Mesmo com a morte de Antônio Maria Zaccaria em 1539, os barnabitas continuaram exercendo suas práticas missionarias e educacinoais. A partir das definições do Concílio de Trento, é possível ver uma nova configuração da Ordem, a qual intensificou suas atividades e as impulsionou para outros países. Entre os séculos XVI e XVII, a Ordem foi responsável pela fundação e administração de colégios.

A noção de sala de aula e da pedagogia como procedimento planejado e rigoroso são oriundas do alvorecer da modernidade, período que os barnabitas tiveram um importante papel na renovação da pedagogia católica. Ao fundarem colégios, buscavam retomar o estudos dos clássicos da antiguidade, a partir da perspectiva humanista cristã, além de retomarem os estudos da filologia, teologia e dos padres da Igreja. Portanto, com o objetivo de difundir a tradição católica para novas pessoas, os religiosos adotaram novas estratégias.

O impulso às atividades missionárias barnabíticas ocorreu no processo de confessionalização. Partidos católicos e protestantes utilizaram a educação como meio de garantir a hegemonia e manter o poder. O trabalho educacional dos barnabitas deve ser observado a partir do panorama da luta pela hegemonia cultural e religiosa no alvorecer da modernidade.

O processo de individuação do homem moderno foi fortalecido a partir da Escola Moderna. Pode-se afirmar que os barnabitas, formados pelos princípios estabelecidos pelo seu padre fundador, tiveram um importante papel no estabelecimento do novo formato da educação europeia.

Assim, a luta contra as ideias protestantes, o comprometimento em dar uma formação teológica sólida para os barnabitas, o incentivo para a vida ascética são temas centrais nos *Escritos* de Santo Antônio Maria Zaccaria. Como personagem de seu próprio tempo, ele contribuiu de forma significativa para a reformulação do catolicismo, ao mesmo tempo que colaborou com a constituição da Escola Moderna, por meio de seu itinerário formativo dedicado à sua Ordem, onde deixou evidenciado a importância da individualidade. E essa renovação foi determinante para disseminar uma nova ideia sobre o ser humano. Disciplinado e individualizado, o novo sujeito

que nasceu desse processo de transformações, seria formado e moldado para o mundo do trabalho que estava nascendo no século XVI.

A Ordem dos barnabitas atua hoje na administração do Santuário de Nazaré em Belém e na organização da famosa procissão do Círio de Nazaré, que ocorre em outubro na cidade. Por se tratar da maior festa religiosa do país, essa atividade absorve a totalidade da dedicação dos padres. A educação e a catequese dirigida aos mais pobres e desvalidos, que fora exercida por anos, não ocupa mais o primeiro lugar entre as atividades pastorais. A presença dos Barnabitas na educação escolar foi também diminuindo. Os Clérigos foram se adaptando às novas demandas da Igreja para continuar a exercer papel importante na grande constelação de ordens e congregações religiosas que atuam junto ao povo católico.

REFERÊNCIAS

FONTES

SISNANDO, José Meireles. **Noções de ascética e mística**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1975.

ZACCARIA, Antônio Maria. **Escritos**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1999.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Antônio José de. **Leigos em quê?: uma abordagem histórica**. São Paulo: Paulinas, 2006.

ANDRADE, Rodrigo Pinto de; ARNAUT DE TOLEDO, César de Alencar; ANDRADE, Francielle Aparecida Garuti. A concepção de educação na Confissão de Fé de Westminster, de 1647. **Educação Unisinos**. São Leopoldo, v. 22, n. 1, p. 110-118, jan-mar. 2018.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar. A questão da educação na obra de Martinho Lutero. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 21, n. 1 p. 129-135, 1999.

ARNAUT DE TOLEDO, César de Alencar. **Instituição da Subjetividade Moderna: a contribuição de Santo Inácio de Loyola e Martinho Lutero**. 1996. 168 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar; FRISANCO, Fatima Aparecida. O ensino religioso na escola pública brasileira. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 22, p. 113-118, 2 jul. 2000.

ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar; GIMENEZ, José Carlos. Educação e Pesquisa: fontes e documentos. *In*: CASIMIRO, Ana Palmeira Bittencourt S.; LOMBARDI, José Claudinei; MAGALHÃES, Lívia Diana Rocha (org.). **A Pesquisa e a preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória**. Campinas: Editora Alínea, 2009. p. 109-125.

BARBOZA, Marcos Ayres. **Pedagogia, mística e espiritualidade na configuração do pensamento de São João da Cruz (1542-1591)**. Maringá: EDUEM, 2010.

BEDOUELLE, Guy-Thomas. *Devotio Moderna*. In: PATTE, Daniel (org.). **The Cambridge dictionary of Christianity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 321.

BERARDINO, Frei Pedro Paulo di. **Um itinerário de vida**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

BRITTO, Chermont de. **Vida humilde e gloriosa de padre Afonso di Giorgio**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1986.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CANAVARRO, António Abel Rodrigues. O discernimento espiritual na Imitação de Cristo. In: **Humanística e teologia**. Braga; Lisboa; Porto; Viseu. Tomo XII. Fasc. 1. (1991), p. 55-90.

CARTA PASTORAL COLETIVA. **Permanência Internet**. Disponível em: <http://permanencia.org.br/drupal/node/1327>. Acesso em: 4 dez. 2020.

CASTELLOTE, Salvador. **Reformas y contrarreformas em la Europa del siglo XVI**. Madrid: Akal, 1997.

CASSIRER, Ernst. **Indivíduo e cosmos na filosofia do Renascimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CATÃO, Francisco. **Espiritualidade cristã**. São Paulo: Paulinas, 2009. Vol. 14.

CHARTIER, Roger (org.). **História da vida privada: da renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Vol. 3.

CHASTEL, Guy. **Saint Antoine-Marie Zaccaria**. 7. ed. Paris: Grasset, 1930.

CHASTEL, Guy. **Vida de Santo Antônio Maria Zaccaria**. Petrópolis: Vozes, 1943.

CHAUNU, Pierre. **O tempo das reformas (1250-1550): A reforma protestante**. Lisboa: Edições 70, 2002.

CLERICI, Idelfonso M. **L'educazione della gioventu'**. Roma: Edizioni dei barnabiti, 1950.

COLOMBO, Giancarlo. **Ao encontro do senhor**. Rio de Janeiro: Editora Fon-fon, 1978.

COLOMBO, Giancarlo. **Pe. Florencio Dubois**: uma pena a serviço da igreja, um coração a serviço do povo. Rio de Janeiro: [s.n.], 1973.

COLOMBO, Giancarlo. **Sob o signo do cruzeiro**: os primeiros 50 anos dos padres barnabitas. Rio de Janeiro: [s.n.], 1956.

CONSTITUZIONI DEI CHIERICI REGOLARI DI SAN PAOLO. Roma, s.e, 1976.

DALLABRIDA, Norberto. As reformas religiosas e o nascimento da escolarização ocidental. **Comunicações**. Piracicaba, v. 25, n. 2, p. 207-223, maio-ago, 2018.

DANIEL-ROPS. **A Igreja da renascença e da reforma**. A Reforma protestante. São Paulo: Quadrante, 1996. Vol 1.

DANIEL-ROPS. **A Igreja do Renascimento e da Reforma – O Concílio de Trento e a obra dos santos**. São Paulo: Quadrante, 1999. Vol. 2.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do renascimento**. Lisboa: Estampa, 1983. Vol. 1.

DELUMEAU, Jean. **La confesión y el perdón: Las dificultades de la confesión, siglos XIII a XVIII**. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

DREHER, Norberto. Como entender as transformações da religião no século XVI. *In*: MAINKA, Peter Johann (org.). **A caminho do mundo moderno**: concepções clássicas da Filosofia Política no século XVI e o seu contexto histórico. Maringá: EDUEM, 2007, p. 177-194.

DUBOIS, Afonso. **Les Barnabites: Clercs Réguliers de Saint-Paul**. 3. ed. Paris: Librairie Letouzey et Ané, 1924.

DUNN, James D. G. **A teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003.

DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula**: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.

ERBA, Andrea Maria. **Antologia degli scritti**. Segni: EDIVI, 2006.

ERBA, Andrea Maria; GENTILI, Antonio Maria. **O reformador**: Santo Antônio Maria Zaccaria. Belo Horizonte: FURMARC, 2009.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1995.

FRACCALVIERI, Guerino Bento. **Os xxv primeiros anos dos barnabitas no Brasil**. Belém: Livraria carioca, 1928.

FRIGERIO, Ricardo M. **Médico y santo**. Madrid: Editorial Barnabita, 1970.

FUTATA, Marli Delmonico de Araujo. **Os jesuítas no Japão (1549-1597): os desafios da missão numa sociedade letrada**. Curitiba: CRV, 2020.

GALLEGO, Juan Maria Laboa. **Historia de los Papas: entre el reino de Dios y las pasiones terrenales**. Madrid: La esferas de los libros, 2005.

GARCÍA, Arturo Morgado. **Historia de la cultura em la edad moderna**. Cádiz: Universidad de Cádiz, 2017.

GENTILI, Antonio Maria. **Los Barnabitas: Manual de historia y espiritualidad de la Orden de los Clérigos regulares de san Pablo degolado**. Roma: Padres Barnabitas, 2012.

GENTILI, Antonio Maria. S. Antonio M. Zaccaria: appunti per una lettura spirituale degli scritti. In: **Quaderni di vita barnabítica**. Roma: Edizione dei Padri Barnabiti, 1980. Vol. 1.

GENTILI, Antonio Maria. S. Antonio M. Zaccaria: appunti per una lettura spirituale degli scritti. In: **Quaderni di vita barnabítica**. Roma: Edizione dei Padri Barnabiti, 1983. Vol. 2.

GHILDARDOTTI, Franco M. **I Barnabiti**. Napoli: [s.n.], 2010.

GOUDINHO, L. do S. C. Os Barnabitas no Pará nas primeiras décadas do século XX. In: Anais do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP, 1, 2014, Santos. **Anais**. Santos, ANPUH - São Paulo, 2014, p. 1-13.

GOUDINHO, Liliane do Socorro Cavalcante. **“A Palavra que vivifica e salva contra o mal da palavra que mata”: imprensa católica - Belém (1910-1930)**. 2014. 249 f. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

HERMANN, Jacqueline. Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FERREIR, J.; DELGADO, L. A. N. (org.). **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 121-160. Vol. 1.

HOLT, Bradley P. **Thisrty for God: a brief history of christian spirituality**. Minneapolis: Fortress Press, 2017.

HUFF-JUNIOR, Arnaldo Érico. Confessionalização e ortodoxia luterana: embates teológicos e políticos no século XVI e XVII. **Ciências da religião: história e sociedade**. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 6-26, 2009.

JEDIN, Hubert. **Concílios Ecumênicos**: história e doutrina. São Paulo: Editora Herder, 1961.

KELLER, Pe. Eugênio Dirceu. **A Igreja no Brasil**: das tribos indígenas às comunidades de base. São Paulo: FTD, 1988.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 10, p. 134-146, 1992.

LOGUTOVA, Margarita. 'Ama nesciri': Thomas a Kempis's Autobiography Reconstructed from his Works. *In*: HOFMAN, Rijcklof et al (org.). **Inwardness, Individualization, and Religious Agency in the Late Medieval Low Countries**. Turnhout: Brepols, 2020.

LUTERO, Martín. **95 teses**: edição comemorativa dos 500 anos da Reforma. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2017.

MACIEL, Rogerio Andrade. **Cultura material escolar e as representações de educação no sistema radiofônico para os caboclos "ingênuos" na Prelazia do Guamá (1957-1980)**. 2019. 353 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

MACIEL, Rogerio Andrade. **Sistema Educativo Radiofônico de Bragança: saberes da prática educativa na educação de jovens e adultos (1960-1970)**. 2014. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2014.

MADIGAN, Kevin. **Medieval Christianity: a new history**. New Haven: Yale University Press, 2015.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. *In*: PINSKY, Carla. Bassanezi; LUCA, Tania Regina. (org.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.

MANOEL, Ivan. A. **O pêndulo da história**: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960). Maringá: EDUEM, 2004.

MARSHALL, Peter. **Reforma Protestante**: uma breve introdução. Porto Alegre: L&PM, 2017.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja de Lutero a nossos dias**: o período da reforma. São Paulo: Loyola, 2014. Vol. I.

MARTINS, Vanessa Gandra Dutra. Reflexões sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da teoria da literatura. **Língua & Literatura**. v. 13, n. 20, p. 61-71, 2011.

MERCÊS, José Maria Ramos. **Barnabitas no Brasil 100 anos**. Belém: Sociedade Brasileira de Ação e Cultura (Província do Norte), 2003.

MICHELINI, Vittorio. **I Barnabiti**: chierici regolari di S. Paolo. Milano: NED, 1983.

MICHELINI, Vittorio. **L'anima della scuola**. S.l: s.e 1958.

MONDONI, Danilo. **E os cristãos se dividiram**: das reformas ao Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2015.

MONDONI, Danilo. **História e teologia da espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 2014.

MONTONATI, Angelo. **Fogo na cidade**: Santo Antônio Maria Zaccaria (1502-1539). Rio de Janeiro: Gráfica Stamppa, [s.d.].

MOURA, Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil**: passado, presente e futuro. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

MULLETT, Michael. **A Contra-Reforma e a reforma católica nos princípios da Idade Moderna européia**. Lisboa: Gradiva, 1985.

NUNES, Rui Afonso da Costa. **História da Educação no Renascimento**. São Paulo: EPU, 1980.

OLETO, Leila do Socorro Rotterdam; SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato. Intrépido e Incansável: A Atuação Educacional de Eliseu Coroli em Bragança, Pará, na Primeira Metade do Século XX. *In: InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*. Campo Grande, v. 18, n. 35, p. 105-130, jan/jun, 2012.

OLIVEIRA, L. H. M. de M. O projeto romanizador no final do século XIX: a expansão das instituições escolares confessionais. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 10, n. 40, p. 145–163, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639811>. Acesso em: 5 dez. 2020.

PASSOS, João Décio. Emergência do sujeito na Igreja. *In: PASSOS, João Décio (org.). Sujeitos no mundo e na Igreja*: reflexões sobre o laicato a partir do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2014. p. 25-43.

PEÑA, Angél. **San Antonio María Zaccaría devoto y admirador de San Pablo**. Lima: [s.n.], 2017.

PEÑA, Gabriela Alejandra. **História da Igreja**: vinte séculos caminhando em comunidade. São Paulo: Ave-Maria, 2014.

PLANS, Juan Belda. *Reforma católica y reforma protestante: su incidencia cultural*. **Hipogrifo**, Navarra, v. 7, p. 333-347, 2019.

PRATTA, M. A. **Mestres, Santos e Pecadores**: educação, religião e ideologia na primeira república brasileira. São Carlos: RIMA, 2002.

PRODI, Paolo. **Uma história da justiça**: do pluralismo dos foros ao dualismo moderno entre consciência e direito. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RATIO BARNABITICA. Roma: s.e, 1999.

REYNIER, Chantal. **Para ler o apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2012.

RIVERO, Pe. Antonio. **História da Igreja**: século a século. Juiz de Fora: Martyria, 2017.

RODRIGUES, Rui Luis. Os processos de profissionalização e sua importância para a compreensão da história do Ocidente na primeira modernidade (1530-1650). **Tempo**, Niterói, v. 23, n. 1, p. 1-21, abr. 2017.

SALOMONI, David. *Networks of Schools. The Diffusion of Religious Teaching Orders in Early Modern Italy (16th-18th c.)*. **Educazione**. Roma, v. VIII, p. 7-31, 2019.

SÁNCHEZ, Miguel A. Martín. Implicaciones educativas de la reforma y contrarreforma em la europa del renacimiento. **Cauriensia. Revista Anual de Ciências Eclesiásticas**, Cáceres, Espanha, v. 5, p. 215-236, 2010.

SCHERER, I. R. **Concílio Plenário na Igreja do Brasil**: história da Igreja no Brasil de 1900 a 1945. São Paulo: Paulus, 2014.

SILVA, Josiani Mendes. Gênese da educação escolar: um pouco de história. **Revista Igapó: Revista de educação ciência e tecnologia do IFAM**. Manaus, v. 12, n. 2, p. 104-117, dez, 2018.

SISNANDO, Pe. José Meireles. **Os barnabitas**: quadros históricos. Rio de Janeiro: [s.n.], 1976.

SISNANDO. Pe. José Meireles. **Santo Antônio Maria Zaccaria**: fundador dos Barnabitas e das Angélicas. Belo Horizonte: Velloso, 1970.

SKALINSKI JUNIOR, Oriomar. **O caminho dos jesuítas da mística à educação: dos Exercícios Espirituais ao *Ratio Studiorum***. 2007. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007.

SOARES, Carlos Rodrigo. O biblismo do barnabita Florence Dubois e os conflitos religiosos na primeira república. *In: Anais do VI Congresso Internacional de História*, 2013, Maringá. **Anais...** Maringá, UEM- Maringá, 2013, s.p.

TANNER, Norman P. ***Los concilios de la Iglesia***. Madrid: BAC, 2003.

TEIXEIRA, Faustino. Apresentação. *In: TOMÁS DE KEMPIS. Imitação de Cristo: com reflexões e orações de São Francisco de Sales e demais orações e salmos*. Petrópolis: Vozes, 2014, s.p.

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2000.

TOMÁS DE KEMPIS. **Imitação de Cristo**. Petrópolis: Vozes, 2015.

UNGER, Daniel M. The Barnabites Contribution: Veneration, Art, and Politics in the Representations of St. Carlo Borromeo in Bologna. ***Religion and the Arts***. Leiden, 20. ed, p. 553-586, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/29820119/The_Barnabites_Contribution_Veneration_Art_and_Politics_in_the_Representations_of_St_Carlo_Borromeo_in_Bologna_Religion_and_the_Arts_20_2016_553_586. Acesso em: 14 jun. 2020.

VEIGA-NETO, Alfredo. Algumas raízes da pedagogia moderna. *In: ZORZO, Cacilda; SILVA, Lauraci D.; POLENZ, Tamara (org.). Pedagogia em conexão*. Canoas: Editora da ULBRA, 2004. p. 65-83.

VILLAR, José Ramón. A constituição dogmática Lumen Gentium. *In: HACKMANN, Geraldo Luiz Borges; AMARAL, Miguel de Sales (org.). As constituições do Vaticano II: ontem e hoje*. Brasília: Edições CNBB, 2015. p. 141-199.

WOLFF, Philipe. **Outono da idade média ou primavera dos tempos modernos?**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZILLES, Urbano. **Antropologia teológica**. São Paulo: Paulus, 2011.